



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL – PPGAS

AMANDA RÉGIA AMORIM MORAIS DOS SANTOS

Muros do Mar: sinais de gentrificação nos espaços da pesca artesanal da Praia da Garça Torta, Maceió - AL.

Maceió, 2018

AMANDA RÉGIA AMORIM MORAIS DOS SANTOS

Muros do Mar: sinais de gentrificação nos espaços da pesca artesanal da Praia da Garça Torta, Maceió - AL.

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

Orientação: Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim.

Maceió, 2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

S237m Santos, Amanda Régia Amorim Morais dos.
Muros do Mar: sinais de gentrificação nos espaços da pesca artesanal da praia da Garça Torta, Maceió – AL / Amanda Régia Amorim Morais dos Santos. - 2019.
196 f. : il. color.

Orientador: Siloé Soares de Amorim.
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 189-196.

1. Sociologia urbana. 2. Garça Torta, Praia da (Maceió, AL). 3. Pesca artesanal. 4. Gentrificação – Alagoas. 5. Imagens. I. Título.

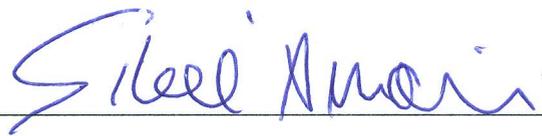
CDU: 316.334.56(813.5)

Folha de Aprovação

Amanda Régia Amorim Morais dos Santos

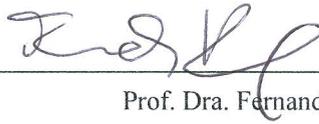
Muros do Mar: sinais de gentrificação nos espaços da pesca artesanal da Praia da Garça Torta, Maceió - AL.

Dissertação/Tese submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 21 de fevereiro de 2019.

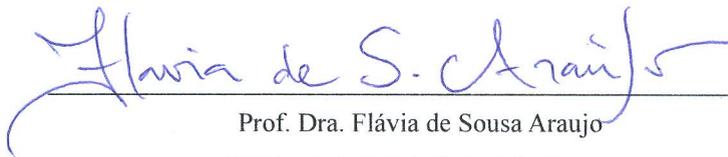


Orientador: Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim

Banca Examinadora



Prof. Dra. Fernanda Rechemberg
UFAL – Universidade Federal de Alagoas



Prof. Dra. Flávia de Sousa Araujo
UFAL – Universidade Federal de Alagoas

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Agradecimentos

Encarar e atravessar um mestrado em Antropologia Social foi uma cura pessoal, em que, através do exercício da alteridade, proporcionou-me autoconhecimento, compreensão dos limites e fronteiras do outro. Pela imensurável contribuição da Antropologia no meu olhar para o mundo, para as pessoas, para as ruas, calçadas, praças, para a fauna e flora e para o mar.

Primeiramente agradeço a minha mãe, Aparecida Amorim, a verdadeira mestre da arte de inspirar, que priorizou a educação como a maior riqueza que se pode ter. Por ela, para ela. Paralelamente, agradeço a Siloé Amorim, amigo e orientador, um verdadeiro professor. Grata pela gentileza da palavra, pela compreensão e pelo respeito.

Ao mar da Garça Torta, aos que por ele navegam, alimentam-se, sustentam-se e dão e pedem proteção. Aos amigos pela paciência, pelo apoio e diálogos inúmeros sobre o campo e suas peculiaridades. Ao companheiro, Rodrigo Policarpo, pelo amor, pelo incentivo e pela inspiração. Aos moradores, ex-moradores e visitantes da Casa 137, aos vizinhos, aos amigos interlocutores, aos novos amigos de longas caminhadas.

Aos companheiros de turma, especialmente, aos companheiros do GEAVI, Iara, Nuno, Silvia e Rose, com os quais compartilhei risos e dramas durante a jornada do mestrado. Ao corpo docente do PPGAS, com o qual tive a honra de presenciar verdadeiros espetáculos de compartilhamento de conhecimento. Foram dias de reafirmação da importância da figura do professor para a construção de uma sociedade consciente.

A Renata Czarny, Roberta Maia e Ulysses Lins pela parceria, paciência e contribuição para a construção deste material.

Grata a todos que permanecem de mãos unidas.

Resumo

O presente material contém um conjunto de observações e experiências, "de perto e de dentro" (MAGNANI, 2002), acerca do desenvolvimento urbano na praia da Garça Torta, situada no litoral norte da cidade de Maceió, Alagoas. Através das falas, imagens e interpretações de moradores antigos e nativos que tiveram a pesca artesanal como sua principal fonte de renda, acompanham o crescimento do bairro e hoje atravessam um processo de gentrificação que atinge diretamente na dinâmica de fluxos, serviços locais e interferências na paisagem do local, podemos compreender os impactos e consequências nas relações humanas e do meio ambiente que o crescimento urbano desordenado proporciona.

Palavras-chave

Pesca artesanal, Gentrificação, Imagem, Garça Torta.

Abstract

The present material contains a set of observations, images and experiences, "from near and within" (MAGNANI, 2002), about the urban development on Garça Torta beach, located on the north coast of the city of Maceió, Alagoas. Through the lines, images and interpretations of ancient and native inhabitants who had the artisanal fishing as their main source of income, accompany the growth of the neighborhood and today they are going through a process of gentrification that reaches directly in the dynamics of flows, local services and interferences in the landscape of the place, we can understand the impacts and consequences on human relations and the environment that the disorderly urban growth provides.

Keywords

Artisanal fishing, gentrification, image, Garça Torta.

*O bem do mar é o mar, é o mar/
Que carrega com a gente/
Pra gente pescar.*

Dorival Caymmi

SUMÁRIO

17	O AFETO É O QUE AFETA: O ESTAR, SENTIR, OLHAR E ETNOGRAFAR
18	1.1. Uma reflexão sobre o campo, a pesquisadora e o afeto
27	1.1.1 A morada na Garça
35	1.2. Fotografia como método e instrumento de mediação com o grupo pesquisado
36	1.2.1 A etnografia visual e descritiva
38	1.2.2 A interpretação
39	1.3. O espaço de pesca no retrato de Luciana: a construção da fotografia como método etnográfico
41	1.3.1 O autorretrato e os elementos de representatividade que o compõem
43	1.3.2 Fazendo o retrato: interpretações sobre a composição estética da imagem
45	1.3.3 A Mãe
47	1.3.4 O peixe e a balança
47	1.3.5 O pescador
50	A PESCA ARTESANAL E MEMÓRIAS DA GARÇA TORTA: CONFLITOS EM MAR
56	2.1 A pesca artesanal em Alagoas
60	2.1.1 A pesca artesanal na Garça Torta
63	2.2 Currais da Garça: narrativas e cartografias dos muros do mar
65	2.2.1 Os muros do mar
67	2.2.2 Amigos pra vida, pra pesca e pro bar
69	2.2.3 Negócios à parte
70	2.2.4 A paisagem e o saber fazer
75	2.3 Rumos e conflitos atuais da pesca de curral
75	2.3.1 “Eu ainda faço pesca artesanal mesmo.”
78	2.3.2 O mar não tá pra peixe
81	2.4 Avanço urbano e a ameaça à pesca artesanal
88	O ESPAÇO DA GENTRIFICAÇÃO NA GARÇA TORTA: CONFLITOS EM TERRA
89	3.1 Fronteiras, fluxos, híbridos da Garça Torta
93	3.2 Marival: de quem é a praia?

<i>100</i>	3.2.1 Contradição e segregação da faixa de areia: As construções, a vizinhança e os conflitos
<i>102</i>	3.2.2 A Garça Torta e o voo do setor imobiliário no litoral norte
<i>106</i>	3.2.3 Garça é Torta, mas não é suja: As construções, a morte do mangue e o lixo da praia
<i>109</i>	3.3 Titio ou Bar do Alan: da tradição à gentrificação
<i>114</i>	3.3.1 Bar do Titio
<i>116</i>	3.3.2 O Estacionamento: região moral e símbolo dos processos de reterritorialização da Garça
<i>119</i>	3.3.3 O sabor nativo do Bar da Garça
<i>125</i>	3.4 Rua Jurubeba: hibridismos e rachaduras
<i>133</i>	3.4.2 Martinho da Rua Jurubeba
<i>136</i>	3.4.3 É o progresso...
<i>139</i>	3.5 A verificação da gentrificação na Garça Torta
<i>144</i>	CRÔNICAS VISUAIS
<i>145</i>	4.1 A pesca artesanal
<i>145</i>	4.1.1 Chegança de Jangadas
<i>149</i>	4.1.2 As marés secas
<i>152</i>	4.1.3. Currais da Garça
<i>156</i>	4.1.4 A pesca, a pista e a fé
<i>160</i>	4.1.5 Pesca presente!
<i>163</i>	4.2 Gentrificação
<i>163</i>	4.2.1 Os gritos das placas
<i>166</i>	4.2.2 Muros e cercas
<i>169</i>	4.2.3 Duas orlas
<i>173</i>	4.2.4 Rachaduras
<i>177</i>	4.3 Derivas
<i>177</i>	4.3.1 Becos, puxados e entrocamentos
<i>181</i>	4.3.2 Garça Escura
<i>183</i>	4.3.3 Toda água e todo lixo corre para o mar
<i>186</i>	CONSIDERAÇÕES FINAIS
<i>189</i>	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APRESENTAÇÃO

Olhar para a gentrificação¹ na Garça Torta não estava nos meus planos ao iniciar o mestrado em Antropologia Social. A antiga ideia era de dar continuidade a uma pesquisa iniciada no Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social (SANTOS, 2013), um documentário que investigava os principais motivos do insucesso das tentativas de revitalização do bairro do Jaraguá; para tal continuidade, propus identificar as transformações nas identidades e vida cotidiana dos antigos moradores da Vila de Pescadores do Jaraguá que foram relocados para um conjunto habitacional. Ideia que caiu por terra após uma ameaça que recebi em campo. Esse fato abriu meus olhos e reflexões para duas situações: na primeira, perceber uma infeliz consequência das diversas investidas de revitalização do bairro que, apoiada por instituições privadas e públicas, transformou e vem transformando a vida de centenas de famílias que tinham a pesca artesanal como elemento identitário, além da própria sobrevivência. Na segunda, o perigo de ser uma mulher, munida de um equipamento fotográfico, em um campo determinado por regras do tráfico e do crime organizado - mais uma das consequências de processos urbanos como a retirada de antigas comunidades para um “melhoramento” ou “embelezamento” da área. O perigo já era esperado, porém, não anunciado. A partir deste ocorrido, veio à tona a possibilidade de pesquisar o bairro que até aquele momento era a realização de um desejo antigo de morar na região do litoral norte de Maceió, de uma possível mudança de vida - também relacionada ao início dos estudos em um campo ainda desconhecido, a Antropologia Social -, de um contato terapêutico com o mar. Instigada pelos debates na disciplina de Antropologia Urbana, 2017.1, ministrada pela professora Fernanda Rechemberg, trazia sempre em meus exemplos situações que aconteciam neste espaço para onde eu acabara de me mudar. Cada vez mais os becos, as ruas, a praia me mostravam dados para perceber a vida latente e contrária ao status ‘paz e amor’ do bairro da Garça Torta, sendo praticamente impossível não sentir, viver e observar a região com um olhar antropológico, ainda com a atenção voltada para os aspectos ligados à prática da pesca artesanal.

1 - Conceito que será trabalhado a partir do marco teórico de Niel Smith e Chris Hammet.

Minha relação com esse bairro foi iniciada com as frequentes idas à praia após as sessões de um grupo religioso ao qual eu era ligada. A região norte de Maceió abriga uma diversidade de grupos religiosos que procuram sítios para construir seus templos e projetos afins, como ecovilas e plantações. Também já era do meu conhecimento o movimento *Abrace A Garça*, de um grupo de moradores engajados em impedir um possível avanço urbano que ameaça o meio ambiente, as práticas tradicionais e a dinâmica de vida dos moradores do bairro, além de pleitear por melhorias na infraestrutura do bairro com um dos menores Índice de Desenvolvimento Humano - IDH da cidade. Em dezembro de 2016, quando comecei a morar na Garça Torta, o movimento estava parado devido a um racha entre os membros. Logo, iniciava a pesquisa com um cenário pertinente: a vista da minha janela, de onde eu podia observar as obras de construção do Riacho Doce Residence, a relação de tamanho dos muros e cercas com os conflitos sociais do bairro, a forte presença da pesca artesanal diariamente na orla e as cercas também presentes no mar, os currais.

Ao longo da morada, a observação de campo contínua foi inevitável. Dos mínimos detalhes, como as conversas através de gritos entre os caseiros das casas de veraneio e locais, os preços e produtos oferecidos no mercadinho Santa Terezinha - principal mercadinho da região -, as logomarcas de lojas de luxo nos sombreiros dos bares da orla, das placas e *outdoors* ao longo da rodovia AL-101 Norte, da visível segregação entre o lado da orla e o lado do morro. À medida que as teorias eram assimiladas, num árduo processo de ressignificação das formas de abordagens, das correntes de pensamentos a seguir, da percepção do comportamento e da agência de si mesmo, o campo transformou-se num território com diversas particularidades, contradições e conflitos. O momento era oportuno para compreender o início de um processo que aparentemente foi concretizado naquele meu primeiro campo de pesquisa, a Vila de Pescadores do Jaraguá. Daquilo que já era um fato consumado, tive a oportunidade de perceber seus sinais de ação no bairro que também originou-se de um povoado de pescadores.

Neste presente material, tenho a oportunidade de expor um olhar sobre a Garça Torta com a hipótese de que as fronteiras causadas pelo processo de gentrificação, fi-

sicas ou idealizadas, trazem impactos à prática e espaços da pesca artesanal no bairro. Focando a observação para a área de maior interesse econômico tanto para investidores quanto para pescadores, a orla da Garça Torta, utilizo a fotografia como método de diálogo com meus interlocutores e como forma de eternizar paisagens ameaçadas pelo abandono da tradição em busca uma vida melhor ou mais adequada às novas dinâmicas da região.

Início a escrita com uma etnografia sobre estar “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) do campo da pesquisa, das emoções e do “ser afetada” (FAVRET-SADA, 2005) pelo campo. Passagem necessária para compreender e me situar neste lugar de moradora e pesquisadora da Garça Torta, problematizando o distanciamento e a aproximação com o objeto da pesquisa, trazendo reflexões sobre a minha própria agência dentro do processo de gentrificação que se inicia por aqui - e mundialmente - nos anos 70, com a chegada do movimento hippie trazido por intelectuais, artistas e estrangeiros que buscavam no pacato povoado de pescador da Garça Torta - nesta época, ainda pertencente ao bairro Riacho Doce - um estilo de vida integrado à natureza e distante do fluxo urbano do centro da cidade de Maceió, que também passava por transformações de um processo recente de urbanização.

A experiência de morar no bairro torna mais vívida a sensação de conhecer com mais intimidade as relações locais, conquistar a confiança dos interlocutores, perceber as transformações físicas do espaço, interpretando as paisagens e as situações diárias. Mesmo assim, não se nega o distanciamento do objeto quando pensamos no local de agência. Mesmo que de dentro e de perto, ainda são distantes as memórias e as lógicas de sobrevivência entre o homem e a natureza nativos do bairro. Ainda é de grande trabalho compreender e interpretar os sistemas de organizações, além dos interesses pessoais destes que ora falam sobre tradição e preservação, ora trocam suas identidades em prol de uma melhor forma de sobrevivência.

Ainda neste momento, falo sobre a escolha do uso da fotografia como método para coleta de dados etnográficos, como instrumento de mediação entre a pesquisadora e interlocutores e também de composição da escrita etnográfica. O uso da fotografia

em campo e o uso das imagens na composição etnográfica nos permitem explorar a aproximação do leitor com os espaços, personagens, situações e experiências.

No segundo capítulo, abordo a memória (HALBWACHS, 1990) da pesca na Garça Torta através do olhar de antigos pescadores da região, buscando em suas memórias mais antigas até seus trajetos atuais de vida, histórias, conflitos, saberes e anseios sobre a atividade tradicional a pesca. Utilizando os currais como um elemento que cerca o passado e o presente, passo a compreender os limites de território do mar, ainda dentro da discussão sobre fronteiras e paisagens da praia. A analogia entre os currais e as cercas que delimitam terrenos, os muros que distanciam as realidades locais e as armadilhas da gentrificação é inevitável diante do risco de desaparecimento da técnica devido a diversos entraves causados pela urbanização na região de aspectos ambientais, econômicos e sociais.

Estão nesse capítulo sujeitos que, através da pesca artesanal, constroem e desconstróem seus muros, seus territórios materiais e imagináveis, suas relações com o meio, suas reflexões sobre o avanço urbano e seus processos de territorialização, reterritorialização e desterritorialização. Ouvindo histórias de vida, memórias coletivas e individuais e relatos, proponho uma etnografia dos espaços da pesca artesanal, compreendidos como locais possíveis de se encontrar através de observação participante de dentro e de perto (MAGNANI, 2002).

No terceiro capítulo descrevo sobre os espaços de pesca e suas fronteiras (HANNERZ, 1997) físicas e imaginárias, etnografando os fluxos percebido ao longo da pesquisa na região da orla que dividi por Área 1 e Área 2 e compreendendo a ação do fenômeno da gentrificação (SAVAGE E WARDE, 1993; SMITH, 1996; SORANDO E ARDURA, 2016) nestes espaços. A escolha se deu com base em interpretações dos movimentos, usos, contradições e conflitos sociais durante a observação do campo na orla da Garça Torta, espaço de grande interesse econômico para moradores, investidores e pescadores. O bairro é herança do processo histórico de ocupação e formação territorial ocorrida no País que se caracterizou pelo desenvolvimento urbano e industrial concentrado, desigual na zona litorânea e sublitorânea e, também, como parte de

um processo e um contexto global, que em diferentes momentos históricos esta região se integra/articula, fragmenta/desarticula ao movimento da economia nacional e internacional, gerando modelos que buscam atender uma lógica hegemônica.

Através do crescente impacto gerado por projetos e obras dessa natureza, orientados por empreendimentos imobiliários e serviços voltados, em grande parte, para um turismo elitizado, surge uma série de complicações: ocupação desordenada do solo, desfiguração da paisagem natural, interferências sobre a cultura local, problemas de saneamento básico, privatização dos espaços públicos e processos equivocados de inserção de novas arquiteturas espetacularizadas. Meu interesse no capítulo 3 é justamente compreender essas interferências pelas narrativas e história de vida compartilhadas pelos interlocutores para esta pesquisa.

Finalizando este trabalho, apresento crônicas visuais realizadas ao longo da morada enquanto pesquisa e pesquisa enquanto morada. São imagens de situações, detalhes, descobertas em campo e derivas pelo bairro, acompanhadas de recortes do diário de campo, de diálogos com interlocutores, de narrativas acerca do cotidiano da Garça Torta e de interpretações dos símbolos através do discurso da Antropologia da Imagem. O uso da fotografia foi fundamental para o início, desenvolvimento e finalização desta pesquisa, abrindo portas, mostrando novos ângulos, revelando paisagens, cenários, dando validade ao “estar lá”, “permitindo registrar o que dificilmente conseguimos descrever em palavras” (NOVAES, 2014).

CAPÍTULO 1

O afeto é o que afeta: o estar, sentir, olhar e etnografar



1.1. Uma reflexão sobre o campo, a pesquisadora e o afeto

Magnani propõe que a antropologia, quando realizada na cidade, deve ao mesmo tempo ser na e da cidade. Preocupar-se tanto com os processos sociais que nela ocorrem quanto com o modo como esses alteram e são alterados pelos espaços urbanos. “A vida urbana é cada vez mais mediada por ‘conexões sistêmicas não configuráveis’ e ‘as aglomerações urbanas emanciparam-se do velho conceito de cidade ao qual, no entanto, se apegamos nosso coração’.” (MAGNANI, 2012, p. 313).

Uma maneira de identificar essa ‘forma-cidade’ é construir um quadro comparativo com outros modelos de assentamentos humanos cujos traços constitutivos mínimos possam servir de contraponto para a descrição de suas características estruturais. (MAGNANI, 2012, p. 314)

Em outras palavras, o autor afirma que as cidades, a partir das quais os antropólogos urbanos falam, não devem servir apenas de cenários para a pesquisa e, por outro lado, concomitantemente, os processos mais gerais e estruturais que influenciam na formação das cidades, como os processos socioeconômicos e políticos, não podem ser os únicos focos.

Como tipo-ideais, essas três modalidades [acampamento, aldeia e cidade] não devem ser tomadas numa perspectiva cronológica (e menos ainda evolutiva): para além dos inúmeros formatos e combinatórias que possam exibir, desde tempos remotos até a atualidade, poderiam ser definidas com base em alguns poucos elementos estruturantes, capazes de estabelecer contrapontos comparativos entre modos de vida, disposição espacial, sistemas de prestações, formas de organização social. (p. 315).

O pesquisador não apenas se depara com o significado do arranjo do nativo, mas, ao perceber esse significado e se conseguir descrevê-lo nos seus próprios termos, é capaz de apreender essa lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores e percepção. (MAGNANI, 2009, p. 134)

A partir das minhas experiências etnográficas, da percepção e das emoções no campo, analiso a relevância da proximidade – em seus diversos graus – do antropólogo na interação com os sujeitos observados. A etnografia, marcada pela relação com os



Foto 2 - Todos os dias há movimentação na Colônia de Pescadores Z1, seja na balança, seja no palhoção e no estacionamento das embarcações. 16 de Novembro de 2017.

outros, distantes tanto no sentido cultural quanto espacial, foi bastante exercida e criticada. A autoridade etnográfica é objeto de constante reflexão na história da construção da identidade do antropólogo, seja para enfatizar o lugar e o papel da objetividade científica do saber antropológico ou para qualificar a presença dos distintos atores envolvidos na etnografia (GEERTZ, 1983; CLIFFORD, 2002). Portanto, vale aqui afirmar uma relação simultânea de distanciamento e aproximação, em que ora falo das minhas próprias experiências como forma de identificar pontos de dinâmica urbana e social na região, ora me afasto das experiências e memórias dos meus interlocutores, antigos moradores e pescadores da Garça Torta.

A explicitação ou não da experiência do antropólogo em campo no texto etnográfico é ponto de divergência no que se refere à validade metodológica dos resultados. Estar inserido no campo, distante do cotidiano do pesquisador, seria condição de acesso ao conhecimento científico e de produção. O duelo entre objetividade e suje-

tividade na pesquisa etnográfica é intenso, assim como o duelo razão *versus* emoção. Para Rosaldo (1989, p. 21), termos como objetividade, neutralidade e imparcialidade são, necessariamente, referidos a posições subjetivas na análise empreendida pelas ciências sociais. Para Crapanzano (1994, p. 110), a reflexão antropológica sobre as emoções reflete uma atitude ambivalente face aos afetos.

A inserção e pesquisa do antropólogo em um campo já conhecido, mas, sobretudo, vivenciado, levanta suspeita sobre a autenticidade, verdade ou capacidade de aplicação do método. As perguntas mais frequentes são: até que ponto o antropólogo é capaz de analisar a aproximação e o afastamento em relação ao que é pesquisado quando está inserido no mesmo espaço? Quais os limites do que se pode ou não investigar? A quem é atribuída a tarefa de delimitar a fronteira da diferença com o outro? Qual a importância da demarcação deste limite?

Esses questionamentos sempre válidos tornam-se um exercício constante de alteridade e relativização das informações recebidas em campo, interpretadas ao longo da experiência antropológica e de reflexão sobre a posição e/ou comportamento enquanto pesquisadora e moradora da Garça Torta.



Foto 3 - Moradores nativos que permanecem próximos à orla da Praia da Garça transformam suas casas, ou puxadinhos, em estabelecimentos comerciais. 13 de Fevereiro de 2018.



Foto 4 - No início da morada na Garça Torta, quase não se via o prédio da Foto 4. Ao longo de dois anos, a construção já transformou drasticamente a paisagem do bairro. 11 de Novembro de 2018.

Diariamente sou afetada pelo meu campo. Às 7h, já é possível ouvir a sirene de entrada dos trabalhadores da construção de um prédio residencial de 20 andares que está sendo construído a aproximadamente um quilômetro da minha casa. O som da obra é constante e se mescla ao som da maré alta, das conversas em tom de gritaria na rua, entre os caseiros e personagens da Garça Torta.

O tema de minha pesquisa transita entre o mar, junto aos pescadores, registrando suas diversas práticas de pesca, e o mercado imobiliário que vem proporcionando uma gentrificação no bairro, conceito aqui entendido a partir de Savage e Warde (1993), Smith (1996) e Sorando e Ardura (2016). Levantando a hipóteses de que o avanço imobiliário, através do processo de gentrificação, pode causar impactos à pesca artesanal, delimitarei a faixa da orla da praia entre o Condomínio Morada da Garça e a Rua Jurubeba, para acompanhar, compreender e etnografar as percepções dos pescadores e seus espaços, mas acabo colocando em reflexão a minha própria presença em campo.

Chegar e sair do bairro são dados pertinentes para analisar um dos aspectos da gentrificação no bairro e, também, a forma como sou afetada pelo campo. Por estar entre os novos destinos “paradisíacos” – termo utilizado pela publicidade dos novos prédios residenciais, a região do litoral norte de Maceió – e só existir uma via de acesso a esses locais, a BR litorânea 101, durante o verão o trajeto de dois quilômetros que se faz de Jacarecica à Garça Torta leva uma média de 40 minutos devido aos congestionamentos que se formam tanto no horário da manhã, quanto da tarde, afetando a dinâmica dos moradores do bairro. No meu caso, organizo meus horários de atividades fora do bairro de acordo com os períodos de baixo fluxo de carros e, por também utilizar transporte público, percebo que vários personagens que encontro em horários similares também mudaram seus horários devido a essas alterações no fluxo da rodovia.

Outro dado interessante sobre a rodovia é a quantidade de ônibus, micro-ônibus e vans de empresas de turismo. Fiz a experiência de passar 1 hora observando o trânsito da AL-101, em um período de alta temporada, entre o período de 7h30 às 8h30, no dia 27 de dezembro de 2017. O resultado obtido foi de 47 vans, 38 micro-ônibus e 27 ônibus (incluído ônibus de dois andares). Mesmo sendo uma quarta-feira, o congestionamento durante o retorno destes transportes – geralmente entre as 16h e 17h - é caótico.

Em dezembro de 2017, a linha de ônibus UFAL - IPIOCA, uma das principais linhas da região, que dá acesso à parte alta da cidade, parou de circular¹. Apesar de a mudança ser sistematicamente mais interessante para a Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito - SMTT, segundo moradores, a mudança não foi economicamente viável, já que muitos não possuem o cartão Bem Legal que possibilita pagar um preço mais barato pela viagem.

Em conversas com amigos, colegas de mestrado e vizinhos – sempre informantes –, meu posicionamento em relação aos problemas sociais do bairro é questionado, muito provavelmente por pesquisá-lo e, sobretudo, viver nele. Respondê-los não é

1 - CF.: Linha de ônibus Ufal-Ipioca vai ser modificada a partir deste sábado | Alagoas | G1 <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/linha-de-onibus-ufalipioca-vai-ser-modificada-a-partir-deste-sabado.ghml>

uma tarefa fácil e, geralmente, não consigo dar uma resposta que satisfaça as indagações. Sempre prezo pela resposta imparcial, tentando examinar a polaridade das consequências desse avanço urbano.

As respostas que mais me interessam em campo são as impressões e reflexões dos primeiros moradores da região, os pescadores, em relação à chegada das construções verticais no bairro. Para eles, dois casos principais marcam os conflitos com essas construções: uma foi a construção do condomínio em cima do mangue, o que, segundo eles, “matou a vida perto do rio e aumentou o esgoto jogado na praia” (TONHO e NÉ, 2018), e a outra se refere aos refletores do prédio Riacho Doce Residence voltados para a orla, iluminando a bancada de recife – com o objetivo publicitário de ressaltar a beleza natural do local – e afastando as espécies que têm hábitos noturnos, prejudicando a pesca de lagosta e polvo, por exemplo. Após muitas discussões entre os pescadores moradores da Rua Jurubeba e responsáveis pela obra, que fica ao lado do prédio em construção, os refletores foram desligados. O vice-presidente da Associação de Moradores da Garça Torta manifestou, por outro lado, o intuito de instalar refletores na orla a fim de construir um espaço de lazer para os moradores.

Já que o pessoal aqui não tem muito o que fazer a noite, já que tá tudo perigoso e escuro, eu pensei em colocar uns refletores ali perto da balança. Colocar uns banquinhos também, quem sabe até uma pracinha. Vai ser bom para o pessoal que joga um futebol, para os meninos brincar, para ter onde se encontrar (JOTA, 2018. Em conversa durante uma das reuniões da AMGT).

Não me basta apenas conhecer esses conflitos imediatos, pois também é interessante o questionamento sobre o destino sociocultural da região com o avanço urbano. As características do processo de gentrificação são sutis e, apesar do barulho das obras, agem silenciosamente com promessas de embelezamento e melhorias no bairro, desde sombreiros estampados com marcas de lojas de classe alta, festas promovidas por cervejas artesanais até o estímulo do mercado que faz o pescador abandonar ou deixar a pesca como ofício secundário para dar início ao empreendedorismo através da criação de bares, restaurantes, mercadinhos, pontos comerciais ou serviços que pos-

sam suprir o número crescente de moradores no local. Teoricamente, tenho uma gama de referências e informações (DEVOS, 2013; DOS ANJOS, 2006; CALDEIRA, 2000; ARANTES, 2000) que me fazem prever muitas consequências negativas acerca do fenômeno da gentrificação na Garça Torta, porém, não são de fácil absorção e percepção e dificilmente estão ao alcance tanto dos pescadores, quanto dos compradores desses novos prédios residenciais. Mesmo tendo essas informações e sabendo a gravidade do processo que, hipoteticamente, se iniciou em meados de 1920, com a descoberta de petróleo na região e a chegada de grandes barões e que se estende por épocas que podem ser pontuadas através de uma revisão histórica, devo procurar a imparcialidade no texto etnográfico, trazendo-o sempre para as percepções atuais e próximas.

Dentro do processo de escrita, já recebi observações e críticas sobre a minha posição chamada de militante ou romântica, com a argumento de que devo me atentar para que minha dissertação não venha a ter um discurso influenciado por questões políticas. Enquanto pesquisadora, tais advertências podem ser úteis e válidas para direcionar minha escrita para uma possível imparcialidade e objetividade durante a observação e interpretação dos dados em campo. Porém, no meu cotidiano, essas orientações não são tão válidas. Tendo em vista minha proximidade com meu objeto de pesquisa, em diversos momentos é difícil não expressar e não ser afetado (FAVRET-SAADA, 2005). A partir destas considerações, indago se são possíveis discursos que não sejam emocionais.

Para Crapanzano (1994, p. 112), é evidente que toda enunciação contém uma dimensão afetiva, expressa no estilo do texto. Ela pode ser sublinhada, ignorada, mascarada ou negada no discurso. Para ele, a ideia de um discurso emocional deve ser próprio da teoria (ou da ideologia) das emoções, em um dado contexto. Os afetos – nomeados, atribuídos ou representados – e a própria concepção de emocional compõem a organização conceitual das paixões de uma sociedade. Desta forma, afirmo a possibilidade de reflexão, escrita e percepção do bairro, tomada pela emoção que reflete da experiência em viver no próprio campo de observação.

Foto 5 - Na imagem é possível observar uma situação que se repete principalmente nos dias de chuva, porém, ver a rua com córrego de água também significa que o vizinho da primeira casa da rua está usando a máquina de lavar roupas. 8 de Maio de 2017.



Em conversas com Luiz Antônio - ou Totói, como é conhecido entre os pescadores da Garça -, um importante interlocutor na pesquisa, responsável por facilitar o encontro e a abertura de diálogo com diversos interlocutores e também pesquisador do bairro, sendo o responsável por fazer um levantamento de dados históricos importantes para a produção do documento de tombamento de ruas do bairro Garça Torta e Riacho Doce, pegamo-nos em algumas tentativas de fazer lógicas para entender o porquê deste fato. Luiz é natural de Campinas-SP e pesquisa os modelos econômicos da região, tem um olhar romântico ao observar e retratar o bairro onde viveu por 13 anos, ao mesmo tempo em que lamenta os rumos urbanos do bairro. Logo, ao observar uma degradação no bairro que afeta, sobretudo, o sistema da pesca, torna-se difícil manter a imparcialidade na interpretação da análise dos dados observados e vividos em campo.

Uma das coisas que realmente parece ter acontecido na antropologia ao longo dessas últimas três décadas, foi uma espécie de radicalização progressiva da questão de como estabelecer uma relação entre o que os outros dizem e fazem com o que nós dizemos e fazemos. No melhor dos casos, quer dizer, na antropologia que creio valer a pena, essa questão assume a forma de um desafio que tem um cunho epistemológico, mas também ético e político: como proceder, de modo a não reproduzir, no plano da produção de conhecimento antropológico, as relações de dominação a que os grupos sociais que estudamos se acham submetidos? Nesse sentido, as teorias antropológicas devem ser encaradas menos como um ponto de chegada no processo da pesquisa do que como o ponto de partida e o meio de uma investigação etnográfica que as coloca sob crítica das ideias e práticas dos grupos estudados. (GOLDMAN, 2006, P. 169)

A desconfiança ou descrença em torno da metodologia adotada é o ponto central das críticas às pesquisas que rompem com a distância e provocam a relação pesquisador-objeto. Por mais que as reflexões sejam pertinentes e levantem discussões relevantes, às vezes relatar a proximidade pessoal do antropólogo com o campo dificulta ou impede a validação de seus resultados pelos pares. Estes tendem a exigir a razão científica, sugerindo a possibilidade de imparcialidade nas reflexões, pelo envolvimento emocional do pesquisador. Por um lado, estar próximo aparenta familiaridade, no mínimo, para experienciar mais proximamente as dinâmicas do campo.

Na mesma medida, este conhecimento é tido como impreciso, condição que invalidaria a inserção e o valor acadêmico. Esquece-se que o antropólogo apreende, aperfeiçoa e desenvolve instrumentos de pesquisa durante anos. Até o que seria uma "familiaridade familiar", como classifica Bourdieu (2005), passa por um processo de reflexão, que não exclui o que foi incorporado. Não é o mesmo olhar que está em jogo quando o pesquisador se dirige para pesquisar em campos com os quais mantém envolvimento afetivo. Segundo Bourdieu (2005, p. 89), pesquisar "um mundo social que conheço sem conhecer, como sucede em quaisquer universos familiares", requer uma "verdadeira conversão epistemológica".

Com a análise do afeto para a construção da etnografia busco enfatizar a agência do pesquisador em campo. Neste caso, em nível de reflexão e problematizando o estar "de perto e de dentro", busco demonstrar que ao mesmo tempo em que proponho

a realização de uma pesquisa em busca de compreender processos urbanos e suas consequências para a pesca artesanal no bairro da Garça Torta, sou uma agente causadora do impacto, de forma que reproduzo o processo de gentrificação, mesmo que despertando os olhares sobre o fenômeno, contribuindo para a intensificação dos conflitos sociais, à medida em que se constroem cercas, muros e andares.

No sentido prático da pesquisa, a preocupação com ser afetado para a produção etnográfica do campo Garça Torta surge em efeito de perceber-se como um sujeito afetado pelas diversas consequências supracitadas pelo processo da gentrificação que em cada ida ao campo se tornaram mais reais. Parte do que me motiva vem do desejo de preservar imagens, paisagens, histórias e narrativas de um espaço-tempo, de uma minoria invisibilizada pelos muros altos ou pela beleza natural da praia do bairro da Garça Torta, a fim de despertar por meio desta pesquisa o olhar para se reconstruir caminhos que brevemente serão cercados e privatizados. Este capítulo contém experiências próprias, ressonantes da urbanização que avança na região, dos andares, muros e cercas instalados por construtoras, pelo poder público ou pelos próprios moradores do bairro. Por estar “de dentro e de perto” (MAGNANI, 2002) trocando estas experiências com meus interlocutores, tomo o capítulo como uma síntese das emoções, das sensações e do cotidiano da vida tão idealizada de morar na Garça Torta.

1.1.1 A morada na Garça

Minha casa é situada na Travessa São Pedro, rua de saída para a praia no último acesso à praia da Garça para quem vem do centro de Maceió e primeira rua de acesso para quem vai para o centro da cidade. A rua é perpendicular à principal da Garça, a Rua São Pedro. O Restaurante Lua Cheia, tradicional restaurante de culinária francesa, é o ponto de referência para acessar a rua, já que está em frente à rua. Moro na casa 137, em uma rua com muitos casarões, ao todo, 11 casas. Cinco delas são de veraneio e em seis moram famílias que se instalaram na região nos anos 80 e 90. Todo o terreno da região pertencia à família Dos Anjos e esta iniciou as divisões do grande



Foto 6 - Somente cinco das dez casas da Rua Travessa São Pedro têm moradores. As outras são casas de veraneio, frequentadas durante o verão ou alguns fins de semana do verão. 23 de Março de 2017.

terreno com presença de plantas Jurubeba, fato que deu nome à rua da qual falarei mais adiante. Essa região ao norte do bairro é de extremo contraste socioeconômico e arquitetônico com a região sul, onde, apesar das modificações ao longo do tempo, foi uma região povoada por pescadores e seus familiares durante um período longo da história do bairro, sendo uma das áreas onde o mar é aberto e facilitando a entrada e saída das embarcações.

Moro em uma casa compartilhada com três mulheres, todas estudantes universitárias. Todas, praticamente, chegaram até a casa pelo mesmo motivo que eu e em situações similares à minha. Nossa casa é uma das duas únicas casas de muro baixo, sem proteção de redes elétricas e cadeados no portão.

Mesmo com alguns cartazes nos postes alertando os donos de carros a retirarem seus pertences devido ao alto índice de roubos, raros foram os momentos em que sentimos algum tipo de intimidação ou insegurança. Nossa casa é conjugada, sendo a



Foto 7 - A casa em que moro e a do lado são as duas únicas com muros baixos. Ambas foram construídas no mesmo ano, 1982. A placa em frente a minha residência contém: "Coloque o lixo no lixo. A Garça é Torta, mas pode ser limpa...".



Foto 8 - S. Nelson é o caseiro da residência de veraneio em frente à nossa casa. Ele trabalha para a mesma família há mais de 20 anos e é nativo do Riacho Doce. Todos os dias, ele chega para o ofício antes das 7h e sai após as 17h. Durante vários fins de semana ele também vai à casa, geralmente quando os donos ou familiares estão. Nestes quase dois anos, apenas uma vez vi S. Nelson receber sua própria família no trabalho. 17 de Dezembro de 2017.

nossa com entrada principal e a outra com entrada por trás, a qual é alugada por uma família que mora no Aldebaran, um condomínio de luxo na parte alta da cidade de Macaíó e só vem à casa nos fins de semana. Temos uma relação cordial com os vizinhos. Além deles, nosso contato mais frequente da rua é o caseiro da casa da frente, senhor Nelson, que faz a manutenção da residência do médico neurologista Fernando Gameleir, cuja casa tem a extensão de quase todo o quarteirão..

Todas as casas da rua foram construídas onde antes era apenas um terreno com coqueirais e jurubebas e pertenciam à família do falecido pescador S. Lira, uma figura importante na história da pesca artesanal na Garça Torta.

Aqui podemos perceber o contraste arquitetônico e a forma como esses muros são realmente delimitadores e nos distanciam da realidade do território. Os muros que nos limitam ao contato com a rua agem tal qual minha proximidade e distanciamento com o objeto de pesquisa, estou dentro e próxima, como moradora do bairro da Garça



Foto 9 - O entulho está em frente ao terreno do catador Flávio, conhecido como Marquito, que faz coleta de lixo e material reciclável, frete e materiais de demolição diariamente, com uma carroça. Também no terreno deixa sua égua durante a noite. 23 de Março de 2017.

Torta, e atravessando situações similares às dos sujeitos do meu objeto de pesquisa; ao mesmo tempo em que estou fora e distante, quando estou situada em uma zona de contraste econômico e arquitetônico e pesquisadora a fim de buscar uma imparcialidade sobre minhas interpretações de dados em campo. (MAGNANI, 2002)

A experiência de morar, socializar e interagir dentro do seu próprio universo de pesquisa está longe de ser uma experiência corpórea onde se estuda magia, feitiçaria, entidades ou fenômenos cósmicos, mas, certamente, sou agente e afetada pela dinâmica das transformações urbanas na Garça Torta.

No bairro que é sonho de morada para muitos, atravessamos com frequência a falta de água, quedas de energia elétrica, além de deficiência nos serviços de limpeza urbana, iluminação pública, drenagem das ruas, saneamento e internet, por exemplo. Para a maioria dos moradores do bairro, esse descaso com os serviços básicos de infraestrutura resultam em dias sem aula da escola, no descongelamento dos pescados e bebidas estocados, tanto para venda, quanto para abastecimento dos bares e restaurantes, além de outras atividades do cotidiano que trazem caos à região. Apesar de o aterro sanitário ficar a menos de cinco quilômetros da praia – podendo até sentir o cheiro do gás metano em dias de *terral*², durante o verão, época de férias em que quase todas as casas estão ocupadas, o lixo chega a triplicar³ e as ruas ficam abarrotadas, atraindo porcos, cachorros e animais que abrem ou derrubam sacolas, espalhando ainda mais o lixo pelas vias.

A ausência de ação do poder público na iluminação e segurança do bairro parece ser um fator de medo para muito moradores, principalmente jovens que durante a noite evitam ocupar as ruas. Os relatos de assaltos e de tentativas de estupro, além de conflitos constantes entre traficantes de drogas das regiões do Benedito Bentes e Riacho Doce são inúmeros ao longo da minha pesquisa na região. Além da praça em frente à Igreja São Pedro, de aproximadamente 10m², equipada com quatro bancos e um pneu de trator que serve de pula-pula para as crianças, apenas alguns trechos das

2 - Vento que vem da terra e vai para o mar.

3 - Informação dada por um catador de lixo e carroceiro, Marquito, que deposita entulhos e materiais recicláveis em frente a um terreno arrendado na rua em que moro.



Foto 10 - Os porcos já são bastante conhecidos pelos moradores da região. Eles fogem - ou o dono os liberta, segundo o que dizem alguns moradores - de um sítio em Riacho Doce e atacam os lixos das ruas da Garça Torta e Riacho Doce. Além de um perigo constante da Rodovia, os porcos bagunçam as cestas de lixo, dificultando a coleta. 11 de Novembro de 2017.

calçadas da rodovia são espaços de convívio dos moradores da Garça Torta.

Há sempre uma tensão em manter distância nestes espaços em comum. Por estar sempre em campo, portando cadernos ou equipamentos audiovisuais, já sou uma personagem conhecida da região: a fotógrafa da Ufal. Ao mesmo tempo em que esse estigma me traz a sensação de conforto, por facilitar o contato com os sujeitos da pesquisa, traz o peso do estigma de pesquisadora universitária – que vive em uma casa localizada na “parte rica”, como é conhecida entre os moradores do bairro, e abre possibilidade para interpretações de condições financeiras mais favoráveis – e trabalha uma minoria de baixa renda com condição cultural em ameaça, os pescadores.

A dinâmica da pesquisa dentro do campo em que moro trouxe-me, também, uma responsabilidade ética e moral dentro da minha conduta. Por ser uma região litorânea, as regiões morais (PARK, 1979) concentram-se na orla. A praia é uma região de lazer e de trabalho tanto para mim quanto para os sujeitos de minha pesquisa. Nessa

relação, diversas vezes sou orientada a evitar “misturar as coisas”, tendo que prezar pelo bom convívio com a vizinhança, evitando, assim, fofocas ou pouca credibilidade com a importância da pesquisa.

Outro ponto que vale ressaltar é a minha participação em reuniões da associação e de movimentos que têm como objetivo discutir as transformações sociais, econômicas e urbanas do bairro. Aqui remeto ao fato de que o maior interesse em participar, discutir e sugerir pautas destes debates é, em maioria, de indivíduos não nativos. Em conversas informais com meus interlocutores, o motivo que mais os afasta destas reuniões sugeridas pela Associação de Moradores da Garça Torta - AMGT ou do Abrace a Garça é a estreita ligação com a política. O partidarismo ou a ligação destes movimentos com políticos – que possuem casas de veraneio ou frequentam constantemente a praia – é visto de forma negativa pela maioria dos pescadores com que tive contato. Em muitos momentos da pesquisa perguntaram-me se eu era membro do Abrace a Garça, e que caso eu fosse, não queriam perder tempo de conversa.

É importante destacar que o perfil de membros dos movimentos referidos é bastante diferente – a Associação de Moradores da Garça Torta - AMGT atende um público de baixa renda econômica, já o Abrace a Garça é formado por moradores da região da orla, intelectuais e com alta e média renda econômica, mas ambas atravessam momentos de reestruturação após a divisão do grupo devido aos interesses políticos dos membros. Enquanto a Associação de Moradores da Garça Torta, formada por 123 membros, tenta reestruturar-se economicamente – em maio de 2018 o grupo mudou de sede, após parte do grupo não admitir que o aluguel da sede fosse pago pelo vereador Chico Filho – e estabelecer uma independência administrativa. O Abrace a Garça, que nas recentes reuniões não ultrapassam o número de dez presentes, também passa por uma crise com a saída de diversos membros da diretoria, ditos de esquerda, logo após o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, de acordo com conversas de membros internos de ambos os grupos.

Percebendo este campo minado de interesses no bairro, preferi me manter como espectadora dentro destes assuntos e pautas dos movimentos, sendo participativa

apenas com auxílio profissional – produzindo *banners*, textos, mídia - para a produção de eventos de entretenimento jovem, alheios aos já propostos por esses movimentos.

O distanciamento do objeto é um exercício praticado enquanto coloco minhas observações no diário de campo, não apenas ao descrever minhas observações, mas também é um lugar de despejar as sensações, os sentimentos, as malícias, as reações e as memórias de relações pessoais que, geralmente, transformam-se em amizades ou contato contínuo. Por ainda estar dentro do campo e ainda em pesquisa, busco não determinar métodos preconcebidos pelas teorias, pois acredito que a melhor forma de estar em campo é estar integralmente.

Favret-Saada (2005, p. 158), ao distinguir sua metodologia do estilo inaugurado por Malinowski e sua linhagem, assinala que “o diário de campo era para eles um espaço íntimo onde podiam enfim se deixar livres reencontrar-se fora das horas de trabalho, durante as quais eram obrigados a representar diante dos nativos”. Para a autora, o diário não representa “um espaço de recreação”, mas um instrumento que fundamenta uma “operação de conhecimento”, que está dissociada da noção de “empatia”.

Assim, compreendo que é de muita importância, no processo de minha pesquisa, sinalizar minhas condições pessoais dentro do campo não só como para facilitar o processo de compreensão para pares e possíveis leitores da escrita, mas, sobretudo, para expor uma relação além da pesquisa, uma relação que começa a existir momento antes mesmo de se iniciar a pesquisa, – quando senti e percebi as nuances do campo, como todos os imponderáveis da vida real (MALINOWSKI, 1922) da Garça Torta e que há o que se conhecer na vida e no comportamento e nas piscadelas (GEERTZ, 1989) dos pescadores da Garça Torta.

Descrever o outro com uma aparente neutralidade, sem emitir valores pessoais nem deixar claro o processo de troca de experiências entre pesquisador e nativos é aceitar a crença na objetividade do cientista. No entanto, para compreender, entender e apreender o universo nativo é preciso contar com a sensibilidade e subjetividade do antropólogo. Na busca e acreditando que existe uma verdade única ou uma conclusão, as percepções, experiências e aprendizados em campo tornam-se tão válidas que, ape-

sar dos séculos de estudos sobre autoridade etnográfica, dificilmente encontraremos palavras que descrevam perfeitamente o “estar em campo”.

1.2. Fotografia como método e instrumento de mediação com o grupo pesquisado

Diversos trabalhos antropológicos utilizam as imagens como fonte secundária, apenas ilustrando o texto verbal. Malinowski (1975) relatou que a falha principal de seu trabalho de campo foi o fato dele ter usado a fotografia como se fosse uma atividade secundária, de agrupar ‘testemunhos’, ‘provas’, ‘evidências’, erro que ele cita ter cometido na redação de seus dados materiais sobre os jardins em Coral Gardens And Their Magic, publicado em 1966.

A publicação de *Balinese Character: A Photographic Analysis* (BATESON E MEAD, 1942), pela New York Academy of Sciences, é considerada o marco inicial da antropologia visual, pois, pela primeira vez, a fotografia é utilizada como instrumento de pesquisa e não apenas como complemento demonstrativo. *Balinese Character* explorou textualmente e visualmente o modo como uma criança nascida em Bali se torna uma criança balinesa. O *ethos* de que fala os autores representa um sistema codificado presente nas condutas e nos comportamentos de pessoas que vivem numa determinada sociedade.

A fotografia é adotada aqui como um instrumento metodológico com finalidade de dar forma às vozes e olhares que contribuem para o relato etnográfico; dar uma outra dimensão, entre as diversas possíveis, que possibilite tornar o encontro etnográfico mais próximo e reconhecível e permitir que o sujeito fotografado se torne um participante ativo na representação dele mesmo e de sua cultura (Bittencourt, 1993).

Aqui vou além do uso textual para compor a etnografia, podendo assim incluir registros de atividades cotidianas, quem as faz, em que contexto, junto aos seus corpos, gestos, faces, símbolos e olhares.

1.2.1 A etnografia visual e descritiva

Na construção da etnografia visual e descritiva, utilizarei o processo metodológico de Bateson e Mead (1942). Os equipamentos utilizados em campo são: uma máquina fotográfica Canon T51, com uma objetiva 18-55mm, 50, 70-200 e 20 mm e uma GoPro. Além disso, já foram tomadas em campo cerca de dez horas de gravação em HD.

Na tomada inicial das fotografias, o Guia Prático de Antropologia publicado pelo Royal Anthropological Institute (1971) se apresentou como uma importante abordagem para a construção das narrativas, pelo fato desse guia apresentar uma série de mecanismos para o “estudo dos diferentes aspectos da cultura material de um povo” (ROYAL, 1971, p. 279). Os autores apontam que tal estudo:

[...] não é só pelo interesse intrínseco dos próprios artefatos, mas também como fonte de informações sobre os problemas de invenção e difusão. Ajuntando-se a isto a importância que têm as técnicas e os artefatos em relação com a totalidade da organização social e com as práticas religiosas e cerimoniais. (p. 269).

A proposta deste guia é uma descrição minuciosa que vai dos cuidados pessoais aos adornos, da arquitetura local ao cultivo de plantas, entre outros. Este guia se apresentou como um importante instrumento para a tomada inicial de imagens, em que alguns elementos foram acentuados, do olhar que segue relações processuais ao objeto em si:

Por exemplo, um tecido acabado não consiste simplesmente no produto saído do tear; o processo completo começa com a apanha do algodão, a tosquia das ovelhas, ou qualquer outro processo destinado a obter a fibra; continua com as várias fases de lavagem, da cardação, da fiação, da tecedura e da tingidura. (p. 280-281).

Essas notas dão suporte ao trabalho de campo nas relações processuais presentes desde a obtenção de matéria-prima até a produção final do produto, como por exemplo os currais da Garça Torta, em que o processo se inicia com a perfuração dos buracos, continua com as fases de manipulação de ferramentas, materiais naturais (o mourão e cipós) e/ou industrializados (fio de telefone, tela de *nylon* e arame); laboro através de um saber ancestral e se completa com o momento do uso – no cotidiano do

pescado e nas paisagens da praia. Neste início da pesquisa, deparo-me com o primeiro problema do uso da imagem no trabalho de campo: o próprio suporte imagético pode interferir nas representações daquilo que se pensa das identidades. Apresentando-se como possibilidades de reformulação de identidades, de representações da autonomia, integração, ou da própria (des)integração e, sobretudo, de valorização, ora dos elementos de permanência, ora daqueles que representam mudanças. Assim, reconhecer, interpretar e, por vezes, problematizar essas interferências também passa a ser uma atividade que se soma à observação de campo.

Assim, é importante chamar atenção para a questão que, ao elegermos (o pesquisador e sua interação com a comunidade) determinados aspectos dessa cultura, também estamos selecionando o discurso desta comunidade. São formas de expressão que podem e contam a história de um povo em determinado tempo e espaço.

Baudrillard (2002) em seu livro *O Sistema dos Objetos* faz observações importantes referentes à relação com a cultura do outro: a fascinação pelo objeto artesanal vem do fato deste ter passado pela mão de alguém cujo trabalho ainda se acha nele inscrito. É a fascinação por aquilo que foi criado (e que por isto é único, já que o momento da criação é irreversível). Dito isto, o desejo é o mesmo: todo objeto ou manifestação tradicional é belo simplesmente porque sobreviveu e devido a isso se torna o signo de uma via anterior.

Desta forma, interajo junto aos sujeitos envolvidos na pesquisa na construção das pranchas fotográficas e cartografias mentais no que ROUCHE (2003) chama de antropologia compartilhada: “O acesso dos protagonistas à visão de sua imagem registrada, bem como o direito deles de opinarem sobre a realização das sequências”; e, a busca de um projeto aliado a um processo de inserção, sensibilização, interação e intervenção dentro das comunidades, através da produção documental “com os outros” e não “sobre os outros”. Para este fim, utilizando a metodologia trabalhada por documentaristas como Eduardo Coutinho, de tornar o entrevistado não “objeto” de um documentário e sim sujeito de um filme, aqui no meu caso específico, sujeito de construções de narrativas (LINS, 2004).

Tal metodologia contribuiu para um melhor esclarecimento do foco da pesquisa às pessoas envolvidas e permitiu direcionamentos, com sugestões e comentários sobre as fotos e sua organização na pesquisa, buscando neste sentido a compreensão do olhar da comunidade sobre si mesma por meio da construção dessas narrativas.

No contexto de interações, levei em consideração as representações que as pessoas têm de si e dos outros na produção e organização da visualidade do que é considerado como tradição local. Uma representação que está, obviamente, ligada à representação que se faz do outro e, como pretendo mostrar, dos vários outros que surgem em cena num determinado contexto. Há, na verdade, uma relação de interdependência entre a imagem que se faz de si e a imagem que se faz destes vários outros (NOVAES, 1993).

1.2.2 A interpretação

A escolha da imagética para situar e construir a hermenêutica, partiu do princípio de que sempre haverá alguém interpretando a realidade. Uma coisa é um signo, porque é interpretado como um signo por um intérprete, ou seja, o signo só existe quando existem seres capazes de dar significação às coisas.

Assim, o que se interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida baseia-se em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. A vocação essencial hermenêutica não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que os outros deram – e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou. (GEERTZ, 1989).

E, interpretar é um ato criativo, é uma ação ativa, não é, portanto, uma mera reprodução de significado transmitido pelo outro. O pesquisador constrói o significado a partir do que o outro diz. Significados estes que o informante atribui.

Neste sentido, temos acesso apenas à representação das experiências dos outros através da observação e das narrativas dos próprios sujeitos em determinados contextos e situações. Isto não significa que estas observações e relatos devam ser inviabiliza-

dos, mas sim relativizados através do contexto de observação e de quem está narrando – o conhecimento implícito do informante é, por exemplo, relativo à sua trajetória.

Além disso, posso afirmar que ao produzir a etnografia visual e descritiva das práticas da pesca na Garça Torta, estou tratando do que Sébastien Darbon (2005) denominou de fabricação de significados: o uso de imagens se assenta sobre convenções relativas às representações – representam somente algo que se assemelha às cenas no momento em que são fotografadas.

Este é um ponto de análise estritamente interpretativo constituído na experiência da construção dos significados no encontro com o outro. O que se procura estabelecer, portanto, é uma base comum de compreensão e o que se cria nesse encontro, assim como coloca Clifford (1998), é uma espécie de lugar intermediário duas culturas, a do pesquisador e da cultura pesquisada.

1.3. O espaço de pesca no retrato de Luciana: a construção da fotografia como método etnográfico

Em meio às visitas ao campo, as paisagens, cenas, situações, cores e detalhes dos sujeitos e lugar que compõem o cenário de minha pesquisa de mestrado é inspiradora. Sempre com uma câmera fotográfica em mãos, uma ‘estratégia de pesquisa’ (NOVAES, 2012), procuro documentar através da fotografia as narrativas do bairro da Garça Torta, mais especificamente, os espaços da pesca da Garça Torta.

Instigada pela ideia de que

(...) a representação visual é uma atividade comunitária e colaborativa. O Outro, como sujeito da imagem ou como criador dela, faz um pronunciamento e estabelece uma posição vis-à-vis os possíveis espectadores da imagem. A fotografia, como um produto de um evento humano, não é apenas produzida pelo lápis, por vezes autoritário, do observador, mas, sobretudo, pela participação necessária da personagem na criação da imagem. (BITTENCOURT, 1994, p.231)



Foto 11 - A costa alagoana é dividida em zonas e os pescadores de Ipioca, Riacho Doce, Garça Torta até o Jaraguá compõem a Z-1, com a sede da Colônia no bairro da Pajuçara. Em Garça Torta, no mesmo local onde funciona a Balança, há um ponto de apoio da Colônia Z-1. É por meio da Colônia que os pescadores se associam e são legalizados com a carteira de pescador. É ali também que pagam as mensalidades por serem associados e a previdência para garantir o sustento quando a vida no mar não for mais possível. Mas, além do consenso sobre o navio ser o maior perigo para o pescador, a unanimidade dos pescadores com quem conversei afirma não haver benefício algum em ser associado da Colônia. 20 de Novembro de 2017.

Proponho uma experiência do fazer fotográfico e uma interpretação da imagem como ferramenta de coleta de dados. Para tal, optei pela escolha de Luciana, 32 anos, gerente da balança de peixes e Colônia de Pescadores da Garça Torta. Aqui, pretende-se explorar as possibilidades interpretativas e metodológicas que o retrato fornece a partir de situações etnográficas que surgem durante a realização da pesquisa de mestrado, além de me aproximar de mais um dos meus espaços de interesse em compreender a dinâmica. A ideia era que Luciana dirigisse a composição de seu retrato, acreditando que a partir de suas escolhas poderia recolher histórias, falas, gestos, cenários e elementos que me auxiliassem em uma etnografia das relações afetivas dos sujeitos da balança da Garça Torta. Acerca da veracidade da representatividade dos sujeitos na fotografia, segui a colocação de Novaes quando afirma que:

Poses, uma roupa especial, arranjos de cabelo são índices importantes de como as pessoas querem que sua imagem seja vista pelos outros. Correspondem a uma construção de autoimagem que deveria ser de interesse ao pesquisador. Todo mundo quer “sair bem no filme!”. Neste sentido, fotos posadas são igualmente documentais: elas documentam a imagem que o fotografado quer exibir de si. (NOVAES, 2012, p. 13)

“Expressar a si mesmo em um retrato é também expressar o seu lugar em um conjunto de pertencimentos simbólicos e relações afetivas, perpetuando através da fotografia relações duradouras e mesmo efêmeras” (RECHENBERG, 2014). A liberdade da escolha dos elementos que farão parte da imagem é uma estratégia e uma tentativa de dar local de fala própria do sujeito pesquisado. Luciana poderia compor seu estúdio fotográfico de acordo com suas referências estéticas (ibid, 2014).

1.3.1 O autorretrato e os elementos de representatividade que o compõem

Era uma manhã de terça de setembro de 2017. A praia estava praticamente deserta, em alguns pontos, moradores da região aproveitavam a chegada do calor após um inverno de fortes chuvas e tempo nublado. Na balança, seguia-se a rotina diária para Luciana Souza de Lima (38), sempre acompanhada por sua mãe, dona Maria Souza de Lima (68), durante o tratamento dos peixes que chegavam durante a maré. Alguns pescadores já estavam na área externa da balança, costurando redes, fazendo reparos nos barcos e esperando o momento de chegada ou saída de embarcações.

Lancei a proposta a Luciana: "Quero tirar uma fotografia sua". A princípio, ela disse com um riso tímido que não gostava muito de se expor:

Olha, mulher... É que eu não gosto muito de ‘tirar’ foto assim. Nem gosto dessas redes sociais, não tenho nada dessas coisas de facebook, de foto nem nada (LUCIANA, 20 de Novembro de 2017, durante conversa de proposta da fotografia).

Logo após respondi dizendo que esse retrato seria impresso e devolvido para ela, porque meu único intuito era de fazer a fotografia. Aproveitei e reiterei que ela

decidiria o cenário, o figurino, as pessoas e o horário da foto. Assim que falei sobre a escolha de pessoas para composição do retrato, Luciana respondeu: “Quero tirar essa foto com minha mãe, foi ela quem me trouxe até aqui.”

Esta resposta já revelava dados importantes para a construção do pensamento de que fotografias contêm elementos e símbolos afetivos que nos constroem como um sujeito social e que “fotografias representam o cenário no qual as atividades diárias, atores sociais e o contexto sociocultural são articulados e vividos.” (BITTENCOURT 1994, p. 231).

Nesta mesma conversa, aprofundei mais sobre o tema da fotografia e perguntei se ela tinha muitas fotos em casa:

Eu nunca fui muito de tirar foto, fico meio sem jeito. Eu quase não tenho foto em casa, nem minha nem dos meninos. Minha mãe é quem tem um monte de fotografia. O povo chegava muito aqui pra pesquisar, pra tirar foto, aí acabava dando as fotos pra ela, tem um monte guardada. (LUCIANA, 20 de Novembro de 2017, durante conversa de proposta da fotografia)

Saber que muitas das fotografias do acervo da família da gerente da balança eram de autoria de pesquisadores também trouxe à luz uma informação pertinente quanto à utilização da fotografia como recurso e/ou ferramenta científica para análise, levantamento e obtenção de dados. Prontamente pedi para ver algumas delas, porém, saí com a garantia de que Luciana ia procurá-las e posteriormente me entregaria.

Para o antropólogo David MacDougall (2006), no entanto, às relações comumente estabelecidas entre fotografia e etnografia as quais enfatizam uma espécie de clichê embasado nos primeiros contatos dos povos ditos primitivos com este aparato tecnológico, no qual o retrato assume um caráter essencialmente predatório, é possível acrescentar outro significado da fotografia: aquele que permite adicionar algo a nós mesmos e rever nossas diversas aparências. Em vez de retirar algo do sujeito retratado, a fotografia poderia criar um exercício de desvendamento das possibilidades existentes dentro de nós (RECHEMBERG, 2016).



Foto 12 - Na balança, o maior fluxo de compradores, pescadores e amigos de pescadores é durante a manhã. Já que a casa de Luciana e Dona Maria é ao lado da do estabelecimento, o ofício também se torna um lar e frequentemente os filhos, o esposo e familiares de Luciana passam boa parte do dia nos arredores. Lá também é o ponto de encontro dos pescadores para os momentos de lazer em terra, acompanhados da cerveja, petiscos, dominó, além das muitas redes para costurar. 24 de Novembro de 2017.

1.3.2 Fazendo o retrato: interpretações sobre a composição estética da imagem

O dia marcado para fazer a fotografia é chegado e o céu estava limpo, favorecendo a possibilidade de uma boa iluminação natural para as fotografias. Cheguei na balança e a cena da mãe e filha se repetia, tal qual a terça em que fui lançar a proposta. Ambas estavam vestidas com roupas de trabalho, frustrando a minha expectativa de que existiria alguma “produção especial” para a realização da foto.

Esperei cerca de 30 minutos, pois ambas estavam tratando o peixe e fazendo filés de seis quilos de sardinha já encomendados⁴. Durante este tempo, pedi a autorização de Luciana para fazer fotos do local e delas trabalhando. Ela me deixou à vontade

4 - O filé de sardinha é um corte especial e único da Balança de Pescadores da Colônia Z-1. Segundo Luciana, sua mãe, Maria, quem fez esse corte pela primeira vez e, desde então, o filé de sardinha mais famoso é o da Garça Torta.

e fiz o possível para permanecer discreta.

Eu fazia algumas fotos ao mesmo tempo que conversávamos sobre a Garça Torta, sobre a história de vida e da chegada de Luciana até a Garça Torta e sobre os relacionamentos “amigados” dela e de sua mãe. Até que então Luciana fala para a mãe sobre a fotografia: “Mãe, eu ganhei uma fotografia e ela disse que eu podia escolher a pessoa que vai sair na foto também. Aí eu escolhi a senhora, porque é por causa da senhora que eu sou quem eu sou hoje”. Dona Maria apenas olhou no meu olho e voltou a tratar o peixe, sem sequer falar uma palavra ou expressar alguma reação de afirmação ou negação.



Foto 13 - A administração dos assuntos da pesca sempre foi de mulheres. Dona Maria que está na balança há 38 anos, afirma que mesmo quando um homem era oficialmente nomeado gerente da balança - como no caso de seu ex-marido - a mulher era quem organizava as listas de associados, a pesagem do pescado e fazia todas as anotações e trâmites legais. 24 de Novembro de 2017.



Foto 14 - Na balança, o Boca-Mole (*Larimus Breviceps*), peixe abundante na região do alto mar de Garça Torta e Riacho Doce. Raramente o Boca-Mole é estocado na Balança, pois, nos dias em que chega já tem destino certo: a cozinha dos antigos moradores da região. Neste dia da imagem, logo que a embarcação chegou e pesou Boca Mole, chegou um senhor, morador antigo do bairro pedindo todos os 3KG. 24 de Novembro de 2017.

1.3.3 A Mãe

Maria José Souza de Lima, dona Maria, é a ex-gerente da balança da Colônia Z1. Após um acidente vascular cerebral - AVC, ausentou-se das atividades, entrando em estado de aposentadoria, repassou o cargo para a filha. Ela chegou até a balança da Garça há, aproximadamente, 40 anos, por meio de um casamento com o ex-pescador José Paulo, na ocasião, gerente da balança. Após 20 anos de “amigada”, termo que representa uma relação de união estável, romperam a relação e o ex-proprietário a deixou no local. Desde então, Dona Maria vive na orla da Garça Torta, em um dos puxadinhos construídos ao lado da balança. A história é contada pela filha, pois dona Maria não foi de muitas palavras em nossos encontros, sempre com um olhar misto de curiosidade e desconfiança.

No momento em que nos deslocamos para fazer a foto, dona Maria retrucou:

Olha, vamos tirar só uma foto, viu? Vamos ser ligeiro aí que eu quero adiantar meu serviço. Já tirei muita foto e não tenho pra que tirar mais não (MARIA, 24 de Novembro de 2017, durante conversa no dia da fotografia).

Enquanto elas se posicionavam em frente a sua casa, dona Maria permaneceu séria e sugeriu o posicionamento da foto. No mesmo instante, uma jangada acabava de chegar e ela pediu para um dos pescadores colocar o cesto de peixes ao lado e tirar uns peixes pra sair na foto.

Em vários momentos de nossa conversa, Luciana enfatiza a participação e a importância da relação afetiva com a mãe na tomada de decisões de sua vida.

Após o acidente vascular cerebral - AVC da mãe, Luciana teve que dividir-se em quatro atividades: mãe, filha, subchefe de cozinha em um restaurante da Praia de Guaxuma, o Bar Brasil e gerente da balança da Colônia Z1.

A presença da mãe no retrato era a única certeza que Luciana tinha para a composição a imagem. A participação da mãe na história de vida de Luciana era o que ela considerava fundamental devido ao seu laço afetivo³ e revelava a importância do registro do laço familiar. Na construção do retrato de Luciana, a figura da mãe presente

na fotografia também é um elemento que compõe sua própria identidade, pois foi através de sua mãe que ela chegou até o bairro da Garça Torta e até então vem ocupando aquele território, aquele cargo no trabalho e aquele lugar de relações.



Foto 15 - Dona Maria sempre manteve o olhar de desconfiança para a câmera. O estranhamento (BECKER, 2012) ou incômodo não a impedia de continuar tratando o peixe, um trabalho manual de técnica precisa, o qual ela desenvolvia com muita segurança e destreza. Vez ou outra o olhar curioso cercava a lente. 24 de Novembro de 2017.

1.3.4 O peixe e a balança

Logo na entrada da casa, um peixe Pescada de aproximadamente um metro descongelava. Assim que cheguei, ela já fez o comentário: “Olha, já tirei esse peixe aí pra gente botar ele na foto”. O peixe estava no congelador da balança há quase um mês, nesta semana foi comprado e Luciana escolheu o dia da fotografia para tratar e cortá-lo em postas.

Quando perguntei o porquê do peixe na foto, ela sorriu e disse: “Se não fosse o peixe, não tinha nada disso por aqui”, apontando para o entorno e complementou: “O peixe é tudo na vida desse povo que trabalha aqui.”

A ideia não foi bem-aceita por dona Maria, que não queria fazer a foto ao lado do peixe. De alguma forma, ela já não considerava a presença do peixe na imagem como um elemento importante para representá-la. Luciana já havia dito, falando sobre o acervo fotográfico da família, que dona Maria estava presente em várias fotos ao lado de pescadores quando chegavam peixes grandes e bonitos. Apesar de ainda trabalhar, morar e interagir na e com a balança, a matriarca não fazia questão de ser representada ao lado do peixe, o elemento elo entre as relações daquele espaço.

Ainda sugeri a Luciana, no momento em que fiz o convite, que a fotografia poderia ser realizada em qualquer lugar, na casa dela, na praia, em algum outro lugar, mas ela também não cogitou outra possibilidade que não fosse a balança. Essa relação com o espaço traz para a imagem um território afetivo (FRANÇA, 2006) que é composto por diversas micro e macrorrelações e situações como de trabalho, sociabilidade cultural e de memória.

1.3.5 O pescador

Ao mesmo tempo em que saíamos do espaço da balança para fazer a foto em frente à residência de dona Maria, uma embarcação chegava. O responsável pelo barco, Emanuel, era da “nova geração de pescadores”, termo utilizado por Luciana para dividir o grupo de pescadores que ainda eram registrados na Colônia Z-1. A chegada de Emanuel resultou em um momento inusitado: Luciana e a mãe o chamaram para compor a foto, ao lado do cesto de pescados. Nesse momento, dona Maria, de forma descontraída e sorridente, afirmou: “Tem que ter o pescador na foto da balança”. Nesse momento, contive a surpresa do inesperado e a ideia de que seria apenas um retrato de família e pude perceber que os laços afetivos naquele ambiente estendiam-se às relações cotidianas de trabalho. O familiar, nesse caso, não se resume à relação de parentesco e/ou território, mas, também, de trabalho. Emanuel nasceu na Garça Torta e desde criança acompanhava o pai nas longas jornadas no mar. Hoje, na casa dos 30 anos de idade, ele dá continuidade ao trabalho ancestral e vive com a renda garantida da pesca.

Fizemos a primeira foto e logo em seguida Luciana sugeriu fazer uma dentro da balança. dona Maria esperou a orientação da filha, que optou por se posicionar por trás do balcão. Ainda com a presença de Emanuel, Luciana reafirma a importância dele, como a figura do pescador, para a composição da imagem:

Esse pescador aqui vai ficar comigo até a gente ficar velhinho. Meu trabalho aqui depende deles lá no mar. Quero que eles continuem trazendo bem muito peixe pra gente vender aqui. Se não fossem esses homens, essa Garça Torta não era nada (MARIA, 24 de Novembro de 2017, durante conversa no dia da fotografia).

Para a segunda fotografia, percebi que dona Maria já estava mais confortável, inclusive, pegou um peixe do pescado de Emanuel para posar para a fotografia.

De modo amplo, percebi que, através deste método, como fotógrafa e pesquisadora, pude me aproximar do meu objeto de pesquisa e estabelecer diálogos que resultaram na captura de imagens e narrativas que compõem a história, o cotidiano e as relações da balança de pescadores da Garça Torta.



Foto 16 - O Retrato de Luciana #1



Foto 17 - O retrato de Luciana #2



CAPÍTULO 2

A pesca artesanal e memórias da Garça Torta: conflitos em mar

A memória é uma categoria que tem provocado indagações em diversas áreas do conhecimento. Nos estudos realizados no campo das ciências sociais são enfatizados os conceitos de retenção, esquecimento e seleção. Na antropologia a memória foi eleita como um elemento importante para compreensão da constituição de práticas do presente.

A memória é uma reconstrução feita no presente a partir das experiências do passado e essa reconstrução se dá através da dialética da lembrança e do esquecimento. Só ocorre registro quando há esquecimento. Nesse ponto a cultura exerce um importante papel na seleção daquilo a ser registrado, funciona como um filtro selecionando aquilo que é importante e útil para cada indivíduo. “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente.” (HALBWACHS, 1990, p.71)

Instigada pelas leituras e reflexões da disciplina Memória, Culturas Populares e Patrimônio, ministrada pela professora Rachel Rocha, no semestre 2018.1, proponho este capítulo como forma de compreender os processos de transformações sociais e dinâmica da pesca de curral no bairro da Garça Torta, comparando os espaços temporais, através das narrações, mapas mentais e histórias de vida de moradores e antigos pescadores da região e da resistência do saber fazer da técnica tradicional. Garça Torta originou-se de uma vila de pescadores localizada no litoral norte da cidade de Maceió - AL. Atualmente, em meio a um processo de gentrificação a praia convive com as investidas do avanço imobiliário que ameaça interferências na paisagem, no meio ambiente, no convívio social e na prática da pesca.

A palavra gentrificação (do inglês *gentrification*) pode ser entendida como o processo de mudança imobiliária, nos perfis residenciais e padrões culturais, seja de um bairro, região ou cidade. Esse processo envolve necessariamente a troca de um grupo por outro com maior poder aquisitivo em um determinado espaço e que passa a ser visto como mais qualificado que o anterior. O termo é derivado de um neologismo criado pela socióloga britânica Ruth Glass em 1963, em um artigo onde ela falava sobre as mudanças urbanas em Londres (Inglaterra). Ela se referia ao “aburguesamen-



Foto 18 - Barco do Xéreu em destaque, ao fundo, a obra do Edifício Riacho Doce Residence. 4 de Abril de 2018.

to” do centro da cidade, usando o termo irônico *gentry*, que pode ser traduzido como “bem-nascido”, como consequência da ocupação de bairros operários pela classe média e alta londrina. As obras de modernização, principalmente os empreendimentos imobiliários, como condomínio e prédio de luxo, marcam esse fenômeno.

Entende-se por gentrificação o processo de revitalização dos espaços urbanos ou a aparente substituição de paisagens de caráter popular por construções típicas de áreas nobres. Trata-se de um processo em que o espaço geográfico urbano se transforma e se ressignifica, sobretudo em função da valorização acentuada e do enobrecimento de uma área antes considerada periférica, como no caso do bairro Garça Torta.

Muitas vezes, as áreas periféricas de uma cidade formam-se de maneira não planejada, seja através de invasões, seja através de uma expansão descontrolada de loteamentos imobiliários em áreas afastadas. Esses locais, quase sempre sem infraestrutura básica (como saneamento, asfalto e transporte público de qualidade), sofrem

pela sua distância em relação aos principais centros urbanos da cidade.

Muitos estudos, sobretudo no caso das comunidades pesqueiras, concentram o olhar para estas transformações urbanas em espaços de pesca a partir de 1980, identificando impactos não só no meio ambiente, mas principalmente nas configurações socioculturais de comunidades pesqueiras. (MALDONADO, 1986, 1993; MILLER, 1993, 2006)

Com o tempo, prolifera-se aquilo que o geógrafo Roberto Lobato Corrêa (1995) denomina por descentralização, em que as áreas centrais – detentoras dos principais serviços e atividades urbanas – se multiplicam e se disseminam para outras áreas. Com isso, regiões antes desvalorizadas e sem estruturas ressignificam-se, passando por uma acentuada especulação imobiliária e modernização de seus espaços.

É nesse contexto que a gentrificação ocorre, pois as áreas antes desvalorizadas passam a ter um custo muito alto, ao passo em que a população residente nesse local é gradativamente substituída por um perfil comercial ou de grupos sociais mais abastados. Com isso, a paisagem se modifica, e as zonas, que antes eram só guetos, barracos e pobreza, transformam-se em condomínios, prédios e casas de médio e alto padrão.

No entanto, é importante considerar que a transformação desses espaços não representa necessariamente uma mudança no padrão de vida da sociedade, haja vista que a população mais pobre, ao emigrar dessas regiões, passa a habitar outras localidades, geralmente ainda mais periféricas. Resultando na chamada segregação urbana.

Assim, chama-se atenção para o processo de implantação das construções verticais de edificações de alto padrão já implantadas ao longo do litoral norte, que pode culminar com o enobrecimento da área e a consequente expulsão da população local residente. É importante ainda destacar que a manutenção das práticas sociais existentes na localidade só é possível com a permanência da população que a produz e reproduz.

Aqui concentraremos o olhar na técnica de pesca de curral, técnica tradicional na região que, além de compor a paisagem (INGOLD, 1948) da praia, ao menos, há séculos e do imaginário urbano da Garça Torta, é visível em diversos meios de divulgação, fotografias e cartão de visita a Garça Torta, construindo assim o mapa mental da

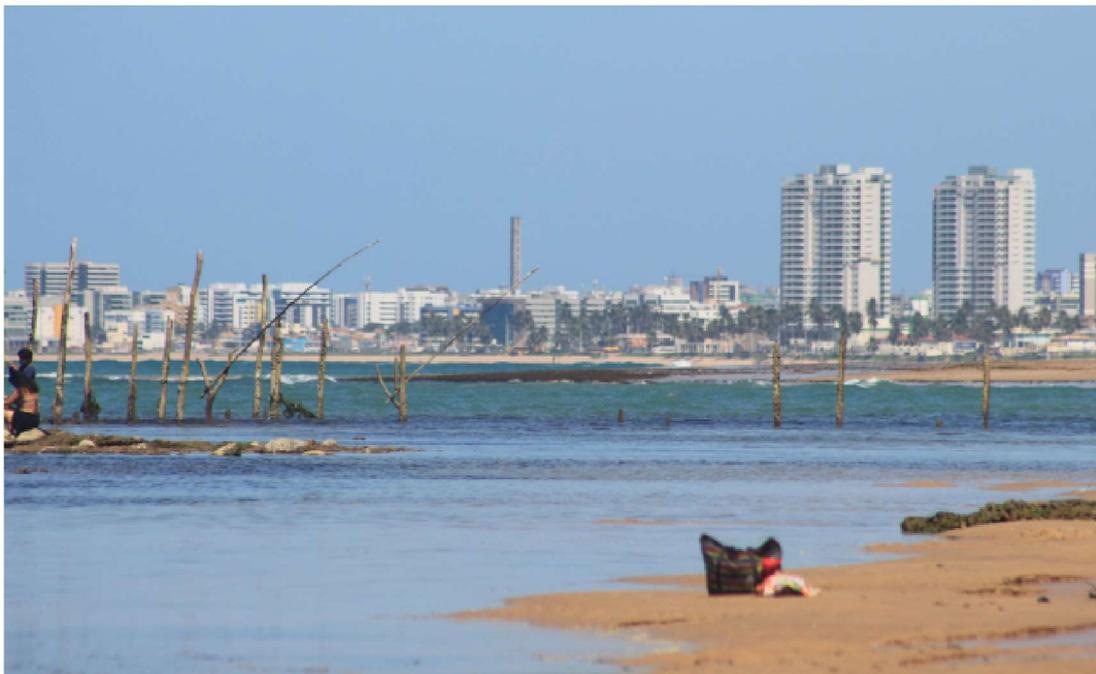


Foto 19 - Avistando o futuro. Nos contrastes entre o mar e os prédios, vê-se a chegada da especulação imobiliária, transformando a paisagem (INGOLD, 2011) e alterando fluxos da natureza, como o afastamento de cardumes da orla da praia. 12 de Setembro de 2017.

comunidade, dinâmicas da pesca e do espaço do mar. Ao pensar sobre gentrificação e segregação, fiz a analogia entre as estruturas de currais e os muros e cercas que delimitam, amedrontam e, segundo minha hipótese, aumentam os conflitos sociais da região.

O curral é um tipo de armadilha que utiliza o princípio do aprisionamento, ou seja, o peixe não consegue sair depois que chega ao seu interior. Sua edificação em solo marinho ocorre sempre em regiões de mar tranquilo e baixa declividade. Para a escolha da área de implantação de um curral são avaliados alguns requisitos básicos como profundidade média, declividade do solo, tipo de fundo e condições do mar. Com a escolha da área e identificado o sentido da correnteza, a espia é construída transversalmente em relação à corrente da água, para facilitar a ocorrência do encontro dos peixes com a espia.

Por conter uma bancada de recife extensa e próxima à beira da praia, a região da Garça Torta favoreceu a construção e aperfeiçoamento da técnica da pesca de curral. Na extensão da costa da praia da Garça Torta existem 12 estruturas de currais. Seis currais são aparentes, dos quais apenas um está construído e em atividade. Segundo antigos e atuais pescadores, a técnica corre o risco de desaparecer devido às leis am-

bientais cada vez mais rigorosas que proíbem novas perfurações em corais¹, alegando a degradação ambiental que é provocada por esse ato e alto custo de construção e manutenção, e devido ao desinteresse dos jovens em dar continuidade ao ofício. Lógica que faz parte das consequências trazidas pelo processo da gentrificação. Ainda hoje encontramos na região alguns pescadores que construíram e fazem manutenção destes currais e têm em sua memória os saberes da técnica e do mar, como Titio e Vagá, dos quais falarei melhor no capítulo adiante.

É a partir do diálogo entre o conhecimento nativo e o conhecimento do pesquisador que se compõe o trabalho do antropólogo. Através da simetria desses conhecimentos que se constrói a etnografia. Nesse sentido, Peirano afirma:

As impressões de campo não são, portanto, apenas recebidas pelo intelecto, mas exercem um verdadeiro impacto na personalidade total do etnógrafo, fazendo com que diferentes culturas se comuniquem na experiência singular de uma única pessoa (PEIRANO, 1995, p.08).

Para Peirano (1995), na antropologia a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve.

[...] o lugar da pesquisa de campo no fazer da antropologia não se limita a uma técnica de coleta de dados, mas é um procedimento com implicações teóricas específicas. Se é verdade que técnica e teoria não podem ser desvinculadas, no caso da antropologia a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada, quando desafia os conceitos estabelecidos pelo confronto que se dá entre (i) a teoria e o senso comum que o pesquisador leva para o campo e (ii) a observação entre os nativos que estuda. (PEIRANO, 1995, p. 08)

Numa perspectiva que destaca a memória enquanto um fenômeno constituinte da identidade social, Michel Pollack (1992) vai problematizar três elementos que, segundo ele, compõem a memória individual ou coletiva: os acontecimentos, os personagens e os lugares. O autor chama atenção tanto para os acontecimentos, personagens e lugares reais e concretos, como também para possíveis projeções de outros eventos. Dito de outra maneira, Pollack vai falar dos eventos, pessoas e locais vividos pessoalmente ou simplesmente vividos por tabela, ou seja, quando não há uma participação efetiva, mas no final das contas a depender da importância que é dada a tais elementos

é quase impossível saber se houve participação ou não. Nesse sentido, é possível falar de uma memória quase herdada: projeção ou identificação com determinado passado através de uma socialização política ou histórica (POLLACK, 1992).

Ao apresentar esses elementos, dando ênfase às projeções e transferências dos eventos, o autor tem o objetivo de chamar atenção para o fato de a memória ser seletiva, um fenômeno construído e ao mesmo tempo um elemento constituinte do sentimento de identidade. (POLLACK, 1992) Segundo o autor, “aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros.” (POLLACK, 1992 p. 05)

2.1 A pesca artesanal em Alagoas

Segundo o Mapeamento do Patrimônio Imaterial de Alagoas (2008), a prática da pesca surge como segunda referência mais significativa da categoria de ofícios e modos de fazer. Segundo a pesquisa, foram identificadas 29 referências culturais de atividades pesqueiras no estado de Alagoas, ao todo:

O levantamento listou 18 diferentes tipos de pesca, com os estilos variando em relação ao tipo de água (salgada, doce), à categoria da pesca (em alto mar, em mangue, etc) e, ainda, ao uso de instrumentos os mais variados. A riqueza da presença pesqueira que está associada à evidente abundância das águas em Alagoas associa-se a outras presenças territoriais como certos ofícios dela decorrente: marisqueiras, pegador de caranguejo, construtor e condutor de barcos, de canoas e de jangadas, mas também a atividades como a secagem do peixe, a confecção do filé e do filé. (p.31)

A pesca artesanal é definida como aquela em que o pescador sozinho ou em parcerias participa diretamente da captura de pescado, utilizando instrumentos simples, porém que requer uma complexa destreza ao lidar com o uso destes em mar e outros saberes, baseando-se em conhecimentos adquiridos de pai para filho ou dos mais velhos da comunidade. Através da prática da pesca, os pescadores adquirem um extenso conhecimento sobre o meio ambiente, as condições da maré, os tipos de ambientes propícios à vida de certas espécies de peixes, o manejo dos instrumentos de pesca, identificação dos pesqueiros (melhores pontos de pesca), o hábito dos diferentes

peixes, o comportamento e classificação dos peixes. Esse conjunto de conhecimentos é utilizado nas estratégias de pesca e pode ser útil para o manejo de estoques pesqueiros (DIEGUES, 1983, 1995; SILVANO, 1997).

A pesca artesanal marinha se constitui numa atividade que pouco evoluiu do ponto de vista tecnológico da pesca e do pescado. Difere basicamente da atividade industrial em termos de qualidade e quantidade da mão de obra empregada, formato da captura, produtividade, métodos e equipamentos de pesca. A divisão do processo produtivo e a dispersão dos centros produtivos numa grande extensão de costa podem, também, ser apontados como causas do atraso em que se encontra (FONTELES-FILHO & CASTRO, 1982).

Atualmente, a pesca artesanal disputa recursos com grandes empresas de pesca industrial, que possuem infraestrutura muito desenvolvida referente aos barcos e recursos de pesca (MARQUES, 1986). Mesmo assim, a pesca artesanal continua sendo responsável por um elevado número de empregos nas comunidades pesqueiras. Segundo Paiva (1997), a produção pesqueira nacional se situa em torno de 500 mil toneladas anuais, sendo que 60% deste total é proveniente da pesca artesanal conduzida ao longo da costa do território nacional.

Além dos conceitos e características apresentados nas bibliografias citadas, tem-se o conceito legal da pesca artesanal, o que remete à Lei 11.959/2009, que estabeleceu a pesca artesanal como prática de economia familiar, promovida por meio de pequenas embarcações:

Art. 8º Pesca, para os efeitos desta lei, classifica-se como:

I – comercial:

a) Artesanal: quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcando, podendo utilizar embarcações de pequeno porte;

b) Industrial: quando praticada por pessoa física ou jurídica e envolver pescadores profissionais, empregados ou em regime de parceria por cotas-partes, utilizando

embarcações de pequeno, médio ou grande porte, com finalidade comercial;

II – não comercial:

a) Científica: quando praticada por pessoa física ou jurídica, com a finalidade de pesquisa científica;

b) Amadora: quando praticada por brasileiros ou estrangeiros, com equipamentos ou petrechos previstos em legislação específica, tendo por finalidade o lazer ou o desporto;

c) De subsistência: quando praticada com fins de consumo doméstico ou escambo sem fins de lucro e utilizando petrechos previstos em legislação específica.

A pesca marinha e estuarina do Nordeste do Brasil, de modo geral, caracteriza-se pela predominância da pesca artesanal sobre a industrial (IBAMA, 2008). Esta frota artesanal contribui com cerca de 96,3% das capturas, o que torna a frota dessa região a menos industrializada do país. As estimativas de número de pescadores são incertas, precisamente por serem majoritariamente artesanais.

Em geral, a maior produção pesqueira está concentrada na região costeira, seguida pelos estuários. Estas pescarias são caracterizadas por elevada riqueza de espécies e baixas biomassas específicas. As capturas incluem muitas espécies pelágicas (como manjuba, agulhinhas e sardinhas), demersais e bentônicas (como saramunete, cioba e biquara) (CASTELLO, 2010).

Considerando o litoral marítimo do nordeste oriental, os estados de Alagoas e Pernambuco apresentam os menores índices de abundância relativa de pescado. Esta baixa produtividade pode ser associada à termoclina¹ permanente, que não permite a disponibilização de nutrientes desde as áreas mais profundas à zona eufótica² (LESSA et al., 2004). Dessa forma, é prioritária a formulação de bases científicas para o manejo das pescarias e, conseqüentemente, a conservação da diversidade.

1 - Termoclina é a variação brusca de temperatura em uma determinada profundidade do mar ou em ambientes de água doce.

2 - Em Ecologia, zona eufótica ou zona fótica é a parte de um ecossistema aquático que recebe luz solar suficiente para que ocorra a fotossíntese.



Foto 20 - São cadastrados, oficialmente, 23 pescadores na Colônia da Garça Torta. Mensalmente, há uma média de 500 quilos de pescado, o número oscila de acordo com a época do ano. Nos meses mais baixos são pesados pouco mais de 200 quilos. Segundo Luciana, esse número decresce a cada ano. 11 de Novembro de 2018.

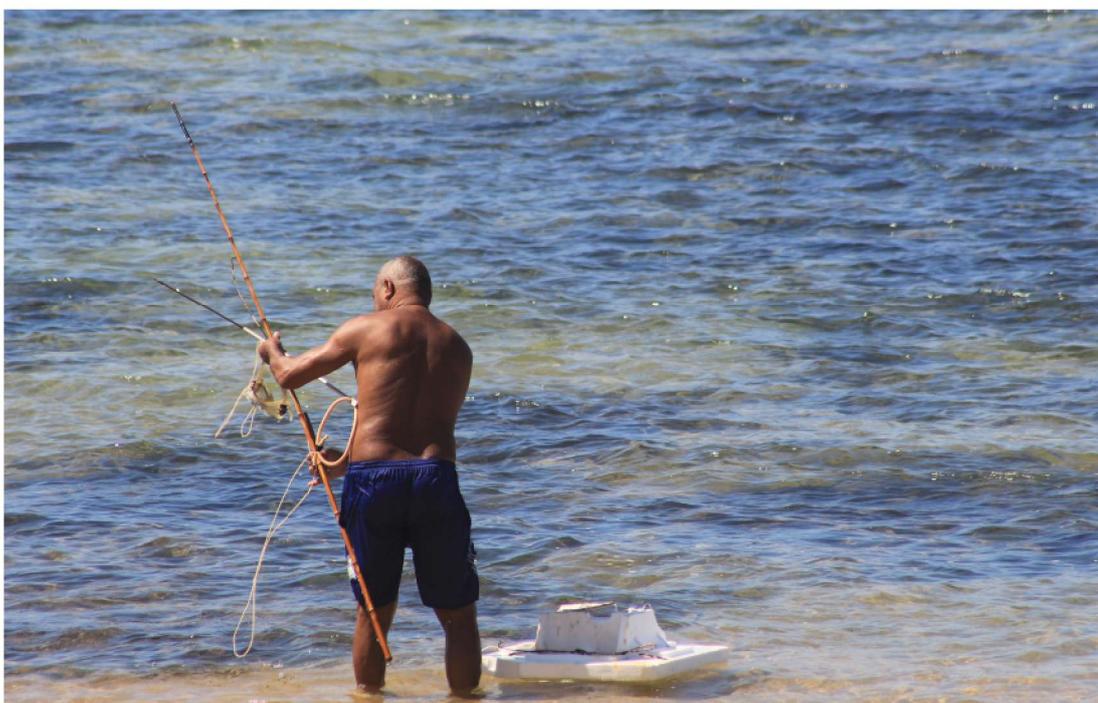


Foto 21 - O pescador Pindoré (Sivanildo Lima dos Anjos) e seu apoio para pesca, uma improvisação de isopor de um condicionador de ar. Quando ele não está na função de garçom do Bar da Garça, faz alguns bicos limpando coqueiros e pescando nas marés baixas. 12 de Setembro de 2017.

2.1.1 A pesca artesanal na Garça Torta

A história da pesca artesanal na Garça Torta dá origem ao surgimento do bairro, estando os aspectos sociais do dessa localidade intrinsecamente ligados ao povoado de pescadores da antiga macro-região do Riacho Doce.

A história do pescador é presente em cada esquina da Garça, tendo a sua principal rua o nome do padroeiro dos pescadores, São Pedro. A cultura do jangadeiro (SILVA, 1993) que se estende por toda a região litorânea de Alagoas estava presente aqui, assim como outras técnicas favorecidas pela morfologia da região.

Na praia da Garça Torta ainda é possível identificar essas características ainda presentes em algumas dezenas de pescadores que têm sua ancestralidade, história de vida, saberes e identidades ligadas à atividade da pesca. Geograficamente, é uma região abundante para a prática artesanal e amadora de diversas técnicas de pesca, como a pesca de apneia, pesca em corais, redes, curral e alto-mar.

Nos arredores da colônia de pescadores Z-1, os elementos que compõem a paisagem remetem à tradição do pescador. As falas, as brincadeiras, os objetos, as atividades e outros aspectos são característicos de um pequeno grupo de indivíduos que têm na pesca a renda de vida e uma forma de viver e sobreviver.

Durante as marés baixas é possível observar uma grande quantidade de indivíduos, crianças, jovens e adultos, maioria de sexo masculino, praticando a pesca em suas diversas técnicas. Eles estão em cima das pedras ou praticando mergulho, usando redes ou arpão, varetas com anzol, entre outros instrumentos que compõem o cotidiano da praia da Garça Torta.

Na Colônia Z-1 estão cadastrados 31 barcos, mas nem todos pertencem a moradores da Garça Torta, alguns vivem em Guaxuma, outros em Riacho Doce. A atual gerente da colônia, Luciana, diz que está muito difícil que o pescador queira se cadastrar, devido às taxas cobradas pela Capitânia dos Portos de Alagoas, tal qual, a dificuldade de fazer a pesagem dos peixes.



Foto 22 - Nas marés baixas, jovens moradores do Riacho Doce e da Garça Torta desbravam as pedras com varetas e anzol, ou arpões para pescar ouriços, polvos e pequenos peixes. 12 de Setembro de 2017.



Foto 23 - Intervenção visual na Balança da Garça Torta. 12 de Setembro de 2017.



Foto 24 (sequência) - A rede de arrasto é utilizada por poucos na orla da Praia da Garça Torta. A técnica exige precisão, sincronia para jogar no momento certo e conhecimento dos movimentos dos cardumes. 12 de Setembro de 2017.



Tá difícil pro pessoal se cadastrar aqui. Eles reclamam que a capitania cobra muito caro pra tirar toda a documentação, aí quando tiram, tem que ficar pagando todo o mês mesmo se não tiver pescado. Aí eles preferem nem se afiliar na colônia porque não é mais jogo, os mais jovens cuidam sozinho dos barcos, fazem os trabalhos todos só. LUCIANA, 2017.

Ela afirma também que a pesca hoje é muito diferente da época em que a mãe dela era jovem.

Minha mãe vive reclamando dos meninos mais novos de hoje, que não tem mais interesse em ir pescar. Ela dizia que antigamente era um monte de gente que pescava aqui na Garça Torta, quase todo mundo que morava aqui era pescador e trabalhava na roça. Ela mesma pescou foi um bucado aqui nessas pedras e onde passava os rios. Hoje em dia, meu Deus... Tá cada vez mais triste. Daqui a pouco ninguém tá mais pescando, quando esses veinho aí morrer, ninguém vai saber pescar mais. LUCIANA, 2017.

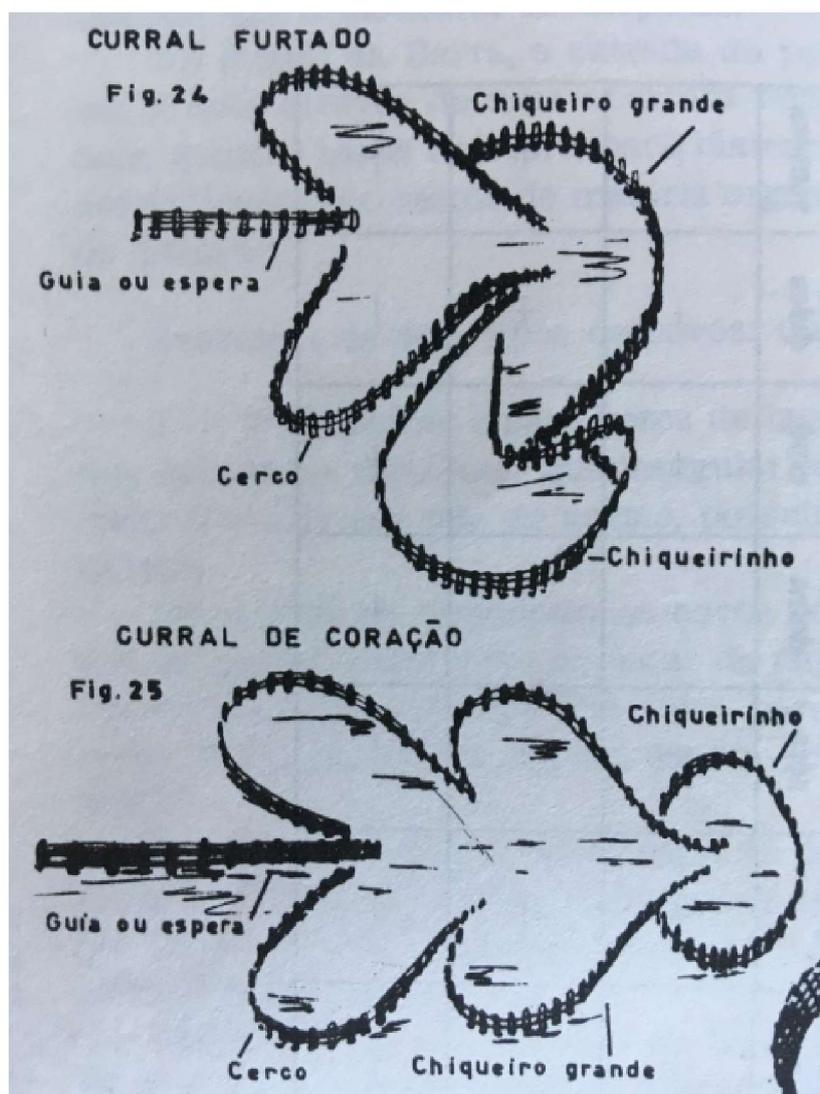
2.2 Currais da Garça: narrativas e cartografias dos muros do mar

Os currais são armadilhas fixas com varas e arames estrategicamente implantadas no solo de modo a aprisionar cardumes para dentro de um cercado pelo movimento das marés. A origem da pesca de curral no Brasil é incerta, pois alguns pesquisadores afirmam que os primeiros currais de pesca foram instalados em Pernambuco, mais precisamente na praia do Pau Amarelo, pelos portugueses Lelou, Bartolomeu Bravo e Baltasar de Araújo por volta de 1694 (ARAÚJO, 2012). Outros afirmam que é uma técnica de origem indígena que se confunde com a própria identidade cultural do pescador (LIMA, 2010).

Os currais deram margem ao surgimento de novas relações de trabalho e de novas formas de propriedade, a partir do século XIX, pois passaram a pertencer a proprietários que os arrendavam aos pescadores, juntamente com sítios de coqueiros, onde os pescadores construíam suas habitações e pagavam certa quantia àqueles. (SILVA, 1993, p 30)

Pelas narrativas dos pescadores da Garça Torta, essas armadilhas apresentam dois tipos: o curral bico de forquilha, que muito se assemelha ao curral enfia-coração ou coração, como ilustra a figura 1 e encontrado na maior parte do litoral nordestino (MANESCHY, 1993) e campo furtado, representado também na figura 1. O curral é

Figura 1: Ilustração dos tipos de currais predominantes no litoral alagoano por Nanci Melo, 1984



um tipo de armadilha que utiliza o princípio do aprisionamento, ou seja, o peixe não consegue sair depois que chega ao seu interior. Sua edificação em solo marinho ocorre sempre em regiões de mar tranquilo e baixa declividade. Na praia da Garça Torta, entre as doze estruturas existentes, apenas uma delas é campo furtado, o curral da Gunga.

Nanci Melo (1984) apresenta as partes integrantes de currais do litoral alagoano: guia, espera, cerco, chiqueirinho grande e chiqueirinho.

Considerando seu caráter artesanal, os conhecimentos tecnológicos necessários para a realização desta atividade pesqueira são repassados por gerações, sem que seja necessária uma educação formal ou outras providências no sentido de capacitar os jovens para essa atividade (MOURA et al, 2008).



Foto 25 - Foram observados dois formatos de currais de pesca na costa da praia a Garça Torta: coração (Foto) e furtado, que são divididos em repartições (espia, sala, chiqueiro e chiqueiro de matar) formadas por varas e redes ou telas, fixadas ao solo pelos mourões, formando um cercado onde os peixes são aprisionados em seu interior. 3 de Abril de 2017.

Ao avistar a praia, principalmente nas marés baixas, os currais atraem o olhar do público, sendo um elemento tão notável que atualmente faz parte do cartão-postal da praia da Garça Torta. Os outdoors e materiais de anúncio dos empreendimentos imobiliários na região também se utilizam da imagem destes currais.

2.2.1 Os muros do mar

Uma das primeiras analogias que pude realizar no início da pesquisa do mestrado sobre os impactos da gentrificação nos espaços da pesca artesanal foi a dos currais no mar e muros e cercas da terra. As disputas por terra e transformações do espaço na Garça Torta tornam-se cada vez mais evidente com o avanço imobiliário de luxo na região. Parti da hipótese de que na medida em que estes espaços do bairro – prin-

principalmente na orla da praia - se tornam mais cercados ou murados, a comunidade nativa perde seu acesso à praia, a uma infraestrutura pública básica, serviços e assim, conseqüentemente, aumentam os conflitos socioeconômicos na região decorrente da desigualdade econômica criada por essa especulação.

Percebo, ao longo da pesquisa, a agência dos indivíduos nativos do bairro no processo de gentrificação que atualmente desponta em grande parte do litoral norte alagoano (MELO, SILVA, FILHO, 2017). O mesmo pescador que ora tem seu espaço engolido por grandiosas construções verticais e horizontais, pelos novos espaços turísticos como hotéis, pousadas e restaurantes na região, ou pela degradação ambiental causada pelo demasiado processo de construção civil sem planejamento adequado, passa a oferecer serviços para facilitar o acesso de visitantes e potenciais interessados em viver de forma pacata e alternativa ao caos do centro da cidade.

Em relação aos espaços da pesca, a pesquisa teve interesse em identificá-los no trajeto da orla da praia, do início da Rua São Pedro e suas Travessas até Rua Jurubeba, rua fronteira entre os bairros da Garça Torta e Riacho Doce.

O recorte temporal das lembranças trazidas neste subcapítulo refere-se aos anos 70, 80 e 90, uma geração de pescadores que vivenciou e ainda vivencia a chegada da urbanização na Garça Torta. As transformações sociais e econômicas iniciadas nos anos 80 neste bairro foram de grande importância para compreender o cenário da urbanização do litoral norte, através de interesse estrangeiro e turístico. Neste espaço temporal, pensamos na hipótese do início da gentrificação, com a chegada de estrangeiros, intelectuais, políticos e indivíduos que buscaram na Garça Torta a ideia de viver em harmonia com a vida litorânea.

Em mar, é possível identificar a construção de seis currais, destes apenas um ativo e está em frente à pousada Flor de Lis. Ao todo, são 12 estruturas de curral na faixa litorânea da praia.

2.2.2 Amigos pra vida, pra pesca e pro bar

Para reconstruir a memória e os espaços dos currais da Garça Torta, conversei

com Titio e Vagá. Ambos são antigos moradores da região, pescadores, amigos de infância e têm suas histórias de vida amarradas por elos familiares antigos. Como eles mesmos se reconhecem, são amigos “pra vida, pra pesca e pro bar”.

Os dois falam sobre a história de suas famílias e a ligação com os currais da Garça Torta e deram continuidade ao ofício com a construção, reforma, manutenção ou posse desses currais.

Meu avô morreu com 106 anos! Nem viveu o véio, né? Ele viveu a vida toda trabalhando nessa praia, sempre arrumava esses currais aí da frente [apontando para o mar]. Ele botava os filho tudinho pra trabalhar também. Desde os 8 anos eu já tava pescando, limpando o curral, mergulhando e tudo que você pensar. (VAGÁ, 18 de Abril de 2018, em conversa durante a apresentação das fotografias).

Vagá é herdeiro de três currais, sempre participou das reformas e das reconstruções dos deles. Titio, atualmente, possui o direito de seis estruturas e já chegou a construir um curral sozinho, além de reformar vários, um destes, o único ativo da orla da Garça, pertence a André, filho mais velho de Titio e gerente do Bar da Garça.



Foto 26 - Vagá e Titio no recém-inaugurado Bar do Titio. Dezembro de 1992, autor desconhecido. Fonte: Acervo Vagá.



Foto 27 - Ex-namorada de Vagã e seu pai visitando um de seus currais. A família de Vagã trabalhou por mais de 70 anos com a pesca de curral. Hoje em dia, Vagã possui o direito sob os buracos de um curral na orla de Garça Torta - Curral 3 Buracos - , mas acredita que não vale mais a pena investir na manutenção da estrutura. Janeiro de 1989, autor desconhecido. Fonte: Acervo Vagã.

Os currais são passados de pai pra filho. Titio lembra que a avó dele teria ganho o curral - o que pertence a André - da bisavó, mas não sabe informar há quanto tempo os currais estão no mar, mas Titio e Vagã afirmam que seu bisavô já moravam na Garça Torta em meados dos anos de 1870 - recalculando as datas de idade - e já teria relação com a atividade da pesca.

Esses buracos [escavações feitas para fincar os mourões dos currais] que tão aí devem ser do tempo dos índios, dos escravos, tem pra mais de 300 anos. Eles deixaram os buracos aí e a gente foi só colocando os mourão dentro e amarrando depois (VAGÃ, 18 de Abril de 2018, em conversa durante a apresentação das fotografias).

Quando eu era pequeno, vi bem uns 10 currais na praia. O pessoal mais velho daqui era quem fazia. O pai do Vagã, meu pai. Antigamente todos estavam funcionando. Já vi muito peixe saindo desses currais aí. Eu mesmo cheguei a pegar quase mil quilos num dia de semana Santa (TITIO, 10 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

Os currais são construídos nos seguintes tipos de solo: arenoso, rochoso, la-

moso, cascalho e também sobre os recifes de arenito e de corais. De acordo com a Instrução Normativa nº 1, de 12 de janeiro de 2005, do Ministério do Meio Ambiente - MMA, as artes de pesca fixas deverão obedecer a uma distância mínima de 100 m de recifes de corais e arenitos (Art. 2º, § 3º), ou seja, proíbe a instalação de currais sobre recifes de coral no estado de Alagoas. A construção, reimplantação das varas e reformas dos currais, no final dos anos 80, aconteceu pela observação, segundo Titio. O formato do curral foi copiado dos que já existiam na região, portanto, a maioria dos currais ainda visíveis é datada a partir da época já mencionada.

A gente ia olhando como era a ordem e os tamanhos dos mourões e ia furando as pedras... Eu construí uns 4 em um ano só! Foi em 88! Essas pedras dão um trabalho danado pra furar. Mas é muito interessante quando elas quebram. Porque você tem que ficar dando um golpe atrás do outro nela e ela não sai do lugar. Aí passa um tempinho e você só dá outro golpe que já quebra tudinho dentro. É por causa do tipo dessa pedra, né? O calcário... (TITIO, 10 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

2.2.3 Negócios à parte

A posse dos currais está intrinsecamente ligada ao pescador que furou os buracos ou levantou os mourões, ou seja, reposicionavam as varas nos buracos já cavados. Titio afirma que a prática da compra e venda destes currais, que hoje valem uma média de R\$ 60 mil, intensificou-se com a sua geração de pescador, no fim dos anos 90.

Todos os currais que estão aparentes aí ou eu já trabalhei, ou fiz. Chegou um tempo desse que eu comprei tudinho. Comprei e saí dando. Dei o da Gunga (irmã que faleceu em 2016), dei esse do André, saí dando pra o povo. Aí uns já tão abandonado. (TITIO, 10 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

Nesta época, as negociações dos currais eram feitas em dólar. Os mais interessados em compra dos currais eram usineiros e políticos. Um dos currais da praia, o 3 pedras, hoje pertence a Renan Filho. As negociações, segundo Titio, acontecem da seguinte forma:

Os buracos que eu furei é meu. Aí o buraco tá lá furado, se alguém quiser colocar pra funcionar, tem que pedir minha autorização. Se a pessoa quiser,

eu mesmo tomo conta, ele me dá uma diária, aí a pessoa escolhe se quer pagar pelos buracos e começar a montar e fazer a manutenção ou o curral pronto, aí já é outro valor. (TITIO, 10 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

Vagá afirma que o curral deu sustento para sua família por várias gerações, além de garantir trabalho desde jovem à velhice:

Quem bem sabe e quer ganhar dinheiro a vida inteira que tenha um curral. É caro de manter, o cabra tem que ter grana, mas se trabalhar mesmo, não precisa se preocupar com nada. Desde de criança que via meu pai vendendo peixe do curral e nunca passou por perrengue. Até os 106 da morte dele, ele tava dentro do curral! (VAGÁ, 18 de Abril de 2018, em conversa durante a apresentação das fotografias).

Os currais foram fontes de renda garantida para o pescador que trabalhasse com essa técnica. Mensalmente, era possível tirar uma média de 80kg de pescado por cada despescado³ no curral, o que, por mês, chegava a quase 5 mil quilos de pescado. Muitos destes peixes voltavam para o mar por não ter espaço para armazenamento. Antigamente, o pescado destes currais, além de gerar renda econômica para famílias, como a de Titio e Vagá, alimentava-os e servia de ofício para vários integrantes da família, já que o trabalho com currais demanda uma série de cuidados durante o manejo, além da dinâmica de fazer o despescado diariamente durante as marés secas.

2.2.4 A paisagem e o saber fazer

Titio consegue se lembrar do posicionamento das 12 estruturas já perfuradas, tal façanha só é possível através de seus mapas mentais e do acesso às lembranças de infância. Hoje podemos identificar apenas seis estruturas, muitas delas com poucos mourões instalados e várias quebradas. Atualmente essas estruturas estão seguindo do sentido sul ao norte da praia da Garça, um em frente à Balança de Peixes, um ao Hostel Paraíso da Garça, os dois em frente à Pousada Flor de Lis e dois em frente à Associa-

3 - A despesca é realizada por dois pescadores com o auxílio de uma rede de forma retangular, disposta na extremidade de duas varas de madeira, que a arrastam dentro do cercado e depois a fecham através de um cordão que passam por dentro de várias anilhas existentes na tralha inferior da rede.

ção do Clube da Caixa. Todos esses currais recebem um nome, como também pode ser observado no mapa (13, 14, 15, 16, 27, 28).

Os buracos dos currais seguem uma linha reta, adentrando o mar. São mais ou menos cinco metros de distância entre um e outro. Algumas faixas de pedras têm até três estruturas de perfuração de currais. Segundo Titio, as estacas chegam até 3,5m de altura e são fincadas em buracos de 80 cm de profundidade. As melhores madeiras para os currais são João Mole, Ibiriba, Açoita Cavalo e Carrasco, com duração de média de 20 anos, se forem bem cuidadas, caso não, os ouriços são os responsáveis por roer a madeira na altura da pedra, quebrando o tronco. Titio afirma ter inovado na construção:

Quando eu comecei a fazer curral, o povo me chamava de doido porque comecei a botar rede de nylon, fio de telefone e mangueira. Ninguém acreditava que ia durar. Mas depois todo mundo começou a fazer assim também e hoje dá pra passar uns 6 anos sem precisar de manutenção. (TITIO, 10 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

Antes da sofisticação de Titio, os currais eram feitos com varetas de bambu ou palha e cipó. O tempo de vida de um curral desses era de apenas seis meses. Após essa duração, todo o material dos currais era retirado e novamente se iniciava o procedimento de perfuração das pedras e amarração dos cipós.

De acordo com os pescadores da região, a melhor lua para a pesca de curral é a lua nova. Segundo Titio, é um período de maré morta e significa que o nível de água do mar permanece constante, enchendo pouco e secando pouco. Com a pouca luminosidade da lua, o peixe se perde mais facilmente dentro da armadilha. Dentre as principais espécies de peixes encontradas no curral estão o camurim, tainha, carapeba, peixe galo, xaréu, pampu, baru, entre outros.

Por dia, é preciso que o pescador visite o curral nas marés secas para retirar o pescado, caso não, corre-se o risco de ataques aos peixes por pulgões que em pouco tempo podem pôr a perder o pescado. Em média, são quatro horas de trabalho no mar para realizar limpeza e manutenção. O turno de trabalho é definido pela maré, podendo-se trabalhar até durante a madrugada.



Foto 28 - Novos materiais compõem a estrutura de currais, como a tela de *nylon*, o fio de telefone e as mangueiras que passam os arames para amarrar a tela nos mourões. Segundo Titio, a durabilidade do curral aumentou após o uso destes materiais. 3 de Abril de 2017.

Pelo que Titio lembra, as famílias Lira e Dos Anjos também possuíam e trabalhavam com currais. Ambas famílias ainda são ligadas à pesca e posses de terra na região. No documento *Garça Torta & Riacho Doce: franja de litoral entre dois riachos* (SILVA, 2016), elaborado pela professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e moradora do bairro de Garça Torta, Maria Angélica da Silva, podemos ter outras narrativas acerca da presença dos currais e das transformações das paisagens na praia da Garça Torta.

As pedras, quebraram todas as pedras da praia de Garça Torta. (...) Ali, na frente da Balança, tinha uns cabeço. Quebraram tudinho pra fazer cal. Aí a areia veio e aterrou. Tubarão a gente pescava aí, de noite, de linha. Era fundo. Hoje, a gente vai com água no joelho, dentro do canal. (José Bispo dos Santos, in Reimes, 2004: 31-32).

O senhor Ednon também confirma as retiradas do cabeço, segundo ele, iniciado



Foto 29 - Curral Avestruz ainda em construção. Março de 1989, autor desconhecido. Fonte: Acervo Vagá.

há, em média, 45 anos atrás. (Ednon César da Cruz, in Reimes, 2004: 44).

Aí, quebraram as pedras todas da Garça Torta. A praia aterrou-se. Hoje quem vê a Garça Torta, é uma coisa feia. Porque a Garça Torta era um paraíso, era um paraíso a Garça Torta. Ali, onde é aquele porto de jangada hoje em dia, você saía com a maré quase cheia, bem grossa. Era jangada de pau-de-jangada. O cara encostava ela na beira da praia, ela ficava lá, quietinha. O cara ia, tirava o rolo. O cara sozinho saía para pescar de jangada e o mar não tirava ela do lugar. Agora, aquilo ali não era aterrado; era fundo. Tinha um curral na entrada da Garça Torta, na beira da praia. Você, pra ir para aquela pedra, você ia nadando. Hoje você chega lá de sapato, não molha nem os pés. (José Bispo dos Santos, in Reimes, 2004: 32).

É importante destacar a presença da mulher no trabalho da pesca do curral. Há comentários de Vagá e Titio sobre o trabalho de suas avós e mães no ofício da pesca de curral. Na Garça Torta, a irmã de Titio, Gunga, era a única mulher da região que trabalhava com a técnica em meados do fim dos anos 80.

E ali tem vários tipos de pescadores. A Garça Torta tem desde o pescador de alto mar ao pescador de vara na pedra. Ali tem pescadores e pescadoras que é uma coisa inusitada você ter uma Gunga, como uma mulher pescadora de curral, em tudo, porque, ela, conhece tudo, só, se dedica mais ao curral, mas ela conhece absolutamente tudo da pesca. (Regina Coeli Marques, 2013: 24).

“Habitar-se o espaço da memória é conviver-se com memórias coletivas, individuais e sociais negociadas, e não simplesmente, domesticar-se um território vazio e opaco, lugar de reativação de tradições perdidas ou da nostalgia do passado” (ROCHA e ECKERT, 2005, p. 117), assim, convidar os pescadores para este passeio sobre memórias das técnicas e espaço da Garça Torta e analisar as transformações do espaço sob o ponto de vista deles, como Vagá e Titio, é um método de refletir antropologicamente acerca da importância da memória para compreender as transformações acerca dos conflitos territoriais que passam a existir com mais evidência para os grupos de pescadores e antigos moradores da região.

2.3 Rumos e conflitos atuais da pesca de curral

2.3.1 “Eu ainda faço pesca artesanal mesmo.”

A manutenção do único curral em atividade na praia da Garça Torta é de responsabilidade de André, filho mais velho de Titio, que além de realizar as reformas e o despescado no curral, trabalha como garçom no Bar da Garça, restaurante gerido por sua família. E mora em cima do estabelecimento com Titio e seu filho de 9 anos, no restaurante onde toda a equipe de administração e cozinha é composta por familiares.

André afirma que desde sua infância as suas principais atividades era ajudar seu pai no bar e no mar, os estudos eram um fardo na infância, mesmo assim, completou o ensino médio.

A gente gostava mesmo era de ficar na praia, se deixasse, a gente passava o dia todo pescando, brincando. Tudo o que eu aprendi dentro do mar foi olhando meu pai fazer, ajudando ele a fazer. Quando eu era criança, a minha única atividade no curral era costurar a tela e fazer o despescado quando meu pai mandava. Eu gostava e aprendi a fazer tudo (ANDRÉ, 2018, durante entrevista sobre os currais).

Mesmo com domínio de outras práticas da pesca artesanal, como alto-mar, redes e pesca entre pedras, André admite que tem preferência pela pesca do curral, apesar do alto custo de manutenção e esforço físico.

É o que eu sei mais fazer, é a pesca de curral. Quando eu fiquei mais velho foi que aprendi a mergulhar e jogar rede, mas eu cresci fazendo isso, aprendendo a fazer curral. No começo era só o que eu sabia fazer, aí não tinha o que escolher, foi por precisão e por só saber fazer aquilo (ANDRÉ, 19 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

André fala pouco da sua relação com o pai ou familiares, apenas quando questionado. Ele reconhece a importância do trabalho do pai na história da pesca e do bairro da Garça Torta. André mantém a tradição da construção e manutenção de curral passada por seu pai e diz que não houve grande mudança na forma como ele mantém o curral hoje, nem mesmo no instrumental usado. Talvez, a única inovação seja a utilização das blusas com malha especial de proteção contra raio ultravioleta.



Foto 30 - O mar é o chefe. A manutenção dos currais leva em média quatro horas, é o tempo de aproveitar a maré baixa para fazer o despescado, reparo na telas e mourões e melhorar as amarrações que corroem, devido à salinidade, ao longo do tempo. 12 de Setembro de 2017.



Foto 31 - André segurando um coral que acabara de achar quebrado próximo ao curral. Ainda existe uma pequena extensão de corais vivos na Praia da Garça Torta. 12 de Setembro de 2017.

Tudo o que eu aprendi aqui na pesca foi com meu pai. Ele gostava de ensinar as coisas pra gente e era sempre divertido aprender com ele porque era muito brincalhão. [...] Acho que o pessoal antigamente sofria mais por causa do sol. Eu aguento passar um dia todo aqui e tô bem protegido, sem precisar tá passando protetor, nem usando roupa pesada. Antigamente não tinha essas blusas. [...] Acho que eu uso as mesmas coisas que meu pai usava pra fazer as manutenções e o despescado. Pouca coisa mudou, eu ainda pratico uma pesca bem artesanal mesmo (ANDRÉ, 19 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

André já construiu três currais no mar da Garça Torta, o Usineiro, o de sua tia, Gunga, e o que atualmente trabalha, Mourãozinho. Muitas destas construções aconteceram através de sociedades, em que a outra parte interessada pelo curral entrava com um investimento financeiro e André entrava com o conhecimento das técnicas de construção e manutenção. Praticamente, quase todos os mourões que podem ser enxergados hoje pertencem a André, seguindo a lógica da posse do curral já referida por Titio.

A limpeza é semanal e geralmente é realizada nas segundas e terças, seus dias de folga no Bar da Garça. Nas marés secas – duas vezes ao dia, ele ou seu irmão, Fábio, vão ao curral recolher o pescado. Boa parte dos peixes é vendida já na beira da praia, as carapebas maiores vão para o bar.

O saber fazer do curral, passado de Titio para André se transformou em moeda valiosa na região. O que antigamente era um conhecimento compartilhado por muitos pescadores da região, atualmente está restrito a dois moradores do bairro, André e Prego.

2.3.2 O mar não tá pra peixe

Uma análise pertinente do trajeto da pesca de curral é a diminuição de peixes na região. Segundo André, houve épocas na Garça Torta de ter que se fechar o curral por causa do excesso de peixes. Os relatos sobre as grandes quantidades capturadas no despescado no curral são feitos por diversos moradores antigos e reafirmadas por André e seu irmão, Alan. O que antes podia ser contabilizado, por despescado, até em 100 quilos de peixes, principalmente carapebas, atualmente se resume a 10 quilos de diferentes espécies, destes, apenas carapebas grandes (quando aparecem) são selecionadas para compor o cardápio do Bar da Garça, os outros pescados viram consumo próprio de parentes e amigos próximos.

André confirma que em sua infância tinham muitos currais ativos e o interesse em ter um curral também era benquisto entre os pescadores, principalmente por ser rentável. Segundo ele, hoje já é muito caro a construção de um curral, principalmente pelo conhecimento das técnicas e saberes envolvidos na construção.

Antigamente não precisava pagar nada pra ter curral porque muita gente sabia trabalhar com curral, aí nem precisava pagar pra outra pessoa tomar conta. Só que aí o povo foi parando de trabalhar com curral e também o peixe começou a diminuir. Aí já não tinha como tirar sustento do curral. Agora, a hora de trabalho no curral custa em torno de R\$ 100,00 e aqui na Garça não tem mais quase ninguém que saiba construir mesmo. Por exemplo, se vier um mar brabo aí e quebrar um mourão desse, se o cara não ver, ele vai acabar derrubando os outros, aí o cara vai ter mais custo. Hoje em dia, cada madeira do mourão tá em torno dos R\$ 60,00. Aí imagine, só de material o cara já tem que desembolsar no mínimo uns 35mil reais, aí



Foto 32 - A densidade da água multiplica peso do laboro no mar. André já planeja remanejar o curral para o de sua tia falecida, Gunga, que está com o solo menos sedimentado, e dá mais altura para trabalhar na manutenção. 12 de Setembro de 2017.

vem o custo pra furar e pra fazer manutenção, se juntar tudo, só pra deixar o curral ativo, o cara tem que gastar uns R\$ 60 mil reais. Como eu tenho o conhecimento, eu mesmo construo e faço manutenção, mas se for um cara que não souber, não tem como. Acho que aqui na Garça Torta mesmo, ninguém vai trabalhar mais com curral depois de mim (ANDRÉ, 19 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

Quando questionado sobre a diminuição dos peixes, André fala de algumas percepções:

Eu acho que é por causa do esgoto que tá indo todo pra o mar, o bairro começou a crescer e nunca fizeram um saneamento, aí a sujeira vai toda pra praia. Eu acho que foi por causa disso que parou de aparecer mais aquele monte de peixe e a tendência é que desapareça cada vez mais. Hoje eu trabalho porque gosto de trabalhar no curral, mas se fosse pelo dinheiro, eu não ficava mais não, não é rentável. Esse aí mesmo [apontando pra Alan] vive dizendo pra eu parar de trabalhar aí no mar e ficar só como garçom no bar, mas enquanto ainda tiver meia dúzia de peixe, eu tô lá pescando (ANDRÉ, 2018, durante entrevista sobre os currais).

Em diversos encontros com André, falamos sobre o avanço imobiliário na região e sobre suas percepções das mudanças na Garça Torta. André lamenta sobre a

pesca, que está ficando cada vez menos praticada.

Antigamente como tinha pouca casa, era mais escuro aqui, aí bastava a pessoa colocar uma lamparina acesa dentro do barco que pulavam quase 10 quilos de agulhinha pra dentro do barco, sem brincadeira nenhuma. Mas acho que a beira da praia já tá com muita iluminação, aí prejudicou quem pesca pela noite. Aí se mudou pra os animais da noite, com certeza mudou pra os do dia, porque um depende do outro. (ANDRÉ, 19 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

Além disso, André diz que o esgoto e os dejetos químicos que são jogados no mar são sua maior preocupação sobre a chegada de novos prédios na região, ele acredita que a pesca do curral vai desaparecer na região e que por causa do desinteresse dos jovens de hoje vai ser muito difícil encontrar pescador artesanal futuramente.

Já teve esse condomínio [Morada da Garça] que chegou aqui e cobriu o mangue, já vem sujo de lá de cima, né? O outro rio lá do Riacho já virou esgoto, ninguém nem chega perto pra tomar banho. [...] Aqui na praia, o problema não vai ser nem a sombra dos prédios, o problema é esse monte de cloro que desce das piscinas pra cá e o protetor solar⁴, o óleo pra bronzear que o povo coloca que mata os corais tudinho. (ANDRÉ, 19 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

A possibilidade de morar em outro lugar nunca passou pela cabeça de André. Atualmente morando na casa construída em cima do Bar da Garça com seu filho Yuri, de 9 anos, e seu pai (que neste período da pesquisa saiu da casa de Fátima e foi morar com André), diz que se sente bem morando na Garça, mesmo sabendo que um dia toda a paisagem irá se transformar.

A gente é muito privilegiado aqui, porque a gente conseguiu construir tudo aqui na Garça mesmo. A gente mora, trabalha, se diverte por aqui mesmo. Eu estudei aqui, meu filho estuda aqui e a gente vai fazendo a nossa vida. Eu não penso em deixar a pesca artesanal e nem penso em morar em outro lugar. É muito privilégio viver aqui (ANDRÉ, 19 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

André acredita que seu filho não será pescador e ele também não sonha que

4 - CF. VASCONCELLOS, Pérola De Castro. Meio Ambiente e Química. 20 ed. São Paulo: Senac, 2017. 144 p.

o seja. Ele diz perceber diferença entre a relação dele e a relação do filho com o mar.

Eu acho que por causa da necessidade eu tive que trabalhar mais no mar, eu me divertia, mas era o jeito que a gente tinha de ganhar dinheiro pra viver. Hoje ele [Yuri] já pode escolher viver de outra coisa, se quiser. Quando ele era mais novo, ele ficava mais no curral comigo, hoje em dia ele prefere fazer outras coisas e eu não fico no pé dele pra me ajudar no curral, como meu pai fazia (ANDRÉ, 19 de Março de 2018, durante entrevista sobre os currais).

Nos relatos de Titio, Vagá e André, pude perceber o processo de gentrificação agindo não somente nos espaços, em formas de embelezamentos ou de transformações de dinâmicas dos serviços, mas também interferindo nos processos de transmissão e continuidade do conhecimento tradicional e da prática de atividades. Os pescadores são praticamente obrigados a deixar o ofício da pesca devido ao desequilíbrio da natureza consequente da interferência humana do avanço urbano, ausência do poder público e passam a buscar em outras atividades fonte de renda para dar garantia à vida. Eles são, provavelmente, as últimas gerações detentoras dos saberes que perpetuaram a história da atividade e do próprio lugar em que vivem.

2.4 Avanço urbano e a ameaça à pesca artesanal

A cultura da pesca artesanal e o meio ambiente estão intrinsecamente relacionados, de forma que têm uma dependência mútua, já que a primeira depende da diversidade de espécies para se manter - já que a agressão ao meio em que está inserida reflete imediatamente nela – e o segundo depende de sua conservação, o que implica o manejo cuidadoso de seus recursos pelo homem.

É possível falar sobre um cenário atual de destruição ambiental que o mundo atravessa, motivado pela modernização e globalização e que atingem a pesca artesanal na medida em que provocam a sobrepesca, a poluição, a especulação imobiliária e o turismo, repercutindo diretamente nesta atividade econômica e também na cultural envolvida por ela, características presentes na Praia da Garça Torta. De fato, a preocupação ambiental já há algum tempo ocupa parte dos debates entre as nações, propiciando estudos que atestam os impactos ambientais e apontam reflexos no cotidiano do

homem, além de terem se constituído em marcos importantes (BELLEN, 2006).

Por sua vez, a má gestão de resíduos no ambiente aquático (poluentes e contaminantes como o cloro das piscinas e químicos de limpeza das residências) também surge como causa da diminuição das espécies pescadas, pois a água se torna veículo de transporte entre as fontes poluidoras - muitos à céu aberto) e as regiões onde esses dejetos são despejados (rios, lagos, mar, lençol freático) (CAPELLESSO; CAZELLA, 2011, p. 18) sendo provável que a poluição e a eutrofização⁵ em especial ocasionada pelos esgotos domésticos (SASSI, 1991, p. 103), tenha importância na redução dos estoques pesqueiros, tendo em vista que os estuários são ambientes de elevada produtividade e suportam grandes quantidades de fases larvais e juvenis de muitas espécies economicamente importantes que podem ser muito sensíveis às alterações ambientais decorrentes da poluição. Esses aspectos ambientais são verificados em todo o processo de pesquisa, em relatos de entrevistados e em observações locais.

5 - Processo através do qual um corpo de água adquire níveis altos de nutrientes, esp. fosfatos e nitratos, provocando o posterior acúmulo de matéria orgânica em decomposição; eutroficação.



Foto 33 - Entre as areias da Garça Torta e Riacho Doce, muitos pedregulhos são encontrados, geralmente restos das obras das casas da orla que a chuva levou para praia. 17 de Dezembro de 2017.



Foto 34 - As opiniões dos quase 40 pescadores ativos divergem enquanto à chegada dos novos prédios na região. Enquanto uns acreditam que a chegada dos edifícios trará mais empregos e melhoria em infraestrutura, tirando a população da trabalho “sofrido” da pesca; outros não recebem as notícias com tanta esperança, acreditando que pode se tornar mais um empecilho para a prática da pesca. 12 de Setembro de 2017.

Tal como acontece na Garça Torta, estudos relatam a invasão das áreas ocupadas por pescadores com suas casas, decorrente da urbanização e de atividades turísticas, podendo-se citar Maldonado (1993) – que constata o deslocamento dos pescadores da beira do mar para uma faixa (denominada de faixa de pobreza) no bairro de São José, que fica por trás da praia de Tambaú, no município de João Pessoa-PB e Coutinho, Oliveira e Silva (2010) – que destacam a destruição dos manguezais, o desmatamento de diferenciadas coberturas vegetais naturais, as construções civis irregulares, o aumento e a disposição inadequada de resíduos, as perturbações derivadas do tráfego excessivo de veículos nativos motorizados, no litoral dos estados da Paraíba e Pernambuco. Na costa litorânea alagoana o fenômeno segue em avanço, como exemplo, a perenização da Lagoa Mundaú, o aterramento de mangues para construção de condomínios de luxo como no caso dos Condomínios Laguna em Marechal Deodoro e o Sant Miguel em Barra de São Miguel, ambos no litoral. Na Praia do Francês, situada

em Marechal Deodoro, também é possível identificar o processo de gentrificação através da transformação urbana do povoado de pescadores e surfistas. Desde 2010, com a chegada do grupo hoteleiro Ponta Verde, iniciou-se mudanças estruturais para melhor atender o setor turístico. Toda a orla foi reconfigurada alegando trazer melhorias para banhistas e comerciantes da região. O mesmo grupo em questão também é possuidor de grandes terrenos na região de São Miguel dos Milagres e já iniciam um processo de transformações urbanas na região com construção de hotéis e condomínios de luxo – a exemplo a construção vertical Colônia de Pescadores que está sendo construída na mesma área onde os pescadores ancoravam seus barcos e tiveram que se retirar para dar início às obras - e investimento em megaeventos, como exemplo, o réveillon que em níveis de estratégia de marketing dá a Maceió o título de “Capital do Réveillon”. Em todas as regiões citadas, os índices de violência aumentaram, assim como os casos de tráfico de drogas, além dos diversos depoimentos negativos acerca da infraestrutura urbana e serviços públicos básicos.

Essas repercussões podem ser atribuídas não apenas às inovações tecnológicas, como a introdução de barcos motorizados ou utilização de materiais sintéticos no instrumental da pesca, mas às mudanças profundas de natureza social e simbólica, como assalariamento e o cooperativismo, incidentes sobre noções de tempo e liberdade.

No caso dos pescadores artesanais que são um grupo caracterizado pela tradição oral – em que indivíduos (guardiões) são responsáveis por memorizar histórias de crise e faturas na pesca, bem como os motivos que levaram a estas situações, que podem estar associados a fatores ambientais, de alteração na tecnologia de captura ou a mudanças institucionais, as quais foram transmitidas por Titio e Vagá anteriormente, muitas vezes baseadas em histórias que remontam centenas de anos – um deslocamento das suas relações sociais dos contextos locais pode ser provocado pelo impacto das fichas simbólicas (GIDDENS, 1991, p.84), no caso, o dinheiro, dos sistemas peritos e da reflexividade, na medida em que:

- a) O dinheiro vai se sobrepondo às relações tradicionais existentes entre eles

(pois a importância econômica de sua atividade se torna maior do que a importância da sua cultura);

b) Seus conhecimentos não são valorizados (sendo substituídos pelos conhecimentos dominantes da modernidade) e;

c) Ocorre uma forte influência da sociedade hegemônica sobre a sua cultura.

De fato, o tempo do pescador artesanal é medido pelos ciclos da natureza, pelo decorrer dos dias e noites no ambiente marítimo e pelo comportamento das espécies, com os capitães e mestres da pesca dividindo as tarefas, através do tempo de trabalho estipulado por eles, estando o senso de liberdade ligado à autonomia sobre o tempo, sendo que a partir do momento em que a autoridade do mestre (conferida pelo conhecimento que detém e pela tradição) é substituída pelas ordens dos patrões esta liberdade é dissolvida pela interferência do pessoal de terra no trabalho dos embarcados. (MALDONADO, 1986).

Já o mar e a praia (espaço dos pescadores artesanais) que são frutos de uma apropriação diferente dos sujeitos e de sua divisão – de acordo com as necessidades produtivas para sua sobrevivência, levando-se em consideração a reprodução cíclica dos estoques; as rotas que aprenderam a reconhecer e percorrer através da educação recebida desde criança que lhe permite saber quando e onde encontrar os diversos peixes ou tipos de pescado que lhes interessam. Os limites da coleta, de acordo com o ritmo da natureza marinha; e a manutenção do equilíbrio ambiental - passa a ser alvo de especulações econômicas com viés produtivo.

A globalização, por sua vez, atua nesse cenário, excluindo os atores sociais na medida em que permite a entrada de “forasteiros” no contexto comunitário, os quais contribuem para o descumprimento das regras, aqui representados pelos pescadores assalariados trazidos pela empresa ou mesmo representados pelas cooperativas. Os primeiros atuando na relação social como elementos estranhos, haja vista serem tratados como sujeitos condenados, que não podem trazer para sua condição de pescador, e os segundos ferindo a autonomia dos pescadores artesanais, na medida em que permitem a utilização de unidades financiadoras de equipamentos e distribuidoras de

peixe por indivíduos externos à pesca artesanal, como armadores, políticos e representantes de entidades financiadoras, os quais têm por intuito apenas a promoção dos seus próprios fins, sem nenhuma relação, pelo menos em princípio, com os interesses e as expectativas dos pescadores.

Tratando-se da questão identitária, Bauman aponta que as forças da globalização realocam as pessoas e destroem suas identidades sociais e que cabe aos indivíduos conquistá-las com seus próprios recursos. A “construção de si” torna-se assim uma tarefa individual, na ausência de um projeto político que abranja o coletivo. Ao mesmo tempo, o autor reconhece na Política das Identidades a linguagem dos marginalizados pela globalização (BAUMAN, 2005). A ideia de “perda” da identidade social não é, a meu ver aplicável ao contexto contemporâneo. O que é possível identificar nos dias de hoje teria mais bem a ver com processos de combinação, deslocamento e reposição de identidades – as “identidades híbridas” comentadas por Hall (2000) e Canclini (1998).

As relações de identidade, assim como os espaços do bairro da Garça Torta se transformam constantemente, distantes de medidas coletivas de locais, sejam de nativos, moradores antigos ou moradores flutuantes da região.

CAPÍTULO 3

O espaço da gentrificação na Garça Torta: conflitos em terra



3.1 A verificação da gentrificação na Garça Torta

O contexto característico do terceiro milênio constrói um cenário de paradoxos para territórios como a Praia da Garça Torta, onde o mundo globalizado convive com a realidade dos moradores nativos que ainda conservam atividades tradicionais, as quais desafiam novas formas de gentrificação, revelando um misto de forças internas e externas.

Trata-se de um recorte espacial onde é possível observar que a dimensão econômica predomina nas diferentes formas de uso e apropriação do solo, estabelecidas por um mercado de terras que cresce de forma acelerada, criando um contexto fundiário tenso e conflituoso. A apropriação privada da natureza, apoiada nas políticas públicas protecionistas dos grandes capitais, promove alterações da paisagem local, este fato é comum em maior parte do litoral do estado de Alagoas.

A gentrificação tornou-se, nas últimas décadas, vocábulo onipresente nas discussões travadas sobre as mudanças ocorridas no espaço urbano e, mais recentemente, no espaço social como um todo. Este fenômeno é explicado, segundo Niel Smith (1996), principalmente, pelo desenvolvimento do capitalismo, através das mudanças repentinas do padrão de consumo, da especulação imobiliária e da noção de “fronteira urbana” – que deve ser entendida como fronteira econômica – que move os mais abastados a explorarem novas zonas economicamente rentáveis.

A gentrificação é um processo que nasce sob a ótica urbana, porém ele pode ser perfeitamente aplicado à zona rural, com a mesma base conceitual. O *rent-gap*¹ causado entre os bairros nos casos urbanos ocorreria, neste caso, entre a parte urbana e rural

1 - Uma tradução literal em língua portuguesa seria diferença de renda. É o hiato, intervalo ou diferença (gap) entre a renda obtida no atual uso de uma determinada propriedade ou terreno e a renda que poderia ser obtida com outro uso. É, portanto, uma projeção sobre o uso do solo, uma especulação que leva à transformação urbana. Segundo o Dictionary of Human Geography, rent gap é “a diferença entre a renda atual obtida em uma propriedade (a ‘renda da terra capitalizada’) e sua potencial renda sob outro uso (ou ‘renda da terra potencial’). Desenvolvido por Smith e enfatizando os fluxos de capital na produção do espaço residencial, a teoria da rent gap é um elemento crucial da análise da gentrificação. A teoria sugere que o desinvestimento nos bairros do centro urbano decadente reduz a renda da terra capitalizada. Quando esta renda é suficientemente mais baixa que a renda potencial, ocorre a oportunidade de se obter lucros através do reinvestimento, levando a uma mudança residencial.” (2009: 645). Não se deve confundir com renda diferencial (por isso é comum o uso da expressão rent gap no original inglês), que é um elemento econômico mais básico e que torna possível a própria diferença potencial de renda. (N.T.).

de uma mesma região. Uma vez que as atividades no campo, principalmente aquelas realizadas por comunidades tradicionais, vão perdendo espaço de reconhecimento na sociedade e, por conseguinte, as atividades econômicas encontram um espaço perfeito para grandes empreendimentos. Através de investimentos privados e/ou públicos e utilizando o discurso, acima explicado, do desenvolvimento que as empreiteiras trariam à região, a área que antes era considerada rural, é enobrecida, o que faz com que a vida da comunidade originária se torne insustentável. Isso se dá por diversas formas, como pelo encarecimento do custo de vida; pela oferta realizada pelo imóvel que, em um primeiro momento, se mostra irrecusável; ou por até mesmo ameaças.

No caso da Garça, é interessante observar, dentro da história de povoamento da região, a presença de personagens políticos, não só em Maceió, mas a nível nacional, como o caso da família Calheiros. Boa parte dos moradores da Garça Torta trazem a lembrança dos tempos em que Renan Calheiros possuía uma casa de veraneio na região da orla. Sempre remetem-se à infância de Renan Filho, atual governador do estado de Alagoas, que passava suas férias brincando na piscina do casarão, onde hoje está instalada a Pousada Flor de Lis, construída em 2017 e possui diárias com valores a partir de R\$ 800,00.

A manutenção da concentração de terras conservando padrões coloniais se reafirma nos dias atuais através da negociação de extensas áreas para as grandes redes hoteleiras internacionais. São processos que se repetem ao longo da história e refletem sobre a produção e a modificação dos espaços, acentuando desigualdades sociais e econômicas, a partir de políticas públicas de planejamento territorial, que favorecem atividades voltadas para os interesses das classes dominantes. Com o início do processo de urbanização das áreas mais cobiçadas da Garça Torta, como a orla, observam-se alterações do padrão construtivo, refletindo sobre a valorização imobiliária que se estende, mais predominantemente na faixa costeira, exibindo uma cruel e explícita segregação. Contudo, observa-se que a gentrificação naquele território transcende as questões físicas e espaciais, se expandindo a outros horizontes.

Apoiado pelo poder público, o capital estrangeiro acaba sendo o principal cau-

sador destas alterações. A predominância da condição rural no bairro, observada na manutenção de atividades de agricultura e pesca, ainda que ameaçadas, ora alicerça a negociação de suas terras e sua “natividade”, ora redefine a perspectiva de ampliação dos limites urbanos. Se, por um lado, a urbanização facilitou a acessibilidade dos visitantes e buscou atender padrões higienistas, os moradores locais estão sendo expulsos dessas áreas, pois, deparados a uma vertente econômica agressiva, poucos habitantes antigos resistem às mudanças. Alguns cedem ao processo de gentrificação, porém, há nativos que ainda procuram sobreviver na nova configuração. O atual fenômeno de gentrificação deve ser contextualizado nas profundas alterações econômicas que têm decorrido nos espaços urbanos dos países ocidentais de capitalismo avançado (HARVEY, 2009) desde os finais dos anos sessenta. Essas transformações não podem, porém, ser somente compreendidas e analisadas como resultado dos circuitos especulativos de valorização/desvalorização do solo urbano e dos bens imobiliários nele existentes, assim como de políticas de intervenção urbanística-arquitetônica, mas também das alterações que aquela reestruturação econômica desencadeou na estrutura profissional e na textura social da cidade, com o declínio da produção e do emprego industriais e do rápido crescimento do setor terciário qualificado, ou seja, as atividades de comércio de bens e a prestação de serviços no seu interior.

Segundo Savage e Warde (1993), para que haja gentrificação no espaço urbano tem de se dar uma coincidência de quatro processos:

- I) Uma reorganização da geografia social da cidade, com substituição, nas áreas centrais da cidade, de um grupo social por outro de estatuto mais elevado;
- II) Um reagrupamento espacial de indivíduos com estilos de vida e características culturais similares;
- III) Uma transformação do ambiente construído e da paisagem urbana, com a criação de novos serviços e uma requalificação residencial que prevê importantes melhorias arquitetônicas;
- IV) Por último, uma mudança da ordem fundiária, que, na maioria dos casos, determina a elevação dos valores fundiários e um aumento da quota das habitações em propriedade.

Mais recentemente, a publicação de Sorando e Ardura (2016) representam gentrificação como consequência no nível local de neoliberalismo global, segundo o qual

o mercado livre precisa da convivência das administrações públicas para operar com a máxima liberdade. Os autores não podem ocultar sua rejeição para os agentes urbanizadores que, de uma pseudo filantropia, se oferecem como salvadores para regenerar os centros urbanos em situações catastróficas sem questionar as causas de sua anterior degradação, situação característica que constantemente vem sendo imposta por pela jogada entre o poder público e privado. No caso da Garça Torta, moradores da Rua São Pedro afirmam que a pousada Flor de Lis vem solicitando a pavimentação da Rua São Pedro, afirmando trazer melhoria no acesso aos estabelecimentos comerciais da região¹⁶. Dois membros do Abrace a Garça, Aguililton e Carlos, tomam à frente de abaixo-assinados por moradores da rua para barrar este processo. No caso, esta pavimentação implica na demolição de alguns muros pra que a via seja construída de acordo com as normas da construção civil. Eles atestam, através de pareceres emitidos por engenheiros e arquitetos, também moradores da região, que a pavimentação acarretará em alagamentos e surgimento de poços de acúmulo de esgoto, já que todo o bairro não possui nem saneamento básico, nem sistema de drenagem de água.

Deste ponto de vista, os setores beneficiários referem-se à pobreza como “um problema individual de sujeitos incompetentes que devem ser reeducados pelas novas classes médias que os salvará” (ARDURA & SORANDO, 2016 P.163).

Trazendo essa proposta de análise do processo de gentrificação para a Garça Torta, observo esses pontos da seguinte forma:

I) A reorganização da geografia da Garça Torta teve início com as negociações dos terrenos na região da orla da praia. Levando antigos donos, os nativos, a deslocar-se para distante da orla, já que era a área mais cobiçada e economicamente valiosa para os nativos;

II) É possível encontrar um reagrupamento espacial de indivíduos com estilos de vida e características culturais similares ainda nas pequenas ruas, becos da Coreia e Rua Jurubeba, relocando os descendentes das famílias tradicionais para uma vizinhança menor da que eles possuíam em pouco menos de um século;

III) A transformação do ambiente construído e da paisagem urbana, com a cria-

ção de novos serviços e uma requalificação residencial que prevê importantes melhorias arquitetônicas é observada nos grandes condomínios residenciais de luxo na região. Os moradores deste espaço sugerem, viabilizam e aplicam transformações tanto visuais, quanto comerciais na região. À medida em que o avanço urbano se instala na região, começamos a perceber traços de “embelezamento” de barracas de praia, a chegada de cervejas artesanais e especiais nos mercadinhos populares da região, além de diversos produtos que simbolizam a globalização no bairro da Garça Torta;

Em 2010, o preço médio do aluguel de uma casa com dois quartos na região margeava R\$ 300,00; atualmente, dificilmente encontra-se um espaço desta característica por menos de R\$ 1.000,00. Com a especulação imobiliária em alta, os valores de aluguel, assim como de compra de casa ou terreno multiplicaram consideravelmente.



3.2 Fronteiras, fluxos, híbridos da Garça Torta

Pensando no território sob uma linha mais efetiva, construído por relações sociais, como elemento constituidor da sociedade, vamos pensar no território como um espaço de dominação política, ou espaço de acesso controlado (SACK, 1986). Todo o espaço que tiver um acesso controlado, ou seja, que tem o controle dos processos e das dinâmicas sociais, seria um território. A desterritorialização, neste caso, aparece com o discurso de fim do estado e das fronteiras.

Numa perspectiva mais idealista de território, de base cultural, pensamos num espaço simbólico, um espaço de referência identitária ou valor. Neste caso, a desterritorialização seria o hibridismo cultural, conceito que trago neste capítulo como um pano de fundo para também se pensar nas fronteiras e fluxos da orla da praia da Garça Torta.



Foto 35 - Em 2016 foi colocado um portão no fim da rua Mário Guimarães, no acesso para a praia. Alguns moradores da rua possuem o cadeado do portão que fica diariamente fechado entre os horários das 22h a 5h. 13 de Novembro de 2017.

O estar "de dentro e de perto" permite um entendimento de movimento que passa despercebido aos olhos de quem trafega na rodovia AL-101 Norte. Ao longo da morada e pesquisa, fui percebendo outros muros, outras cercas que não necessariamente eram físicas. Essas fronteiras foram percebidas ao longo das caminhadas pela orla em dias diversos. Durante os fins de semana são mais delimitadas, visíveis e vividas para alguns, invisíveis e distantes para outros. Assim como os fluxos que determinam o tempo para aqueles que vivem e sobrevivem do mar, da praia, da orla da Garça Torta.

Escolhi três espaços, com sinais do fenômeno da gentrificação, para falar sobre fronteiras, fluxos e seus híbridos. Nesses três espaços é possível perceber a presença da atividade da pesca artesanal em suas diversas possibilidades, da prática ao comércio, do abandono em prol de uma vida melhor ao fim dos espaços de pesca devido ao avanço urbano. Estes três locais me permitem dividir a orla em duas regiões; Para facilitar a noção espacial, chamarei a área entre o Bar da Marival e o Bar da Garça de Área 1; já, do Bar da Garça até a Rua Jurubeba, chamarei de Área 2. No espaço já delimitado da orla, iniciei essa pesquisa na primeira barraca de praia da Garça Torta, tanto espacialmente, por estar localizada na região que delimita os bairros Guaxuma e Garça Torta, como temporalmente, já que sua proprietária, Marival, vive e trabalha neste espaço há mais de 50 anos e que em sua história de vida nos mostra uma realidade ambiental e de consumo características do processo de gentrificação na praia da Garça Torta. Separada do bar e casa de Marival, pela primeira rua de acesso à praia da Garça, Rua Dr. Murilo Rocha Mendes, temos a Colônia de Pescadores Z-1, onde, durante os dias úteis da semana encontramos diversos moradores do bairro e parentes de pescadores em momentos de lazer e de pescaria, muitos com varas improvisadas, outros com redes e outros mergulhando. Muitos deles descem "lá de cima" referência utilizada no bairro para localizar os moradores da rua Coréia e becos do morro ao lado oposto da pista. Durante os fins de semana, a Área 1 recebe um público com hábitos de consumo diferenciados da Área 2. Por ser uma área residencial - e geralmente as casas estão vazias - , sem estabelecimentos como bares ou restaurantes, é comum observar os grupos trazendo seu próprio consumo, como isopores, churrasqueiras e outros

equipamentos que dispensam a necessidade de consumo local, são os famosos “faro-feiros”. Mas, após o fim de semana, percebe-se nessa área uma grande quantidade de lixo, como copos descartáveis, latinhas de cerveja, garrafas pets, embalagens e sacolas plásticas. Durante toda a faixa de areia da Garça Torta só encontramos seis estruturas de lixeiras, na Área 1, apenas dois.

Por sua vez, na Área 2 encontramos um cenário completamente oposto. Durante os primeiros dias úteis da semana é uma região pouco frequentada, sendo possível notar a presença de alguns moradores não nativos do bairro. Já nos dias próximos ao fim de semana, os bares desta área iniciam suas atividades, daí sendo possível observar a presença de turistas, de grupos jovens alternativos de Maceió, movimento que se intensifica nos fins de semana, onde a faixa de areia é coberta por cadeiras, mesas, cangas e pares de frescobol. Por ser a área de faixa de areia para uso dos bares, os proprietários dos estabelecimentos procuram manter a área limpa, inclusive retirando o sargaço da praia.

Perceber essas cercas foi fundamental para sistematizar e localizar as principais fronteiras, os limites não declarados, os hibridismos, padrões, as relações sociais, as tensões e os desenrolos dos conflitos territoriais, que reverberam de formas múltiplas na região. A história de vida de Titio, aprofundada no subcapítulo 3.3, retrata outra face dos conflitos da gentrificação, como no caso das transferências, posses e divisões de terras entre familiares, costume que reflete não só na cartografia do bairro, mas também traz reflexões sobre uma tradição de trabalho ameaçada.

Já na Rua Jurubeba encontramos, dentro da própria história de origem do bairro da Garça Torta, um racha que nos anos 2000 separou o antigo povoado da grande região do Riacho Doce. Mesmo com a fronteira legal determinada, já que algumas correspondências situam a Rua Jurubeba no bairro Riacho Doce, os próprios moradores da rua não definem este limite. Muitos moradores do bairro a chamam de rua de fronteira, eu a conheci com esta referência e assim a chamarei também. Atualmente, as rachaduras mais visíveis da rua estão nas paredes das casas, isso devido principalmente à construção do prédio Riacho Doce Residence, que teve suas obras iniciadas em

2016. Esta pesquisa acontece enquanto seus andares sobem e as consequências desta obra modifica o modo de vida e a dinâmica dos moradores da Rua Jurubeba, grande parte deles têm seus ancestrais como figuras importantes dentro do trabalho da pesca artesanal na região, sendo uma rua que faz fronteira com o lá e cá, o passado e o futuro, as incertezas e o progresso que vem ao lado do avanço urbano.

Trazendo a luz dos estudos sobre gentrificação, Smith explica que “a mitologia afirma ser a gentrificação um processo liderado por pioneiros e proprietários individuais cujo suor, ousadia e visão estão preparando o caminho para aqueles, entre nós, que são mais temerosos” (SMITH, 1996, p.4), logo, toda a base do conceito do fenômeno da gentrificação é feita no discurso do desenvolvimento e no papel ativo de uma classe econômica alta, que traria a “luz” aos subdesenvolvidos. Portanto, a fronteira urbana seria, na verdade, uma fronteira econômica, movida através de estratégias do capital.

O autor elucida, ainda, que, para explicar esse movimento do capital, mais do que uma análise fatorial, ou seja, uma lista dos fatores envolvidos, seria necessária uma explanação integrada. De acordo com ele,

os mais importantes processos responsáveis pela origem e pela forma da reestruturação urbana podem, talvez, ser resumidos nos seguintes itens: (a) a suburbanização e o surgimento de um diferencial de renda (rent gap); (b) a desindustrialização das economias capitalistas avançadas e o crescimento do emprego no setor de serviços; (c) a centralização espacial e simultânea descentralização do capital; (d) a queda na taxa de lucro e os movimentos cíclicos do capital; (e) as mudanças demográficas e nos padrões de consumo (SMITH, 1996, p. 6).

Aqui vale lembrar que a própria origem etimológica da palavra território carrega uma ambiguidade entre a dimensão simbólica e a dimensão funcional e material. Território vem tanto de *territorium*, terra, numa dimensão concreta, da qual se apropria, como também se refere a outro radical que é *terrio* ou *territór*, que está relacionado com o verbo aterrorizar, aquele que aterroriza. Fazendo uma extrapolação, podemos pensar que ao delimitar uma cerca ou um muro, ao dizer: “isso é meu”, você está impondo medo naquele que fica aleijado do acesso a esse território, ao mesmo tempo que embute uma identidade naquele que está vivenciando efetivamente esse território

(HAESBAERT, 2009). Ou seja, desde a origem, o território carrega essa ambivalência da dimensão mais simbólica e uma dimensão física e concreta. Não seria diferente nesses espaços da Garça Torta que têm seus fluxos determinados por cercas visíveis ou invisíveis, baixas ou altas, que ora agem e ora são rompidas, assim como as relações sociais cotidianas do bairro.

3.3 Marival: de quem é a praia?

Dentro de um cenário de contrastes sociais, onde a classe de baixa renda, numericamente maior à classe de média e alta rendas juntas, insiste pela preservação de seu modo de vida simples e luta por melhores condições de vida (como o melhoramento do saneamento básico, fornecimento estável de energia e água, coleta de lixo com frequência suficiente para evitar acumulação de sujeira e o que vem consequente a isto, funcionamento e otimização nas opções do transporte público, a dinamização no serviço de saúde pública, entre outros) e por outro lado, uma elite que busca um isolamento da realidade do espaço que ocupa. Ou seja, ao optar pelo formato de uma moradia em condomínio, o indivíduo passa a viver em uma realidade alheia ao que, de fato, caracteriza aquele espaço pela relação dinâmica entre os moradores e o lugar. Para melhor compreensão do campo, busco quem são os atores sociais envolvidos dentro desse diálogo urbano presente no bairro Garça Torta.

Marival, dona da primeira barraca de praia da Garça Torta, é uma das personagens envolvidas nesse contexto de conflito pelo espaço de moradia, trabalho e sociabilidade. Ela vive no bairro há 50 anos e, desde então, fez de sua morada seu trabalho, ao instalar uma estrutura de bar na faixa de areia da praia. Na infância e adolescência, trabalhou como empregada doméstica em diversas residências, como lavadeira, marisqueira e, hoje, além de gerenciar um bar, cuida de um roçado, no bairro Ipioca, também litorâneo, a mais ou menos dez quilômetros de sua residência.



Foto 36 - Marival.

A entrevista de história de vida é utilizada aqui como método principal para a coleta de dados e informações pertinentes à história do território, alguns dos trechos da entrevista, assim como imagens cotidianas da dona de casa e do bar, tornaram-se um filme, onde utilizo da narrativa de Marival, uma entre tantos indivíduos “invisíveis”, cada vez mais marginalizados e resistentes à exclusão de seu espaço conquistado, como forma de resgate de memória que, junto à observação de campo, pode nos levar a uma reflexão etnográfica da parte passiva, como nos ilustra MAGNANI:

Neste caso, quando aparecem atores sociais, são os representantes do capital e das forças do mercado: financistas, agentes do setor imobiliário, investidores privados. Personagens como os “animadores culturais” – consultores, arquitetos, artistas e demais intelectuais – também se fazem presentes, mas a serviço dos interesses do capital, como “profissionais caudatários”, para usar a expressão empregada por Arantes (1998) (apud. MAGNANI, 2002. Grifos do autor).

Já os moradores propriamente ditos, que, em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos etc.. constituem o elemento que em definitivo dá vida à metrópole, não aparecem, e quando o fazem, é na qualidade da parte passiva (os excluídos, os espoliados) e todo o intrincado processo urbano. Nas leituras mais militantes, por certo, esses atores são recuperados, mas como sujeitos de estratégias políticas como o orçamento participativo, um “urbanismo socialmente incluyente”, associações de vários tipos etc.” (2002,p. 15)

Situada na praia da Garça Torta, litoral norte de Maceió, a barraca da Marival, a primeira barraca de praia da região, pode ser considerada uma das barracas que recebe público de diversas classes sociais. Já tive oportunidade de ir à Marival e sentar ao lado de pescadores, que ao terminar as atividades, iam para a barraca para confraternizar a jornada de trabalho e, também, já tive a oportunidade de encontrar homens engravados, com assuntos ligados à administração de empresas, política, carros de luxo etc.

Aqui vem todo mundo. Daqui da Garça, pescador, o povo lá de cima (referência à rua Coréia, localizada ao lado oposto ao da praia), gente de fora, “de Maceió”, do interior... Todo mundo se encontra aqui e faz a festa. O povo de fora vem e eu sempre dou uma lembrança pra eles voltarem. MARIVAL, 2017.



Foto 37 - A casa e bar da Marival ocupa um espaço cedido pela Capitania dos Portos de Alagoas. Há mais de 50 anos, Marival sobrevive do bar e de um pequeno roçado em Ipioca, contando com a ajuda dos filhos. 17 de Fevereiro de 2017.

Marival, aos 66 anos, considera sua morada, de aproximadamente 50 m², privilegiada. A também agricultora chegou naquele espaço aos 23 anos, por meio de uma autorização da Capitania dos Portos de Alagoas, após sua separação, quando, na época, ficou responsável pela criação de 8 filhos que, à medida que foram crescendo, também ajudavam nos afazeres da casa e do bar. A condição que foi dada pela então direção da Capitania dos Portos de Alagoas, em troca da moradia, foi a de “tomar conta”, o que para Marival, significa retirar o lixo da faixa de areia do espaço entre o Riacho Doce e Garça Torta e a balança de pescador.

No começo era muito caído. Não tinha movimento nenhum. Eu era novata, perguntei: ô fulana, ô vizinha, aquela praia presta pra gente trabalhar? Aí ela dizia: presta não, aquilo ali é um cemitério. Aí eu disse: “sim, mas com fé em Deus vou lutar”. Aí foi tempo que eu estava trabalhando em casa de família, numa senhora de Goiânia, aí ela me deu um dinheiro a mais, à vontade. Aí me ajoelhei e disse: Senhor, eu vou fazer meu ponto aqui. Aí fui lá pra baixo [Mercado da Produção de Maceió], comprei amendoim, comprei laranja, comprei uns peixinhos e fui vendendo. Fiz um foguinho de madeira, fui assando os peixes e fui vendendo aqui. Daí na outra semana já comprei mais, na outra, mais e por aí foi. MARIVAL, 2017.

Assim que chegou naquele espaço, montou uma estrutura de morada com palhas de coqueiro e, aos poucos, através da renda do bar e da atividade dos filhos de vender amendoim e ovo de codorna na praia, conseguiu montar a estrutura atual, com tijolo, cimento e telhado de madeira e telhas PVC.

A gente começou a morar aqui em uma barraca de palha de coqueiro, todo mundo dormia num cantinho só. Aí foi passando o tempo, coloquei os meninos pra trabalhar na praia vendendo tira-gosto, aí a gente colocou umas madeiras e fizemos uma casinha de taipa. Aí Deus foi ajudando e a gente comprou uns tijolos e cimento. Devagarzinho a gente deixou ela assim desse jeito (MARIVAL, 2017, em trecho de entrevista).

A casa é dividida em três ambientes internos, onde Marival mora com uma neta, Sabrina, de 15 anos, e a área externa, dedicada para o bar, com dois banheiros para uso dos clientes e também da casa. Logo na entrada da casa, encontra-se o bar. Um freezer, algumas prateleiras com garrações de cachaça caseira e guloseimas para tira-gosto compõem o cenário. Através de uma janela com a vista para o mar, Marival pode observar o movimento do bar e atende a clientela, mas dificilmente ela está ali, em todas as idas à casa de Marival, observei que ela sempre está em movimento, ora conversando com os clientes, ora na cozinha preparando o alimento.

A sensação é que toda a casa faz parte do bar. As únicas portas são a de entrada e a de saída para o quintal, apenas algumas cortinas limitam as fronteiras entre os ambientes de morada e o ambiente de trabalho. Esse não limite entre a vida íntima e o trabalho define bem a vida de Marival, que desde os 13 anos já trabalhava como doméstica. O ambiente mais íntimo da casa, o quarto, é composto por duas cômodas de madeira, já em estado de decomposição, uma TV de cubo de 14 polegadas, uma estrutura de cama de casal com apenas um colchão de solteiro, atrás de uma bancada de cimento que serve como depósito de pratos e uma superfície de apoio para o preparo das refeições.



Foto 38 - As cortinas exercem a função de paredes na casa e bar de Marival, dividindo os cômodos e dando privacidade para quem olha por externo a casa. A leveza dos tecidos nos dá a sensação da impermanência e do não lugar, da fronteira que ora existe e ora se desfaz com o vento. 17 de Fevereiro de 2017.



Foto 39 - Pelo dia, a iluminação entra na casa através das brechas no telhado e dos buracos no reboco das paredes. A parede foi coberta com restos de porcelana que Marival encontrou em uma obra na vizinhança. 17 de Fevereiro de 2017.

Talvez o maior ambiente da casa seja o da cozinha. As quantidades de panelas espalhadas nas paredes e prateleiras do ambiente chamam atenção pelo efeito prateado do alumínio. São dois fogões: um, tipo industrial com três bocas, destinado para a produção do alimento do bar, pela velocidade do cozimento, o outro, tipo residencial, para uso da casa. As estruturas improvisadas por várias estantes com tábuas de madeira acomodam diversos utensílios para a cozinha e dividem espaço com uma dispensa de alimentos. Próximo à porta de saída do quintal, ficam a geladeira e a pia, dando acesso para o quintal que abriga um tonel reservatório de água, uma máquina de lavar roupas e um conjunto de bancos e mesa.

Aqui na cozinha sempre comandeí. Desde nova trabalhei na casa do povo e cozinheva. Aprendi a fazer de tudo o que o povo me mandava. Mas aqui como sempre fiz peixe, acho que o gosto foi ficando melhor. (MARIVAL, 2017, em trecho de entrevista).

Ela diz que quando chegou ali, a paisagem ainda era de muita natureza preservada. Era possível tomar banho no riacho da Garça Torta, localizado a 50 metros à direção sul. Dona Marival utilizava aquele espaço também para realizar alguns trabalhos, visando uma renda extra, utilizando-o para lavar roupas e para acessar o mangue, onde pescava caranguejo e crustáceos para cozinhar no bar. Segundo ela, “se tiver um rio perto de onde eu moro, eu nunca vou passar fome”, afirmando que sua renda sempre foi ligada ao seu próprio trabalho.

Foto 40 - Os utensílios ficam expostos na cozinha de Marival. Ela diz que precisa de uma cozinha bem equipada para atender a clientela. Muitos dos utensílios são presentes, além da prática de reutilização de depósitos que são achados em lixos da região. Marival diz que é uma pessoa “limpa” e que depois que todos os objetos são bem lavados, não tem problema de pegar doença. 17 de Fevereiro de 2017.



Não tinha quase casa nenhuma por aqui. Quando cheguei, essa casa aqui atrás estava sendo construída, tinham umas duas casas subindo a rua e só tinham umas cercas nesse coqueiral e estavam construindo a vila aqui atrás. (MARIVAL, 2017, em trecho de entrevista).

Essa diversidade no público da barraca da Marival, aqui, torna-se um dado para reflexão sobre o território que o puxadinho da casa da também marisqueira ocupa. Marival tem em sua volta um claro exemplo de desnível social. De um lado, um condomínio de luxo, Morada da Garça, que teve suas obras iniciadas em 2008, com conceito e publicidade voltados ao prazer de viver na beira da praia.

O último e único. Em meio à crescente verticalização de toda a orla de Maceió, o Condomínio Morada da Garça reina sozinho como o residencial de casas na beira da praia do bairro. Seguindo a lógica do mercado, a valorização de seus 52 lotes de 518m² até 771m² será e já tem sido enorme, pois a tendência é que ele confirme sua posição como o único e último condomínio horizontal à beira-mar de Maceió. Entre Guaxuma e Garça Torta está o seu paraíso exclusivo de rentabilidade sem igual. (RECORD IMOBILIÁRIA, 2009)

No outro lado, em contraste com a construção e apresentação impecável do condomínio, está a balança de pesca da Garça Torta. A balança é da Colônia Z-1 e é apoio para 15 pescadores cadastrados, todos moradores da região. Germinada ao espaço da balança, vive a família da atual responsável pela balança.

Fui a primeira a chegar por aqui com bar. Pra lá nem tinha nada. Depois começou o Titio, depois do Titio, depois os filhos da Dona Zarele, aí depois começou os outros pra lá. (MARIVAL, 2017, em trecho de entrevista).

Foto 41 - Quando chove, as goteiras da casa de Marival aparecem e ela já tem por perto alguns acessórios que a auxiliam a consertar as telhas e diminuir a entrada de água. 17 de Fevereiro de 2017.



3.3.1 Contradição e segregação da faixa de areia: As construções, a vizinhança e os conflitos

Os conflitos territoriais acompanham a dona do bar desde sua chegada. Em diversos momentos, a marisqueira diz que já foi tachada de “dona da praia” por estar sempre realizando limpeza nas imediações, chamando a atenção dos moradores ao redor e dos pescadores da balança para manter a praia limpa.

Essa menina que toma conta da balança aí é intrigada comigo. Teve dia de eu tirar lixo de banheiro aqui da areia. Eles fazem festa, deixam tudo bagunçado aí, quando é logo cedo, eu vou catando o lixo. Aí falei pra ela: “Fulana, isso é imundice, o povo vem tomar banho com essa praia cheia de cocô, não faça isso não.” Aí ela começou a dizer que eu queria ser a dona da praia porque fico limpando aqui. (MARIVAL, 2017, em trecho de entrevista).

Marival também divide muro com outro conflito. Neste ela afirma receber ameaças e insultos vindo de seu vizinho, parente do atual prefeito da cidade, que, sozinho, vive em um casarão de mais ou 1000 metros quadrados. Segundo Marival, as ameaças cessaram após a visita do prefeito a seu estabelecimento, que, na ocasião, dialogou com Marival sobre a convivência na vizinhança.



Foto 42 - A casa de Marival, de Luciana e a balança de pescador são as menores estruturas da Área 1 da orla da Garça Torta. Ao longo da costa, praticamente todas as construções são de casarões. 17 de Fevereiro de 2017.

Esse homem aqui de trás vivia me xingando aqui, me chamava de ladra, dizia que eu roubava a água dele. Eu dizia: “Venha ver a luz do contador piscando aqui, vou mostrar as contas de água tudo paga aqui.” Até que teve o dia que o sobrinho dele, aquele menino, o prefeito... O Ruizinho! Chegou aqui e perguntou: E aí, dona Marival, meu tio tem mexido muito com a senhora? Aí eu disse: De vez em quando ele fica gritando comigo aí... Aí ele pegou e disse: Pois vou falar com ele pra ele parar de gritar com a senhora. A senhora tá aqui, tranquila, ainda fica tomando conta da casa... Aí depois disso o velho parou mais de xingar... (MARIVAL, 2017, em trecho de entrevista).

Cenário do bar da Marival, a orla da Garça Torta é um espaço agente, causador de diversos conflitos, não apenas a finalidade do uso dele, como neste caso, do trabalho, mas, também, é espaço para aplicação de uma higienização e a intenção de uma possível gentrificação. Este espaço segregado do centro e desfavorecido de infraestruturas urbanas adequadas é favorável para atrair investimentos privados de tipo imobiliário.

3.3.2 A Garça Torta e o voo do setor imobiliário no litoral norte

A praia da Garça Torta, atualmente, se destaca pela diversidade do público frequentador. É possível encontrar uma gama de opções entre os bares, quiosques e restaurantes que contemplam e atraem grupos que se dividem pela afinidade de música, ambiente, valor de consumação, atendimento, entre outros itens que formam uma teia de encontros, principalmente entre grupos alternativos da cidade de Maceió.

Apesar desse cenário aparentemente agradável e simples, o bairro atravessa, assim como comumente ocorre em bairros periféricos, diversos problemas urbanos, ligados ao crescimento social, consecutivamente espacial, sem planejamento mínimo ou acompanhamento de instituições públicas de assistência que auxiliem nesse processo de ocupação do bairro, dando auxílio e viabilizando melhores condições aos antigos e novos moradores. Como listado pelo grupo *Abrace a Garça* o bairro ainda possui algumas características positivas e negativas nessa atual configuração espacial:

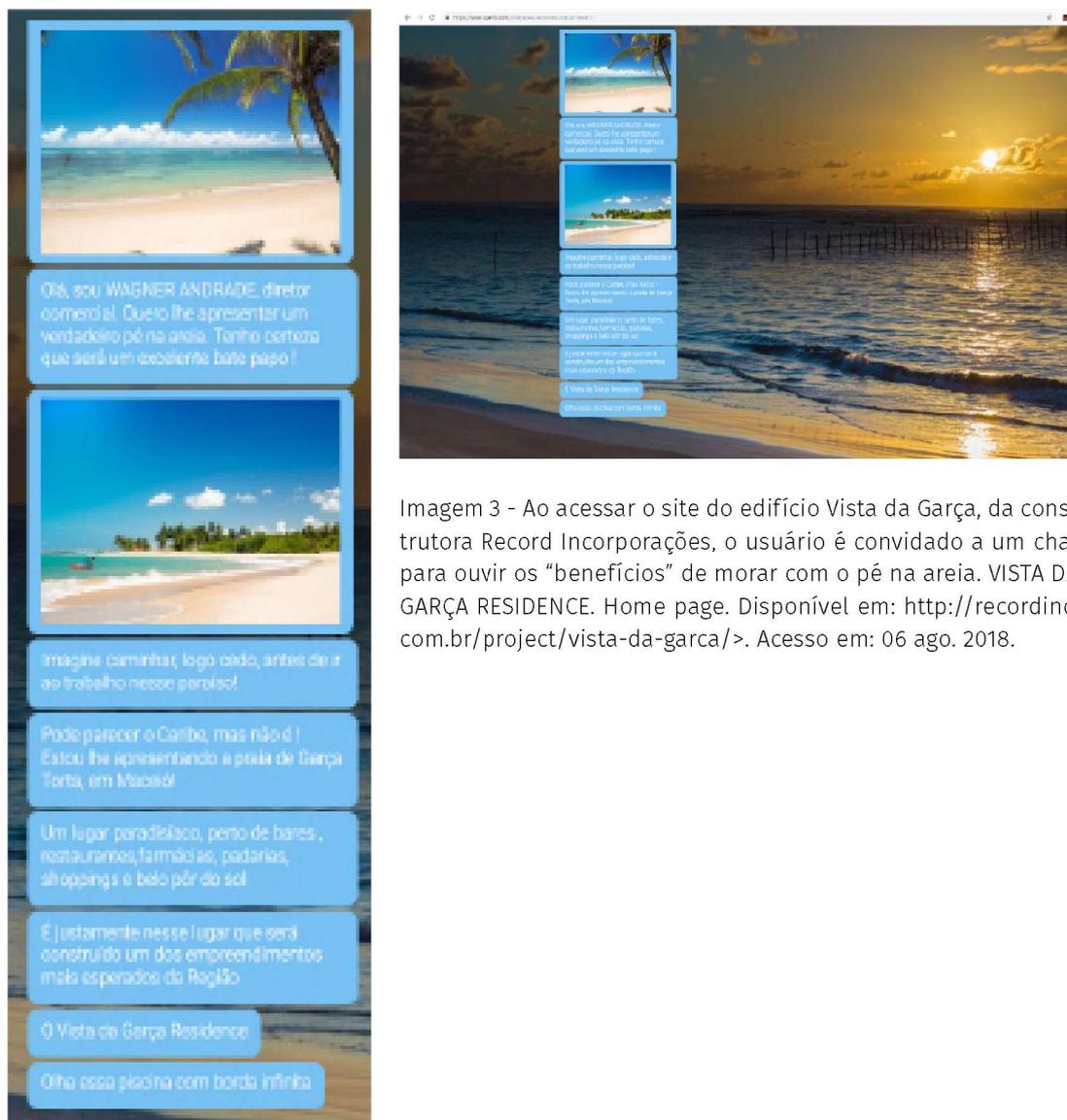


Imagem 3 - Ao acessar o site do edifício Vista da Garça, da construtora Record Incorporações, o usuário é convidado a um chat para ouvir os “benefícios” de morar com o pé na areia. VISTA DA GARÇA RESIDENCE. Home page. Disponível em: <http://recordinc.com.br/project/vista-da-garca/>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

- Ocupação predominantemente horizontal
 - Vida simples e tranquila
 - Região de Mata Atlântica e Peculiaridade ambientais, paisagísticas e culturais
 - Infraestrutura urbana insuficiente
 - Carência de serviços públicos
 - Problemas de abastecimento de água e de eletricidade
 - Esgoto a céu aberto, alagamentos e problemas com o lixo
 - A maioria se locomove a pé, de bicicleta ou de ônibus
 - Livre acesso à praia
- (ABRACE A GARÇA, 2013)



Foto 43 - A construção do condomínio Morada da Garça resultou impactos não só na Garça Torta, mas também em um condomínio projetado no bairro vizinho, Guaxuma, que sofre com enchentes vindas do mangue. A água que antigamente escoava na área da construção do condomínio, agora alaga as ruas que margeiam o mangue. 17 de Fevereiro de 2017.

Em 2013, com a construção complexo multiúso Parque Shopping Maceió, voltado ao público de luxo, localizado a três quilômetros de distância da Garça Torta, afirmou-se um processo que já estava sendo temido por grupos resistentes à chegada de construtoras com o intuito de modificar o cenário sociocultural daquelas comunidades, até então formadas majoritariamente por um grupo de pessoas de baixa renda e com uma convivência de tranquilidade e simplicidade, há uma média de dez anos retrocedentes: o processo de gentrificação dos bairros do litoral norte de Maceió.

Com a chegada do estabelecimento voltado para o consumo de luxo, prontamente, o setor imobiliário iniciou o processo de publicidade de seus empreendimentos, todos voltados ao público, também, classe A¹.

Outdoors com propagandas de “more na beira da praia”, “viva no paraíso” ou “realize seu sonho de morar na beira da praia” seguem na rodovia principal de acesso

1 - CF. ARAÚJO, Cristina Pereira De. More em um cartão postal: a expansão imobiliária turística no litoral norte de Maceió (al). V colóquio internacional sobre o comércio e cidade: uma relação de origem, São paulo, n.11, p. 1-13, mar. 2016.

ao litoral norte, que, também, passa por um processo de duplicação, já visualizando um processo de melhoramento e facilidade do acesso aos bairros praianos. O principal receio dela com a chegada de novos moradores no bairro é a disseminação de doenças por parte dos “que vêm de fora”, referindo-se aos estrangeiros, público-alvo das construções imobiliárias em expansão no litoral norte.

Meu medo aqui é quando chega gente de fora, porque a gente não sabe de onde vem. Aí quando vem, às vezes traz doenças que ninguém sabe cuidar. Aí a gente tem medo, né? Como é que vai da remédio pra esse monte de gente aí? (MARIVAL, 2017, em trecho de entrevista).

Na parte litorânea do bairro, é possível perceber uma vizinhança diversificada no bairro, porém, dividida principalmente entre casas humildes, de construção e arquitetura antiga e grandes novos condomínios residenciais de luxo, muito deles, sem a possibilidade de visibilidade as casas, pois alguns destes possuem muros altos, outros um longo caminho até a portaria de acesso. O levantamento desses muros é mascarado por argumentos inúmeros, defendendo um melhor bem-estar, segurança e conforto para os moradores destes condomínios.

Apesar de terem diversos usos (alguns para moradia, outros para trabalho, lazer ou consumo; alguns mais restritos, outros mais abertos), todos os tipos de enclaves fortificados mantêm as mesmas características básicas. São propriedades privadas para uso coletivo; são fisicamente isolados, seja por muros, espaços vazios ou outros recursos arquitetônicos; estão voltados para dentro, e não para a rua; são controlados por guardas armados e sistemas de segurança privada que põem em prática regras de admissão e exclusão. (CALDEIRA, 1997, p. 159)

A ideia de conforto e melhoria do estilo de vida, vendida pelos condomínios e apartamentos construídos ou em construção no bairro da Garça Torta, é atraente para a classe média/alta que observa nas ruas do bairro um “risco” eminente devido à configuração dos moradores “nativos” que se organizam em puxados, construções improvisadas que sobem o morro do lado oposto à praia.

3.3.3 Garça é Torta, mas não é suja: As construções, a morte do mangue e o lixo da praia

Em gestos e tom que interpretei como de revolta, assim como grande maioria dos moradores antigos da região, insatisfeita com a ausência das ações de limpeza públicas da região, Marival reconhece que a chegada de condomínios e prédios na orla, entre a praia de Guaxuma e Riacho Doce, vem trazendo uma desagradável situação:

Esses prédios e esses casarões aqui tão jogando esgoto tudo no mar. Antigamente eu tomava 3 goles d'água do mar, porque ajuda a curar as coisas da barriga, não é? Hoje em dia eu não faço mais isso. Deus me livre! Não tenho mais coragem de beber água daí. (MARIVAL, 2017, em trecho de entrevista).

O lamento da dona do bar é válido. Diversas denúncias, por parte dos moradores nativos, aos órgãos responsáveis pela fiscalização ambiental foram registradas, porém, até o momento, apenas uma obra foi atuada e, mesmo assim, prossegue com a obra sem transparência acerca das ações de menor impacto no meio ambiente e/ou diálogo com os moradores da região.



Foto 44 - É unânime entre os moradores antigos da Garça Torta o lamento pela atual situação do Riacho Garça Torta. Muito deles confirmam que a extensão do rio era aproximadamente 20 metros, enquanto hoje, com poucos passos grandes, já se atravessa de uma borda a outra. 17 de Fevereiro de 2017.

Esse mangue era lindo quando era vivo. Aqui eu já pesquei de tudo, caranguejo, siri, unha de velho, tudo que você imaginar tinha aqui dentro. De vez quando eu vinha, tirava um sustento pra o dia. Vinha um monte de gente pra cá pra ficar mariscando também. Depois que levantaram essas casas aí, o mangue morreu, nunca mais deu nada (MARIVAL, 2017, em trecho de entrevista).

Outra situação de pesar para Marival é a do riacho Garça Torta. Segundo ela, o aterramento do mangue para a construção do condomínio, além de transformar a paisagem, “matou a natureza”, impossibilitando a caça dos mariscos e caranguejo, sendo, atualmente, local de despejo e acúmulo de lixo.

Antigamente a gente tomava banho nesse rio aí. Lavava roupa, pegava água pra lavar as coisas em casa. Era muito bom esse rio aí. Os meninos pequenos vivia por aí, mas hoje em dia eu não entro mais não, é a maior imundice. Quando o povo me pergunta se dá pra tomar banho, eu digo logo que não. [...] Já teve dia dessa água aí tá preta. Junta o povo lá de cima do ‘Biu’, aí esse povo aí dos prédios já joga um monte de coisa... É de dar pena um negócio desse. Queria saber onde é que anuncia (denuncia), que qualquer dia desse vou pegar uma água e colocar numa garrafinha pra anunciar. (MARIVAL, 2017, em trecho de entrevista).

As metrópoles possuem um espaço periférico onde se concentram as favelas, que são espaços desprovidos de infraestrutura básica. Com a expansão das metrópoles, devido ao intenso mercado imobiliário estar saturado, estes locais periféricos se tornam alvos por este setor. Estes espaços passam a receber investimentos de infraestrutura e automaticamente se valorizam, fazendo com que os moradores originais não consigam se sustentar e sejam obrigados a sair. Assim, as construções de luxo passam a fazer parte de uma nova paisagem urbana. Isso se caracteriza como gentrificação, tema que já é discutido e analisado desde a década de 1960, mas que recentemente se tornou mais intenso e evidente. Esse processo, conhecido como *gentrification* (enobrecimento, requalificação), propõe uma nova dinâmica, principalmente para os centros das cidades, pois, além de adequá-los como lugares de consumo, inaugura uma nova modalidade de consumo cultural, isto é, o “consumo do lugar. (MAGNANI, 2002, P. 13)

Marival diz que, até o momento, apesar da situação cada vez mais angustiante, não pensa em sair dali, nem mesmo se recebesse ordem de despejo. Apesar das diver-



Foto 45 - Marival e seu rádio Carlos, o companheiro das noites solitárias. 17 de Fevereiro de 2017.

sas críticas e queixas sobre questões ligadas à limpeza, como o acúmulo de lixo na areia da praia deixado por banhistas e moradores, diz que se pudesse escolher algum lugar para passar o resto da vida, escolheria a Garça Torta, lugar onde "ganhou a vida" e vive diversas transformações no território. A paixão pela morada no bairro é visível e sentido nas falas e no sentimentalismo exposto durante a narrativa de suas lembranças. O saudosismo e o desejo de que aquele espaço sofra o menor impacto possível em sua característica mais notável: a liberdade de viver naquele território de simplicidade e tranquilidade para todos os seus nativos.

A história de vida de Marival é similar à de algumas dezenas de moradores do bairro da Garça Torta. Pessoas simples, de extrema humildade e que encontram, no trabalho com e no mar, fonte de renda e sustento para a família. No caso da dona da primeira barraca de praia da Garça Torta, podemos observar que, além de uma preocupação social com as consequências do crescimento urbano na região e os impactos negativos que estão sujeitos a acontecer, é perceptível um cuidado com o território no tocante ao ecossistema ao redor. De fato, a preservação do meio ambiente é fundamen-

tal para o bom funcionamento da dinâmica daquele território e a ameaça da chegada de uma quantidade considerável de moradores na região assusta nativos e moradores antigos que buscam na mobilização social, através de redes sociais e assembleias, medidas que possam barrar ou diminuir ao mínimo o impacto das construções imobiliárias na região. A expansão imobiliária, provinda do crescimento urbano em centros metropolitanos, acontece de forma progressiva e sem contenção, sendo um processo, por muitas vezes, causa um verdadeiro etnocídio. O que de fato vale a reflexão é o estudo de um planejamento adequado desse processo que, de forma mal aplicada, está sujeito a gerar consequências e impactos negativos, como a gentrificação, degradação do ecossistema, transformação da paisagem, entre outros.

3.4 Titio ou Bar do Alan: da tradição à gentrificação

O passo principal para conhecer a dinâmica da prática e espaços da pesca artesanal na Garça Torta foi entrar em contato com os pescadores mais antigos. Em uma das primeiras caminhadas pelo bairro com meu interlocutor, morador do bairro e também pesquisador Luiz Antônio, conhecido pelos pescadores como “Totói”, conheci – formalmente – Titio, fui apresentada a ele como “a antropóloga que você queria para trabalhar junto a você”, em tom de brincadeira; Titio se disponibilizou para me auxiliar em minha pesquisa. Apresentei-me como pesquisadora que queria conhecer mais sobre as práticas e os espaços ainda ocupados pela pesca artesanal, a resposta que tive explica o título: “Tem que ter gente olhando isso aqui mesmo, a pesca aqui tá acabando. Pescador que é pescador tá sumindo por aqui.”.

Devido ao cronograma de aulas, demorei a retornar o contato, passei a observar as características mais minuciosas do bairro. Os espaços do mar, o acesso à praia cada vez mais restrito, o ciclo lunar, tábua de marés e os sujeitos presentes na praia da Garça Torta praticamente todos os dias. Os fluxos, as manchas, as regiões morais, os pedaços e as fronteiras do próprio, sobretudo, as invisíveis.



Foto 46 - Adailton Dias Galdino, o Titio. 26 de Maio de 2017.

Após alguns meses, retomo meu contato com Titio e marcamos nosso primeiro encontro no estacionamento que ele gerencia. Era um dia de muita chuva, a paisagem era um tanto catastrófica, muitas poças de água, um sábado de “águas de março fechando o verão”. Chegando lá, deparo-me com um cenário que se repete quase sempre em meus encontros com Titio: Titio, Galego, Vagá, Luis e Juliano sentados em roda e bebendo cachaça, embaixo da oca de palha construída por Titio. Luis e Juliano são estrangeiros, vindos da Espanha e Itália, respectivamente, e moram na rua do segundo acesso da pista para a parte da orla da Garça Torta, onde é possível observar uma grande quantidade de puxadinhos. Mais uma das ruas que surgiu após a divisão de um grande único terreno.

Galego e Vagá são moradores da Garça, o primeiro trabalhou como caseiro de um sítio na Chã da Garça Torta por mais de 30 anos e, após a aposentadoria, optou por permanecer morando no bairro. Vagá nasceu na Garça Torta e é de uma das primeiras



Foto 47 - Vagá (esq.) e Galego (dir.) são os frequentadores mais assíduos dos encontros no Estacionamento de Titio.

famílias a habitar a região. A casa onde moro foi construída dentro do terreno que pertencia a seu pai. Vagá é aposentado e ex-mergulhador, um dos melhores da região quando se trata de pesca de lagosta. Diz ele que já alcançou a profundidade de 20m através da apneia². Ele parou de mergulhar devido a uma cirurgia ocular que o impede de ficar submerso na água e tem um exclusivo acervo fotográfico da região. Em suas palavras: “Conhece da chã ao fundo do mar da Garça Torta.” Vagá é dono de algumas casas na Garça Torta, mas todas estão alugadas. Atualmente ele mora no Bairro Pescaria, mais ou menos 5km ao norte da Garça.

Todos os citados se encontram quase que diariamente. Aparentemente, o que os liga é a presença de Titio, visto que, noutros momentos em que Titio não está presente, é mais provável encontrar apenas alguns jovens do bairro usando o estacionamento como acesso para a praia.

2 - O mergulho em apneia ou mergulho livre é um esporte que abrange diversas modalidades, as quais consistem basicamente em o atleta permanecer o maior tempo submerso ou percorrer a maior distância ou profundidade sob a água e sem o auxílio de equipamentos para a respiração, ou seja, apenas com a reserva de ar de seus pulmões. Pode ser praticado em piscinas, rios, lagos ou no mar.



Foto 48 - Titio se tornou um grande empresário da região. Sempre utilizando a praia e a pesca como objetos principais para promover e dar continuidade aos seus negócios. O próprio afirma que até hoje só não é rico porque gosta muito de bebida e de ajudar os amigos. 26 de Maio de 2017.

O terreno tem a área aproximada de 3 mil m² e comporta um casarão deteriorado e a oca, além de um terreno lateral, atualmente usado como depósito de entulhos.

Comecei uma entrevista com Titio perguntando sobre sua família, pedi que ele me listasse o nome, idade de todos os seus 15 irmãos, todos nascidos em Garça Torta, além de seus pais, também nascidos na região. A diferença de idade é praticamente de um ano. Titio é o terceiro mais novo da família e demonstra uma boa memória em relação às idades, profissões e história da família e das épocas de sua vida no bairro, em que cresceu em uma casa que hoje fica ao lado da Igreja São Pedro.

Pergunto sobre as suas memórias de infância, sobre os antigos moradores e sobre a vida na região. Ele lembra que todas as famílias que viviam na região eram

parentes, até mesmo os que não eram acabavam se tornando através dos casamentos, alianças e apadrinhamentos. Dona Zarelle, Dona Eunice são citadas como primas. Seus pais trabalhavam como comerciantes na região. O pai, pescador, além de sobreviver com a pesca, vendia cigarro de fumo e a mãe vendia confeitos que, segundo ele, milagrosamente se multiplicavam e sua mãe conseguia vender quase toda a bancada quando saía para a venda, menos os que ele e irmãos lhes roubavam.

Suas falas de história de vida traziam memórias sobre os percursos, vizinhança e paisagens. Segundo Titio, em sua infância não existiam muros, mas ele conseguiu observar bem os que levantaram, pois também esteve bastante envolvido com construções tanto convencionais, quanto rústicas, utilizando estruturas naturais como madeira, sapê e palha, e obras em telhados. Este ofício o levou ao seu estado atual: após a queda de um telhado, em meio ao conserto de uma caixa d'água, Titio caiu de uma altura de aproximadamente três metros, fraturando o joelho em dois locais; hoje, locomove-se com muletas e está impedido de retornar às atividades que traziam uma segunda fonte de renda.

Titio lembra que desde criança mexe em muitas coisas: ventilador, geladeira, madeira e, aos 14 anos, realizava mergulho noturno, inclusive, com a lanterna inventada por ele, que consistia em um pote de maionese e uma lanterna no interior, e conseguia pescar até 14 kg de lagosta. Segundo ele, a lanterna era o grande segredo pra conseguir pescar essa quantidade. Além da pesca, trabalhou com jogo de bicho e sempre esteve envolvido em pequenos negócios.

Titio também fala sobre seus filhos, Alan (31), Fábio (30) e André (34), filhos do primeiro casamento, que, desde 2013, administram o Bar Garça, mais conhecido por moradores da região por Bar do Alan ou o extinto Bar do Titio, ainda lembrado por muitos visitantes da Praia e por alguns aplicativos e sites como o Google Maps. Eles três somarão neste trabalho, no quarto capítulo, que dedico à etnografia visual das práticas e ao ciclo da pesca artesanal atuais na Garça Torta.

3.4.1 Bar do Titio

O Bar do Titio foi um legado na vida de Titio. Através deste estabelecimento, criado em 1987 e que divide muro com a Casa da Arte ao sul e uma casa particular ao norte, em frente ao mar da Garça Torta, Adeilton alcançou uma fama pela culinária e atendimento familiar e pela genialidade em criar ferramentas de marketing do seu próprio negócio, tendo apenas chegado ao primeiro ano do curso de graduação em Ciências Contábeis. A sacada de Titio surgiu durante seu primeiro comércio, um carrinho de caldo de cana na Praça São Pedro, onde, ao receber uma nota de um dólar, percebeu o alcance e o poder do comércio, além da chegada do público estrangeiro na Garça Torta.

A pesca foi sua grande aliada na construção deste espaço. Todo o pescado que era servido no cardápio do Bar do Titio vinha da pesca artesanal praticada no mar da Garça Torta por ele, cunhados, filhos e sobrinhos. Os filhos de Titio, atualmente, reproduzem o *modus operandi* no Bar da Garça. Enquanto André e Fábio se dedicam à pesca, a mãe e tias fazem o preparo dos pratos e chefiam a cozinha. O posto de Alan é no caixa, recebendo e repassando comandos para a cozinha e conduzindo os acertos comerciais e administrativos do bar.

Após uma sociedade de Titio com um grupo de espanhóis que, na época, residiam na casa onde atualmente funciona o estacionamento, o Bar do Titio, instalou-se no Mirante da Sereia em 2007, em um pico da praia conhecido por New Orleans nome dado por surfistas da região pela semelhança da formação de ondas da praia de Nova Orleans, cidade mais populosa do estado americano da Luisiana (EUA). Lá Titio manteve seu sucesso, enquanto o espaço na Garça Torta tornou-se um lugar inativo, dando espaço para práticas de prostituição infantil e festas regadas ao uso de drogas, financiadas por estrangeiros que habitavam na vizinhança.

Em 2013, com o fim da sociedade entre Titio e os italianos, o Bar retornou para a Garça Torta, no mesmo local de origem, agora, sob a administração de seus filhos. Segundo o próprio Titio, devido ao consumo do álcool, a família não lhe permitiu dar continuidade ao trabalho num posto administrativo. Titio afirma que não tem uma boa

relação com o dinheiro. Diz que perdeu muito dinheiro ao pagar bebida para os amigos de pesca e perdendo dívidas de clientela e roubos de funcionários no estabelecimento.



Foto 49 - "Primeiro desembarque de Colombo na América". Titio recebeu uma doação de livros educacionais para montar uma biblioteca dentro do estacionamento. A ideia não seguiu adiante, mas Titio aproveitava a oportunidade para fazer algumas leituras e provocar discussões entre o grupo. 26 de Maio de 2017.

Hoje, o acesso para o Bar da Garça pode ser feito pela faixa da areia, onde são instaladas cadeiras de plásticos e sombreiros ao lado da escultura da Sereia, monumento de sinalização do Bar Garça, e permite uma vista privilegiada das grandes piscinas naturais, enquanto maré baixa; ou pela Rua São Pedro. Pelo acesso da Rua São Pedro não há sinalização que indique que ali existe um ponto comercial. É através de uma porta estreita que acessamos um conjunto de casas com andar, formando um tipo de vila onde moram filhos, netos, sobrinhos, ex-mulheres e parentes de Titio.

Já Titio mora em uma casa de frente para a Rua Jurubeba, como ele e outros moradores nativos falam: a fronteira entre a Garça e o Riacho. Jurubeba é predominantemente habitada por famílias que ainda vivem ou têm suas histórias de vida atreladas à pesca, adiante será melhor explorada a história da rua.

3.4.2 O Estacionamento: região moral e símbolo dos processos de reterritorialização da Garça

As regiões (PARK, 2011) diversas da margem da praia da Garça Torta atualmente são percebidas ao longo do tempo da observação participante e morada no bairro. Aos poucos são feitos os encaixes do grande quebra-cabeças de divisão de terrenos, becos, acesso ao mar, ruas, donos de grandes terrenos e casarões, jogos de interesse por território, suposições e entendimento dos conflitos, que não são poucos.

A posse deste terreno foi o primeiro assunto que conversamos, em caráter de entrevista, gravada com autorização de Titio. Conversamos, em meio a várias pausas para saudar aos transeuntes (que não eram poucos), sobre a legalidade da ocupação do estacionamento, cuja posse não é bem compreendida pelo resto da comunidade. Já havia percebido em diversas conversas paralelas com moradores da região que a questão da posse da terra ou casa é um assunto sempre polêmico.

A polêmica, além da questão da posse, entende-se pelo atual uso do terreno que, diariamente, é frequentado e utilizado como ponto de encontro de amigos de Titio e por jovens moradores da região para o consumo de álcool e drogas ilícitas. Por várias vezes Vagá afirmou: “Aqui é lugar de cachaceiro e maconheiro.” Pude presenciar os diversos momentos de encontro do grupo que envolvia o consumo de álcool. Sem-

pre após esses encontros, reflito sobre a forma que o álcool, assim como o tráfico de drogas, torna o local uma região moral evitada e mal falada pelos demais moradores do bairro, chegando a envolver inúmeras fofocas e polêmicas, mesmo que estas não sejam completamente verídicas. Em alguns dias da pesquisa, tive bastante dificuldade de manter entrevistas com Titio por interrupções de alguns integrantes do grupo, principalmente Juliano, que já chegou a questionar a legalidade da minha pesquisa.

Durante a entrevista, Titio me pediu o celular emprestado pra acessar a internet e mostrar o processo através do site do Tribunal de Justiça, usando como prova de sua resposta. Segundo Titio, o terreno está sob sua posse através da usucapião³, após a desistência da ação de reocupação da família do médico e filantropo Ismar Gatto, dono legal do terreno, no início deste ano. A ocupação de Titio neste terreno foi motivada por um “acerto de contas” com o grupo de italianos com quem abriu sociedade na construção de uma pousada em Riacho Doce.

Estes italianos que viviam no terreno em questão e que, segundo Titio, abandonaram a residência e o deixaram com um prejuízo (não declarado por ele) em 2013, ano em que, devido a este negócio frustrado, precisou fechar as portas de seu estabelecimento na praia do Mirante da Sereia.

Após a entrevista, solicitei a um amigo advogado que fizesse uma releitura do processo em questão e, na documentação apresentada por Titio, conta que:

“Em julho de 2016, Edvaldo Castro Alves ingressou com ação de “reintegração de posse” contra Adeilton Galdino Dias (TITIO). Alega que é legítimo possuidor e proprietário de quatro terrenos na rua São Pedro, Garça Torta. Diz que o réu (TITIO) invadiu tais terrenos em 14/07/13. Edvaldo diz que procurou o réu em julho de 2015 para mostrar o boletim de ocorrência que havia feito, bem como os documentos que comprovariam o seu direito à posse do terreno, mas verificou que o réu estava subdividindo o terreno, bem como fazendo ligações clandestinas de energia.

Foi firmado acordo para desocupação em agosto de 2015, constando o prazo até 20/02/2016, com valor atribuído à causa sendo de R\$ 540.000,00.

3 - Aquisição de propriedade móvel ou imóvel pela posse prolongada e sem interrupção, durante o prazo legal estabelecido para a prescrição aquisitiva.

Duas tentativas de conciliação que não prosperaram. Em contestação, Titio afirma que os documentos do autor são falsos. Que firmou contrato de aluguel e depois de compra e venda com a sra Maria Jose de Lima. Nessa mesma manifestação, pediu ao juiz para “chamar para o processo” as pessoas que constam no Registro de Imóveis como “titulares oficiais” dos três terrenos, ou seja, a Imobiliária Nogueira Gatto, a pessoa de Ismar Malta Gatto e a pessoa de Davi Nogueira Gatto.

Estas pessoas já se manifestaram no processo e confirmaram o que o autor disse, isto é, que foi vendido para ele mesmo e que os documentos que o Titio apresentou (contratos de compra e venda) não têm validade jurídica pois o bem foi vendido por quem não tinha poderes para tanto.

Atualmente o processo aguarda a resposta das partes (Edvaldo que é o autor e Titio, réu) sobre essa última manifestação da Imobiliária, Ismar e Davi.

Depois disso:

- 1- O juiz marcará uma audiência pra ouvir todo mundo;
- 2- Depois da audiência as partes vão ter prazo para as razões finais;
- 3- O juiz decide por meio de sentença, encerrando a jurisdição no primeiro grau, cabendo recursos à segunda instância.”

A probabilidade de permanência de Titio no terreno, como ele acredita, é pouca, quase nula. Ainda mais pela valia do terreno em termos de especulação imobiliária. Titio diz sonhar que conseguirá reformar a casa e transformá-la num centro sociocultural, onde será possível desenvolver atividades culturais locais no espaço, além de preservar aspectos tradicionais do bairro da Garça.

A partir destas observações, faço minhas considerações sobre a percepção de uma colonização contínua, do constante e incessante conflito pelo território. As situações e condições são similares em diferentes espaços habitados por quem ora demonstra o sufoco da pressão do avanço urbano, ora é agente de sua própria exclusão.



Foto 50 - Alan é o filho do meio de Titio. Apesar de ter tido uma infância e juventude desinteressada por negócios, acabou seguindo o rumo de seu pai e atualmente é responsável pela administração de quase 15 funcionários em alta temporada. 15 de Setembro de 2018.

3.4.3 O sabor nativo do Bar da Garça

O Bar da Garça é conhecido na região por Bar do Alan. Isso se deve porque, após a mudança do Bar do Titio para a praia da Sereia, Alan decidiu usar a estrutura que seria de uma pousada para instalar uma barraca e vender salgados, caldinhos e alguns petiscos para os banhistas. O espaço que estava seis anos parado, voltou a ter dinâmica e, ao longo dos oito anos de funcionamento, já possui uma das maiores estruturas de bar e restaurante da região.

Meu pai tava construindo uma pousada aqui, aí eu tava parado, desempregado, aí eu e minha ex-mulher montamos uma barraquinha aqui pra vender uns salgados, um churrasquinho, um caldinho, aí a clientela foi chegando, né? Aí não sei como a gente chegou nessa estrutura que tamo aqui hoje! (ALAN, 25 de Fevereiro de 2018, em conversa durante as fotos da cozinha do Bar da Garça).

Dos filhos de Titio, Alan foi o único que não teve interesse em trabalhar na pesca, seu principal interesse era em administrar as contas da família. Tem o ensino médio completo e, após o nascimento do primeiro filho, dedicou-se ao trabalho junto com o pai e os irmãos, sempre na função administrativa.

Alan sempre está por trás do balcão recebendo os pedidos, repassando-os para a cozinha, administrando a logística de mercadoria, despachando as contas e gerenciando os quatro funcionários durante a baixa temporada, até os 13 na alta temporada. O interesse dele pelo comércio era maior do que pela pesca. Assim como Titio, Alan também chegou a ter uma barraquinha na praça para revender salgados para os alunos do colégio.

Eu não sei como a gente chegou onde chegou, eu mesmo só pensava em ter uma barraquinha simples, nada de mais. Hoje em dia, até conversei com André de como era bom quando era só nós dois aqui, a gente se organizava melhor, não tinha estresse, era tudo melhor (ALAN, 25 de Fevereiro de 2018, em conversa durante as fotos da cozinha do Bar da Garça).

Em muitos dos momentos em que entrevistava André, Alan participava falando das suas percepções sobre o modo de vida de seus irmãos e de como ele enxerga a história e a atual situação da pesca artesanal. Por semana, são comercializados aproximadamente 100kg de peixes e 50Kg de mariscos como camarão, sururu e maçunim, a matéria-prima do principal tipo de gastronomia do Bar da Garça. Nem toda essa quantidade de peixe vem do mar da Garça Torta, apesar de seu irmão Fábio e um dos garçons, Ronaldo, pescarem em alto-mar e trazerem uma boa quantidade de peixe quase que diariamente, Alan complementa a quantidade comprando na balança do Jaraguá.

A quantidade que os meninos pegam aí em alto-mar não supre 100% o que eu uso aqui dentro, a gente compra fora também. Pra cá são 100Kg por semana, meu irmão deve pegar uns 30% do que a gente consome aqui, até porque a pesca dele não é de grande quantidade, ele pesca de apneia, com arpão... Não é rede, não é anzol, pra pegar uma quantidade grande. Aí eu pego no mercado ou no Jaraguá. A balança daqui também não dá conta do peixe que eu uso. O que eles pegam lá é sardinha, boca mole, são peixes que não servem pra o comércio no bar. Pra gente aqui só é interessante a cavala, serra, dourado, arabaiana, todos de alto-mar (ALAN, 25 de Fevereiro de 2018, em conversa durante as fotos da cozinha do Bar da Garça).



Foto 51 - Valdete já havia trabalhado em cozinha de outros estabelecimentos na Garça. Enquanto casada com Titio, também ajudou na cozinha do restaurante. 15 de Setembro de 2018.

O que diferencia o Bar da Garça dos outros restaurantes e bares da região é o negócio de família. A cozinha do bar é chefiada por Dona Valdete, mãe de Fábio, André e Alan. Valdete tem 50 anos, mora em Ipioca e o que aprendeu de cozinha vem da experiência do trabalho na cozinha do chef Tita, que tinha um restaurante no lado oposto da rodovia. Os pratos principais do Bar da Garça são o filé de serra frito e a peixada. O peixe serra é um dos mais encontrados no mar da Garça Torta

Tudo o que eu sei de tempero, de preparo de peixe e de montar os pratos, eu aprendi com o Tita, que tinha um restaurante lá em cima, do lado de lá da pista. Mas eu aprendi a cozinhar muito nova em casa também, com a minha mãe. Ela gostava muito de cozinhar e eu vivia do lado dela só olhando, depois que fui crescendo comecei a ajudar também. Mas a trabalhar em restaurante, cozinhando pra grande quantidade, foi com o Tita. Ele ainda mora por aqui na Garça, mas hoje só cozinha pra ele. (VALDETE, 25 de Fevereiro de 2018, em conversa durante as fotos da cozinha)

Nas altas temporadas Valdete trabalha com mais cinco auxiliares de cozinha: Geovanice (36), Madalena (40), Maria (58), Ana (50) e Raquel (26), todas moram no Riacho Doce e são amigas e conhecidas de muito tempo de Valdete. Nos fins de semana, o movimento da cozinha é intenso. Chegam a sair uma média de 500 pedidos da cozinha por dia do final de semana.



Foto 52 - André e Ronaldo são os garçons mais antigos do Bar da Garça. Ronaldo já era amigo de infância de André, Fábio e Alan e cresceram junto pescando nas praias do litoral norte. 15 de Setembro de 2018.

No salão, a equipe de garçons é composta por cinco em período de fim de semana e alta temporada, sendo André e Fábio os garçons fixos durante os dias de semana e baixa temporada. Para auxiliar nos dias de fluxo intenso, somam-se à equipe Ronaldo, de 33 anos, pescador e morador do Bairro Jacintinho; Jailson - conhecido como Will - de 27 anos, um descendente dos Wassu Cocal⁴ que começou a morar no Riacho Doce enquanto era caseiro do sítio onde foi construído um centro de Ayahuasca⁵ com ajuda de vários membros de sua aldeia; Silvanildo - conhecido como Pindoré - de 55 anos, pescador e morador da Rua Jurubeba e descendente da família Lira, uma grande família conhecida pela tradição da pesca artesanal da região; e Roberto - conhecido como Choquito - de 31 anos, também morador do Riacho Doce.

4 - Os Wassu Cocal são um grupo indígena do ramo Kariri que habita o Sul da serra do Azul, nos limites do município brasileiro de Joaquim Gomes, no estado de Alagoas, mais precisamente na Terra Indígena Wassu-Cocal, homologada em 2007, com 2.744 hectares e situada no município de Joaquim Gomes. Entretanto, posteriormente a homologação foi suspensa. Em 2010, segundo a Funasa, o grupo era constituído por 1.806 indivíduos.

5 - Will era caseiro do sítio onde foi instalado o Centro Espiritualista Estrela Universal, o qual frequentei durante três anos.

A convivência entre os garçons é tranquila, tirando André, Alan e Fábio, todos eles trabalham no bar como um complemento de renda. A dinâmica dos fins de semana é sempre estressante, segundo eles, mas é bastante rentável.

Alan vem investindo na melhoria de estrutura do estabelecimento. Ao longo desses dois anos que moro na Garça Torta e alguns antecedentes a este, percebi as reformas nos banheiros, no piso, mais recentemente no telhado, entre outros detalhes que deixam o ambiente cada vez mais atrativo. Ele diz que busca trabalhar com preços de cardápio mais justos e acessíveis para o público, apesar de achar o custo de comércio da Garça Torta muito alto e acreditar que o público nativo da Garça Torta não frequenta o Bar da Garça ou outros bares da orla é devido ao alto custo cobrado.

O público que frequenta mais aqui é turista. Eu nunca fiz propaganda, nunca divulguei, não tem placa dizendo que aqui é bar aí na frente, mas sempre, no boca a boca mesmo o pessoal acaba chegando. Mas nativo mesmo, acho que tem umas 3 pessoas que consomem aqui. Eu queria que o pessoal frequentasse aqui, os nativos daqui. Mas realmente não sei o porque o pessoal não aparece por aqui. [...] Eu acho que a Garça Torta é muito caro. A Garça Torta não é um lugar turístico, não para ônibus nem nada aí na frente. tem turista que nem sabe o que é Garça Torta. Aí quando chega aqui encontra tudo caro, comparado às barracas lá na Ponta Verde. Aqui o menor preço que a gente faz numa cerveja é R\$7,50, lá na Ponta Verde você encontra



Foto 53 - Fábio entre corretores imobiliários almoçando no Bar da Garça. Na ocasião, um dos corretores comentou: "Sorte grande é vender um andar aqui, o cara passa uns 20 anos sem precisar trabalhar...". 10 de Junho de 2018.



Foto 54 - Nas marés secas, as mesas do Bar da Garça delimitam o espaço do estabelecimento. Para os lados, o bar ainda utiliza a frente das casas vizinhas. 12 de Setembro de 2017.

da mesma cerveja por R\$6 (ALAN, 25 de Fevereiro de 2018, em conversa durante as fotos da cozinha do Bar da Garça).

O sucesso do Bar da Garça é um misto entre o menor preço e a história do lugar. Sendo um dos primeiros bares sentido norte da Área 2, é identificado pela construção da Sereia em sua frente. As mesas e cadeiras ocupam um espaço de mais ou menos 50m² na faixa de areia, que ocupa toda a frente do bar e da casa do vizinho, que aos fins de semana já tem sua mesa reservada e consome diretamente no Bar, em um tipo de acordo pelo uso do espaço.

Alan diz não ter uma opinião específica para falar sobre a chegada nos novos estabelecimentos. Ele se diz dividido entre a preocupação com o meio ambiente, mas pensa no aumento da clientela do Bar da Garça:

Para o bar, com certeza vai melhorar o movimento da clientela aqui muito consideravelmente. Mas no caso do meio ambiente, a questão do mar... pra gente não vai prejudicar muito porque o nosso peixe é de alto-mar, né? A poluição vai ficar aqui na parte de baixo do mar, aí vai atrapalhar o curral que até já diminuiu bastante a quantidade de peixe que meu pai pegava há 10 anos atrás, por exemplo a carapeba que a gente pegava tanto que a gente tinha que vender barato mesmo pra se livrar. Eu mesmo queria que as coisas continuassem assim do jeito que tão... Mas 2020 tá chegando aí, né? Que é quando vão entregar o dali da Jurubeba (ALAN, 25 de Fevereiro de 2018, em conversa durante as fotos da cozinha do Bar da Garça).

Alan compartilha da mesma opinião de muitos comerciantes da região, a de que a chegada dos novos estabelecimentos irá trazer mais consumidores e fluxo de comércio para a região, mesmo com o risco em potencial de agressão ao meio ambiente, a expectativa em torno da melhoria de vida com a chegada dos edifícios é grande.

3.5 Rua Jurubeba: hibridismos e rachaduras

Foi em uma das primeiras caminhadas pelo bairro, ao lado de Luiz, que conheci a Rua Jurubeba. Era uma manhã de domingo, estávamos na orla e de longe já se imaginava que estávamos chegando na rua: uma escada improvisada com pedras no barranco, algumas âncoras e restos de embarcações. Ao subir o barranco, uma cena comum do fim de semana da Rua Jurubeba, o terraço da primeira casa da rua com uma reunião de pessoas. Eram amigos, Luiz logo disse que eram da família Dos Anjos, uma das famílias que construiu a rua, já que antes aquela rua era apenas um único terreno. Eles estavam fazendo um churrasco e comendo alguns mariscos e peixes pescados. Muitos deles estavam retornando da pesca que começara no nascer do sol. Luiz conhecia algumas figuras presentes e nos apresentou. Estávamos na rua e de longe apontou para outro grupo em uma casa ao lado que também confraternizava a "cachacinha do domingo". Recebi diversos olhares, de curiosidade a negação, porém, a quem fui apresentada, todos demonstraram interesse em me auxiliar na pesquisa. Muitos falaram sobre a real necessidade de falar sobre a pesca na Garça Torta, que a cada dia vai "diminuindo", como eles mesmo falam.

Depois desse dia, visitei em vários outros momentos a rua, inclusive, comprando peixes na residência de Hortência, a primeira casa da rua ao lado esquerdo. Ela mora em uma das casas de uma pequena vila, onde todos que moram lá são parentes. Hortência é nativa da Garça e casada com Denis, atualmente dono de vários barcos que estão na Colônia Z-1, mas é pescador também. Muitos dos peixes que são vendidos na casa deles vêm da Garça Torta. Sua casa, que também é ponto de trabalho, é de dois andares. No térreo está a balança com uma boa estrutura para o corte e tratamento de peixes grandes. Hortência e Denis vivem com a renda da balança, a pesca os sustentou durante a vida inteira, desde seus ancestrais, já que Denis é da família Dos Anjos, dos quais falaremos adiante. Em alguns dos momentos que fui fazer compras na balança, perguntei a Hortência como ela percebia a obra e, vez ou outra, ela reclama do barulho da obra, diz "não ter mais paz" depois que começaram a levantar o prédio.

O acesso da rua pela rodovia AL-101 Norte é tão "camuflado" quanto o da



Foto 55 - Início da Rua Jurubeba, a amendoeira e o orelhão são pontos de referências utilizados para indicar a rua através da Rodovia. Ao fundo, a obra de construção do Riacho Doce Residence. 15 de Março de 2017.

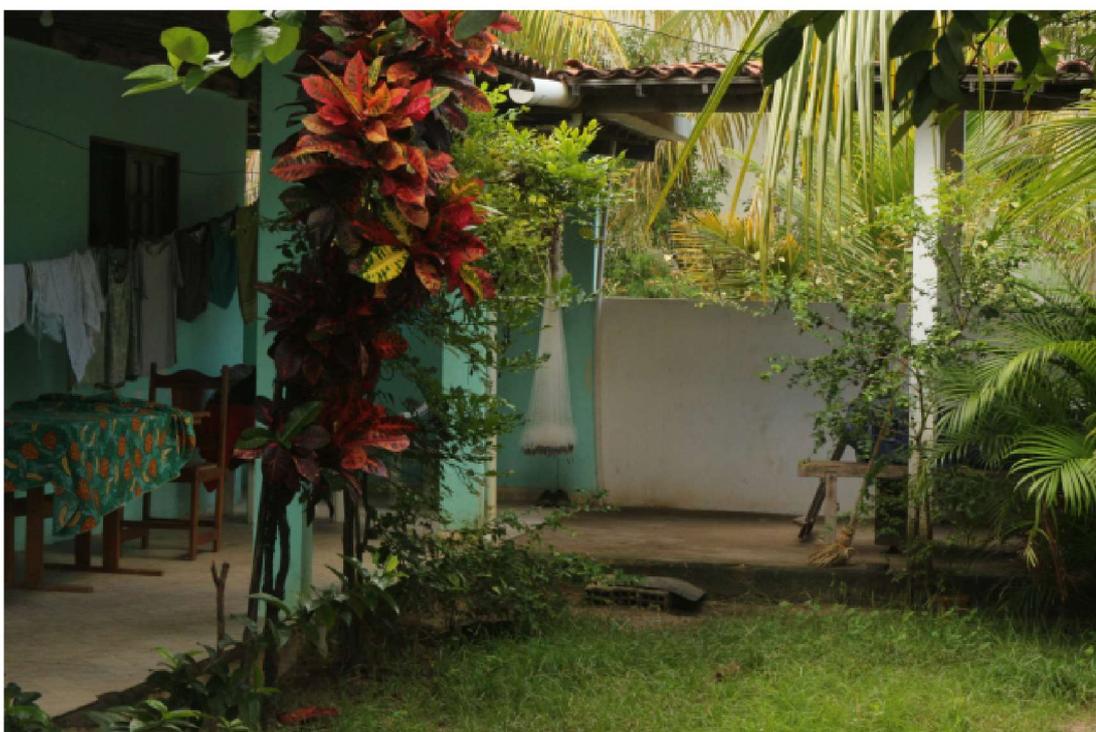


Foto 56 - Nos terraços da Rua Jurubeba, das famílias Lira e dos Anjos, muitos apetrechos como redes, pés de patos, máscaras de mergulho e ferramentas para uso na pesca. 15 de Março de 2017.

praia. Não há nenhuma sinalização que aponte para a rua que não mede mais que três metros de largura. O lado direito uma casa abandonada, sob uma grande amendoeira, servindo somente como garagem para os carros dos vizinhos. Ao todo, são 15 construções de casas e várias delas recebem algum tipo de reforma para a construção de puxados, ou andares. A arquitetura das casas não seguem um padrão comum entre elas, variando da varanda de muro baixo ao caixote vertical.

A rua não recebe calçamento e, assim como a rua onde moro, nos dias de chuva formam-se córregos e crateras, que carregam todas as águas do bairro para a praia. Ao longo da rua, tanto percebemos a presença da planta Jurubeba, da qual vem a origem do nome, como já citado, quanto percebemos a presença de vários elementos e objetos ligados à pesca ou ao ambiente marinho. Conchas, redes de pesca, corais, pés de pato enfeitam as paredes, muros, varandas e janelas. A rua Jurubeba e o trecho ao redor da igreja São Pedro, na Rua São Pedro, são os locais de mais presença de elementos desse tipo. Perceptivelmente são casas de pescadores e parentes.

A grande novidade no dia a dia da Rua Jurubeba era a obra do prédio Riacho Doce Residence, que vem se erguendo desde 2016, trazendo incertezas, prejuízos materiais e mentais e muito barulho. Diante de um cenário claro de segregação espacial, me interessei em investigar se a obra do edifício estava afetando e/ou interferindo os moradores da rua e se estava acontecendo alguma transformação na dinâmica de vida destes.

Em conversas com um colega corretor de imóveis, ele diz acreditar que as vendas dos apartamentos- que custam em média R\$ 700 mil, são destinadas a um público estrangeiro ou de veraneio, já que o morador de Maceió vem buscando áreas mais centrais da cidade. Tomando ciência de informações internas do escritório da corretora responsável pelas vendas, 69% das vendas são para compradores estrangeiros, principalmente da Espanha e Itália⁶. Em algumas das imagens simuladas do material de divulgação do Riacho Doce Residence, a Rua Jurubeba é ocultada ou tem sua real configuração modificada.

6 - O informante pediu a ocultação do nome na pesquisa.



Imagem 4 e 5 - Imagens do projeto estrutural do Riacho Doce Residence. Fonte: RIACHO DOCE BEACH RESIDENCE. Plantas. Disponível em: <http://riachodoceflat.com.br/>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

RIACHO DOCE RESIDENCE - FLAT



FACHADA



Foto 57 - Fátima reduziu as tardes na porta de casa devido aos problemas respiratórios que adquiriu durante a obra de construção do Riacho Doce Residence. Segundo ela, muitos moradores da rua Jurubeba adoeceram após o início das obras.

O prédio já foi assunto de outras polêmicas na região. Em 2016, na época do lançamento do empreendimento, foram instalados cerca de 4 holofotes voltados para o mar, uma estratégia de marketing da corretora para conquistar compradores com o visual da praia. Em pouco menos de um mês, os pescadores perceberam a redução de peixes e crustáceos noturnos nas barreiras de corais em frente e nas redondezas da região iluminada. O caso foi denunciado, após várias reuniões entre pescadores da região e responsáveis pelas obras. A exigência dos pescadores de retirar os refletores foi acatada pela construtora, mas, recentemente, instalou-se uma nova placa com iluminação de refletores.

Passar pela Jurubeba também é certeza de encontrar Fátima. Ela é artesã e faz seus trabalhos na calçada de casa. Ela foi uma das primeiras moradoras da rua com quem pude conversar com frequência para obter dados e informações sobre a obra e os dias da Rua Jurubeba. Fátima também critica o barulho feito pela obra. Ela disse que antes da obra, a rua era acostumada com o silêncio e o som do mar.

O pior problema desse prédio aí é o barulho. Aqui nessa rua ainda tem uns idosos que vivem reclamando desse barulho. Eu mesma não consigo fazer muita coisa com o barulho. De vez em quando dá uns estouros aí que a gente fica é tudo preocupado, ninguém tem mais paz aqui. Tomara que termine logo. (FÁTIMA, 13 de Novembro de 2017. Em conversa em frente à sua residência)

3.5.1 Família Dos Anjos

A Rua Jurubeba foi um dos meus últimos locais de visita para pesquisar efetivamente. O período eleitoral foi de grandes conflitos na região e preferi me ausentar e dar início à escrita dos dados que já tinha obtido.

Passadas as eleições, na mesma semana fui à Rua Jurubeba disposta a encontrar algum parente da família Dos Anjos. Fiz o trajeto da praia, já sabendo que as primeiras casas pertenciam à família. Assim que subi o barranco, encontrei Josilene na varanda da primeira casa da rua, à direita. Me identifiquei como pesquisadora e falei do objetivo da pesquisa. Prontamente, ela disse que poderia falar um pouco, já que seu marido ainda pescava e ela era filha de um pescador aposentado, Martinho dos Anjos.



Foto 58 - A casa de Josilene é uma das primeiras da rua, subindo através da orla. As casas ao redor são de seus irmãos e de seus pais. 5 de Novembro de 2018.

Josilene, de 52 anos, é nativa da Garça Torta, mãe de dois filhos e viuva. Trabalha como técnica de laboratório em um hospital no bairro Farol. Passei uma manhã com Josilene, conversando sobre a sua relação com a pesca, sobre a Rua Jurubeba e sobre as recentes transformações no bairro, inclusive a construção do prédio.

Filha do casal de pescador e doméstica, Josilene fala de suas lembranças de juventude, mas foca principalmente no trabalho do pai, já que hoje seus irmãos, como ela diz, pescam por esporte:

Hoje eu ainda tenho 3 tios e alguns primos que sobrevivem da pesca ainda. Eu tenho um primo que vende alí em cima [falando sobre Denis] e ele tem o lugarzinho lá que dá renda pra ele. Mas antigamente, meus tios, meu próprio pai, só vivia de pesca. Na época, até meus 20 anos, meu pai ainda era pescador. Ele sustentou a família toda da gente da pesca. Ele ia pescar e lá na balança ele entregava pra o pombeiro que é a pessoa que pega os peixes a balança e leva pra outros cantos. Ele pescava e tinha uma demanda que a gente passava a semana toda do dinheiro da venda do peixe. Mas hoje a gente, a minha família, não vive mais de pesca. Meu pai vive da aposentadoria da pesca, minha mãe da aposentadoria de doméstica, eu sou técnica de laboratório, meus filhos são técnicos e meus irmãos todos têm outro emprego, só pesca por diversão mesmo. Todo fim de semana se juntam eles e outros primos, vão pro mar pescar um peixinho e uns mariscos e fazem um churrasco na volta. (JOSILENE, 2018, 5 de Novembro em entrevista)

Praticamente todos os moradores da Rua Jurubeba têm domínio de algum tipo de prática da pesca, os filhos de Josilene, por exemplo, sabem mergulhar com arpão e fazem pesca noturna, segundo ela, mesmo que eles tenham um trabalho de renda fixa, conseguem tirar uma renda extra pra complementar no aluguel ou despesas familiar.

Mesmo que eles trabalhem, tem um momento na família que o trabalho não é o suficiente pra manter. Aí eles sempre vão pra praia pra pegar uma lagosta, um polvo pra dar uma renda a mais no fim do mês. (JOSILENE, 2018, 5 de Novembro em entrevista)

Nesta parte da conversa, Josilene adentrou no assunto da situação do avanço imobiliário na região, falando sobre o ocorrido dos refletores do prédio voltados para praia.

A noite vão mergulhar, vão pegar o atum, pescar o agulhão que são mais do escuro. Aí, quando essas construção todas chegarem, o que vai dificultar aqui é essa iluminação. O pessoal se juntou e denunciaram o prédio até que tiraram. Era um monte de luz que parecia dia, aí prejudicou demais o pessoal que pesca a noite. [...] Botaram essas lampadas aí pra mostrar pra o povo pra vender. Você olha assim, eles não estão vendendo o que eles estão gastando no prédio, eles tão vendendo o mar. Eles estão influenciando

[a venda dos apartamentos] em termos da natureza, né. Porque "ah, é um prédio tão bonito desse em frente ao mar..." então assim, eles tão vendendo mais o luxo que é natureza, eles não tão vendendo o prédio. Porque o pessoal tá indo nessa coisa de: "ah, vou morar na beira da praia, e é muito calmo...", mas tá prejudicando a quem quer sobreviver. (JOSILENE, 2018, 5 de Novembro em entrevista)

Aproveitei o gancho do desabafo de Josilene e perguntei sobre algum incômodo que a construção do prédio causou para ela.

A gente já até acostumou... A gente já acorda com esse barulho. No início foi muito difícil, quando eles tavam cavando, aqui chega ficava abalando. A casa do meu irmão mesmo tem partes rachadas, o muro você pode ver lá, ó [apontando pra casa de seu irmão Marcelo], tá todo rachado. A casa desse meu irmão aqui não rachou tanto, porque já é uma casa de laje, não é só de tijolo, tem umas ferragens e tal, mas o do meu irmão ali em cima mexeu completamente. Agora que ele tá ajeitando, tentando dar um jeito. Nesses dias aí que entrou aquele vento forte, o nordeste, o vento quebrou um monte de árvore, as bananeiras e planta que tinha aqui. Porque antigamente o vento passava direto, aí com o prédio aí, o vento tá vindo lá de cima pra baixo, ficou um redemoinho ali. Antigamente a gente tinha um sol, esquentava bem, agora fica um sombrero aí. (JOSILENE, 2018, 5 de Novembro em entrevista)

Apesar dos transtornos causados pela construção do prédio, Josilene diz que a rua é um lugar muito tranquilo pra morar e não pensa em sair.

Agora... Dizer que aqui é um lugar ruim de morar, não é não, é uma moradia muito boa. Como a gente vê por aí como tá a vida, a violência aqui por perto, lá em cima, aqui eles têm muito respeito. Nunca entraram aqui pra mexer em nada. Você vê aí as máquinas [de lavar roupa], tudo aqui fora, mas ninguém nunca mexe me nada. A gente tem uma segurança aqui que até agora não apareceu nenhum de fora pra mexer com a paz da gente. (JOSILENE, 2018, 5 de Novembro em entrevista)

Josilene e seus sete irmãos nasceram e cresceram na Rua Jurubeba. Onde antes era apenas um sítio com várias plantações da planta Jurubeba que foi se desmembrando para irmãos e primos, hoje é uma quadra de casas e uma vizinhança formada praticamente pela mesma família. Ela falou de como se deram as divisões do terreno e reconhece onde cada parente mora na região.

A construção da Rua Jurubeba através da prática de divisão de terrenos entre parentes, principalmente por herança, justifica a configuração das ruas, travessas, vilas e becos que não são oficialmente cartografados, mas possui uma dinâmica de fluxos

e memórias ligados à pesca artesanal, já que a principal fonte de renda para que se construísse a rua provinha do trabalho de pescador, sobretudo, de Seu Martinho, pai de Josilene, que comprou o terreno junto à sua esposa, Dona Jó.

3.5.2 Martinho da Rua Jurubeba

Enquanto eu conversava com Josilene, Seu Martinho estava sentado em frente de sua casa. Era impossível não perceber sua presença, contrastando com as roupas brancas do varal que secavam na estrutura de fio de telefone amarrada em duas estacas de madeira.

Me apresentei e perguntei se ele teria um tempinho pra conversar comigo. Com uma cara séria me respondeu:

Só se você não vir me perguntar se eu já matei gente. Porque eu só matei peixe e, mesmo assim, às vezes tinha dó de matar. Sabia que tem um peixe que não pode matar? Sabe qual é? [surpresa, balancei a cabeça em sinal de negativo] É a Arabaiana. Quando você pesca ela, ela fica se tremendo um pouquinho. Meu pai falou que não se mata arabaiana, deixa ela lá no barco que ela treme um pouquinho e depois morre. Mas tem outros peixes que pulam demais, aí a pessoa tem que dar um golpe pra ele não voltar pra o mar... [Nessa hora Seu Martinho deu uma risada, trazendo um ar de ironia e deixando o clima mais descontraído.] (MARTINHO, 5 de Novembro de 2018, trecho de entrevista em frente à sua casa).

Filho de Manuel Bispo dos Anjos, um mestre em jangadas enquanto vivo, Martins dos Anjos nasceu em Guaxuma, em 13 de Outubro de 1940, cresceu em um sítio ao lado do Riacho Garça Torta, onde conheceu sua esposa Jó, um mês mais velha que ele e aos 20 anos, ao se casarem, juntaram o dinheiro que tinham e pediram emprestado para completar o valor de um terreno no sítio Jurubeba.

Seu Martinho conta sua história com muita lucidez. Um exímio conhecedor do mar e de uma consciência política e social surpreendente. Trazia em suas memórias os casos da vida, como a saúde e o falecimento da mãe, sempre citando os saberes medicinais populares da época; as histórias de pesca junto ao pai e da genialidade deste em suas obras diante dos recursos disponíveis para a pesca artesanal daquela época.

Meu pai fazia jangada que você não vai ver mais nunca por aqui. Hoje em dia já não existe mais. Mas na época, pescador nenhum fazia jangada como ele fazia. Eram de 7 à 8 paus de ibiriba ou sapucaia e umas tábuas pra fazer os bancos. Eu vou ver se acho aqui uma foto pra mostrar a você... [Ô, Jó!

Vê se tu acha aí alguma foto de mim do meu tempo de jangada...] Acho que não encontra mais não, só deve ter foto minha com a Janga, que de 1980 pra cá foi quem substituiu à Jangada. Até porque os proprietários não queriam mais esse tipo de barco e depois o IBAMA proibiu, aí a gente teve que procurar tábua pra fazer esse tipo de janga que você vê lá na balança. (MARTINHO, 5 de Novembro de 2018, trecho de entrevista em frente à sua casa).

Neste momento, me instiguei com a possibilidade de ver o acervo fotográfico de Seu Martinho e pedi para ver mais fotos, a resposta me remeteu à situação de dona Maria, da balança de peixes, e de uma realidade tão discutida no tema do uso da fotografia enquanto memória, acervo e reafirmação identitária.

Minha fia, aqui a gente não tem muita foto, o povo quem fazia muita foto da gente, mas antigamente era difícil do povo dar as fotos pra gente e nós aqui mesmo nunca tivemos máquina nem nada, pescador era muito pobre. O povo que tinha mais dinheiro, que vinha ver nós de vez em quando, tinha a máquina e fazia uns retratos, mas nunca chegou na nossa mão. O acesso era difícil. Hoje em dia é mais fácil que a pessoa já vê a foto no celular assim que tira, as antigamente era muito difícil. (MARTINHO, 5 de Novembro de 2018, trecho de entrevista em frente à sua casa).

A fotografia é memória e com ela se confunde. O estatuto de recorte espacial/interrupção temporal da fotografia se vê rompido na mente do receptor em função da visibilidade e “verismo” dos conteúdos fotográficos. A reconstrução histórica de um tema dado, assim como a observação do indivíduo rememorando, através dos álbuns, suas próprias histórias de vida, constitui-se num fascinante exercício intelectual, onde podemos detectar em que medida a realidade anda próxima da ficção (KOSSOY, 2002, p.123). Para minha infelicidade, Jó não encontrou a fotografia com a Jangada, mas trouxe para Seu Martinho a fotografia da família inteira. A data não é lembrada, mas ao olhar para imagem, ele recontou a história de cada um de seus filhos, junto às suas memórias da construção da Rua Jurubeba e o trabalho da pesca.

Em 1959 eu conheci ela [D. Jó], quer dizer, conheci não... A gente já era vizinho do bairro, eu morava em Garça Torta e ela aqui no Riacho Doce com os pais. Ai começamos a nos encontrar, aí tocamos o barco, né? Eu fiz proposta de amor a ela, ela aceitou, E terminamos casando depois de 3 anos de namoro, casamos. Aí fiz uma casinha com o dinheiro da pesca, que eu juntava sempre. Aí a minha primeira morada fica alí onde hoje é a balança de peixe do Denis e da Hortência, era uma casinha de palha. Aí por interesse meu e dela [D. Jó] compramos esse terreno aqui [sinalizando



Foto 59 - S. Martinho, enquanto olhava para as fotos, mantinha um olhar contente e um ar de orgulho, citando as conquistas dos filhos e falando sobre como a vida na pesca o sustentou para gerir a família. 5 de Novembro de 2018.

a rua], com ajuda, viu!? Eu tinha metade do dinheiro, mais da metade um pouco. Ela arrumou um dinheiro emprestado, aí eu disse; e agora pra nós pagar? Mas graças a Deus aquele tempo foi um tempo bom. Foi um tempo do lançamento da pescaria de rede, foi um tempo bom de pescaria. E aí eu tô aqui há uns 40 anos, né? (MARTINHO, 5 de Novembro de 2018, trecho de entrevista em frente à sua casa).

Ele fala da configuração da rua durante sua chegada e de como chegou ao que hoje é a Rua Jurubeba.

Quando eu cheguei aqui, tinha dois cunhados meus que moravam alí em cima, com a minha casa, 3. Tinha uma casinha de palha aqui na frente da casa da minha filha Josilene, e um lugarzinho pra guardar os barcos. Aí quando eu cheguei, fiz essa casa aqui do meu filho Marcelo, depois que construí vim aqui pra essa que tô agora. Aí a família foi crescendo e cada um foi levantando sua casinha aí. E hoje tá assim... Coisa linda. (MARTINHO, 5 de Novembro de 2018, trecho de entrevista em frente à sua casa).

3.5.3 É o progresso...

Visitei Seu Martinho em outros dias. O dia a dia de Seu Martinho e dona Jó é de receber filhos e netos praticamente durante todos os dias. Dona Jó sempre arrumando a casa e nos divertindo com suas piadas, já Seu Martinho comumente estava sentado na calçada de casa ou sentado na beira da praia conversando com amigos, irmãos e/ou primos. Desde minha primeira visita fui muito bem recebida e convidada para acompanhar as refeições. Nesses momentos pude me aproximar mais ainda não só deles dois, mas de seus filhos e netos.

Sempre conversávamos na varanda, e comumente chegavam amigos da família para conversar durante as tardes. A maioria dos visitantes era de pescadores antigos e ainda em atividade. As histórias sempre eram relacionadas à pesca ou sobre os tempos antigos da região, principalmente quando sabiam que eu estava pesquisando o tema da pesca. Percebi que o fluxo de transeuntes da Rua Jurubeba era praticamente de familiares da família Dos Anjos ou conhecidos. Dificilmente transitava alguém que algum deles não conhecesse.

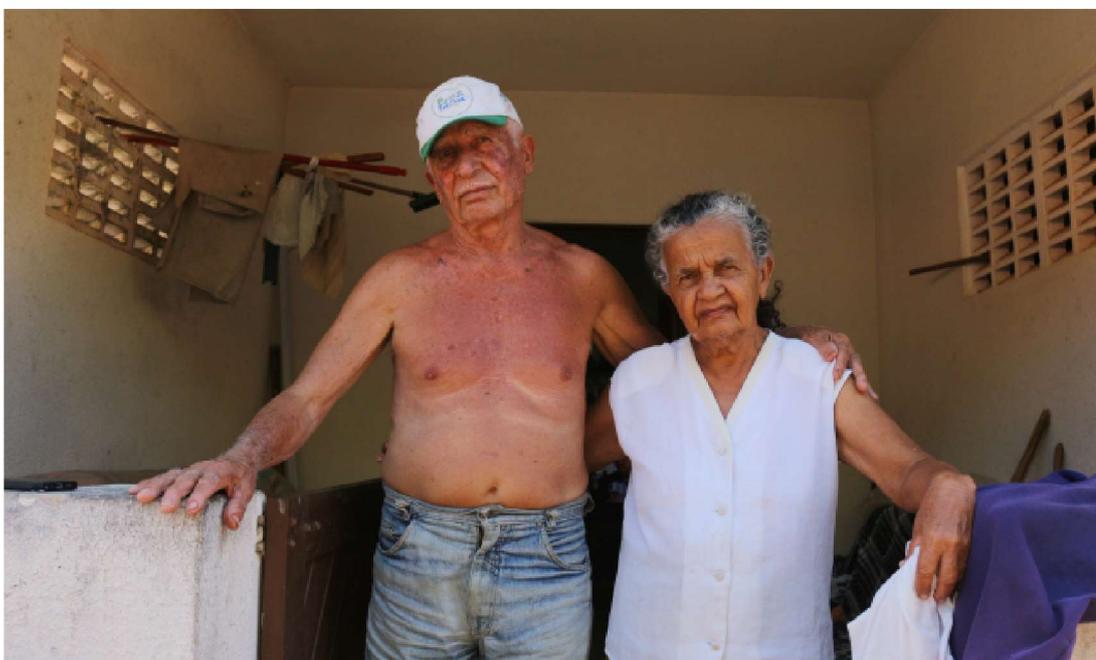


Foto 60 - Seu Martinho e dona Jó são os principais responsáveis pela criação e desenvolvimento da Rua Jurubeba. Através das partilhas de terrenos entre filhos, irmãos e primos. Apesar de oficialmente a rua Jurubeba pertencer ao bairro do Riacho Doce, Seu Martinho e dona Jó concordam que a rua pertence aos dois bairros, pois, quando eles começaram a morar no antigo sítio, “tudo aqui era uma coisa só”.

A pequena casa de Seu Martinho e dona Jó tem 2 quartos, um banheiro, uma sala, uma cozinha e quintal. A TV LCD da sala, que tinha destaque na estante antiga de madeira e das peças de santidade que faziam a devoração, estava sempre ligada, mesmo que não tivesse ninguém assistindo. Seu Martinho diz que prefere ficar só ouvindo o barulho da TV. Dona Jó sempre estava espanando, varrendo ou batendo um pano em cima dos móveis, ela dizia que depois das obras do prédio, a casa vive cheia de poeira.

Nossas conversas em frente à sua casa sempre foram ao som da obra do prédio, menos nos fins de semana, que aí o barulho era apenas do som do encontro dos amigos na rua. Quando perguntei sobre possíveis incômodos da obra, S. Martinho foi bem categórico:

Olhe, não tenho nada contra não. Mas eu acho um absurdo eles levantarem um negócio de mais de 10 andares aqui. Mas você sabe, como eu já lhe falei, o poder aquisitivo é outro.. Dinheiro, né? Eu não tenho nada contra não, nisso aí não há nada perdido... São riquezas e recursos que o Estado está acumulando, não é? E isso vai dar emprego de tanta gente! Porteiro, zelador.. Conforme seja o poder desse prédio.. Que o povo diz que vai ter escritório, consultório, vai ser tanta coisa, né? Morada e um aparte comercial também. Agora, relativo ao pessoal, eu acho assim.. Por exemplo, aqui quando dá 15h da tarde já tá tudo escuro! [falando com indignação] Aí fecha a luz do sol, aí a gente já fica no escuro... Se tier precisando de um solzinho naquele momento não tem mais, tem é frio. F é tão bom o sol, né? Mas as coisas vão se modificando... É o progresso... Tem tanta gente trabalhando aí nesse prédio ó... Um monte de homem aí e até mulher. Tão ganhando, ó.. A vida não é assim? O homem tirando de um canto, levando pro outro e avançando.. O que é que a gente vai ser? O que é que a gente vai fazer? Contra a gente não pode ser porque quem quem somos nós no poder? A gente somo pequenininho, lado dos pobres..." (MARTINHO, 13 de Novembro de 2018, trecho de conversa em sua casa).

O discurso de S. Martinho sobre o poder do capital acima das "ordens da natureza"⁷ também é muito forte e assertivo. Perguntei a ele sobre a sua infância e a memória do Riacho Garça Torta, que passava ao lado do sítio em que ele nasceu.

Sabe o que falta hoje? [sobre o riacho] Assorimento! Tratamento de limpar os rios! Tirar aquelas partes de aterro, aliás... Muita areia que com as cheias vai aterrando! Termina o rio ficando uma coisinha, um corredorzinho de nada... Só pular de um lado pro outro, num rio que era largo, que a gente tomava banho, minha fia! Mas isso aí é um descontrole entre os proprietários de um lado e do outro que é tudo rico! Tudo é dos ricos.. Tudo propriedade privada. Daí o rio perde o curso de água e o poder de criação... Infelizmente é assim e nós não podemos dar mais jeito. (MARTINHO, 13

7 - Termo usado por S. Martinho para falar sobre o meio ambiente e a dinâmica da natureza.

de Novembro de 2018, trecho de conversa em sua casa).

Seu Martinho é muito ligado à política e faz críticas ao sistema político adotado nas recentes eleições. Conversamos sobre o golpe, feminicídio, justiça brasileira, racismo, direitos humanos, sistema carcerário e a violência que aumenta de acordo com o "avanço do mundo". Para ele que acredita que a educação é a salvação da humanidade, a escolha de abandonar as políticas sociais do governo eleito é um grande retrocesso e foram várias as vezes que ele repetiu que estávamos "nas mãos de monstros terrestres".

É como os meus velhos amigos que já se foram diziam, "não espero nada de bom daqui pra frente". Pode ser que daqui pra frente, um milagre aconteça. A gente vai ter que lutar muito pelos nossos direitos daqui pra frente. Mas é como eu acredito: a mudança só vem com a educação. A mudança só vem primeiro a família, depois na escola! (MARTINHO, 13 de Novembro de 2018, trecho de conversa em sua casa).

Atualmente aposentado e com a saúde comprometida devido a quatro hérnias na coluna que adquiriu ao longo da vida de pescador, criou os oito filhos com a renda exclusivamente da pesca artesanal e esse fato é motivo de muito orgulho para Seu Martinho que não teve a oportunidade de concluir seus estudos, cumprindo apenas o 1º grau científico da época. Sua infância e adolescência foi ajudando o trabalho do pai na pescaria.

A gente tem que agradecer ao grande pai. Porque vir pra cá pra você não ser cumpridor dos seus deveres e daquilo que você acha belo, bonito e não fazer, não fez nada, estragou tudo, estragou a vida, né? Como eu vejo muitos aqui que deixam de trabalhar pra viver a vida de bebida. Se juntam só pra falar batatinha, pra beber. Mas eu não tenho nada a ver com isso não, cada um faz da vida o que quer, mas eu queria que não fosse assim. Queria que fosse os cumpridores dos seus deveres, estudassem, trabalhassem. Eu mesmo não estudei, até achei oportunidade. Tinha um senhor daqui que era amigo de meu pai, porque pescador é bom de fazer amizade, aí ele disse que ia me colocar numa escola acho que era o Senai, não sei... E meu pai disse: "não, vai me ajudar aqui na pesca, a cuidar dos outros irmãos". E o que eu aprendi foi a pescar, plantar uma rocinha, arrumar um pedaço de chão pra pagar com a renda. De cada 3 a gente dava um, era chamado o trabalho de terça. (MARTINHO, 5 de Novembro de 2018, trecho de entrevista em frente à sua casa).

Mesmo não deixando claro em falas, a saúde e bem-estar de Seu Martinho é afetada diretamente. Com a sombra provocada pela construção do prédio, o clima da

Rua Jurubeba diminuiu durante as tardes, desta forma, a dores sintomáticas das hérnias da coluna de Seu Martinho aumentam progressivamente. Em quase todos os nossos encontros durante a tarde, ele veste uma calça moletom e uma blusa comprida, diz que já está esfriando e pede para conversar dentro de casa.

Seu Martinho também é um personagem agente na construção do bairro da Garça Torta, já que, através da dinâmica de partilha do terreno, formou-se uma rua oficialmente cartografada. A experiência de conhecer, dialogar e compartilhar alguns momentos do dia a dia de Seu Martinho e sua família foi uma das principais para a aproximação com a vida do pescador e para a construção de uma compreensão de como os conflitos aumentaram de acordo com a intensificação dos processos de urbanização da Garça Torta, do rico ao pobre.

COLÔNIA Z 1

CAPÍTULO 4

Crônicas visuais

4.1 A pesca artesanal

4.1.1 Chegada de Jangadas

O momento da chegada das embarcações na Colônia de Pescadores da Praia Garça Torta é sempre um momento de euforia e senso de coletividade. Ao avistar a embarcação chegando, grupos de 3 à 8 pessoas se organizam para preparar o material para deslizamento da embarcação até o pátio de estacionamento, na faixa de areia onde a maré cheia não alcança. Segundo eles, essa é uma técnica ensinada pelo “povo antigo”, pais e avós dos atuais pescadores. São dois troncos de coqueiro colocados em perpendicular com o barco, pedaços de tábua e madeira para “aprumar” o barco no tronco. Geralmente são grupos formados apenas por homens. Neste dia, porém, uma jovem, ex moradora da Praia da Garça Torta, auxiliou a chegada do barco em troca de alguns peixes.









4.1.2 As marés secas

Os movimentos de maré seca da Garça Torta são os mais interessantes para se observar o fluxo de moradores e frequentadores do bairro, já que nas marés cheias é impossível transitar a faixa de areia devido ao avanço dos casarões na faixa de areia. Nas marés secas em dias úteis da semana, os jovens transitam na faixa de areia para ir ou voltar da escola; alguns pescadores da região vão até as pedras para pescar crustáceos, outros fazem apnéia com máscaras e mergulho ou apenas aproveita os dias de folga. Nos fins de semana, observa-se os vendedores de petiscos percorrerem entre os grupos de banhistas, cadeiras e sombreros espalhadas pela orla, banhistas visitando os currais, além dos surfistas no “pico da Garça”.







4.1.3. Currais da Garça

Atualmente, as estruturas de curral de pesca no mar em atividade estão concentradas principalmente no litoral norte da cidade, devido ao solo mais sedimentado e às grandes bancadas de areia e/ou recife. Na praia da Garça Torta ainda é possível observar 6 estruturas de currais: um em atividade, o avestruz, e cinco estado de abandono ou decomposição devido ao tempo e/ou depredação do homem - como no caso de alguns surfistas que quebram mourões para ganhar mais espaço nas descidas de ondas. Existem, ainda, mais 7 locais de perfuração de curral, estas, apenas reconhecidas por pescadores antigos e que conhecem o território. Ao todo, são 13 perfurações e cada uma recebe o nome dos formatos das pedras ao redor delas.









4.1.4 A pesca, a pista e a fé

29 de Junho é dia de São Pedro, santo protetor dos pescadores e padroeiro da Igreja Católica da Garça Torta. O primeiro sinal da festa foi às 6h da manhã, com fogos em frente à igreja, dando início à primeira missa. O clima da região era de euforia, a Copa Mundial de Futebol e as festividades juninas traziam uma alegria que contrastava com as poças de lamas formada em toda a Rua São Pedro e suas perpendiculares. Às 17h saiu, da Igreja Católica da Garça Torta, a procissão com moradores do bairro e membros da igreja, carregando a imagem de São Pedro e percorrendo a rua em direção ao norte. Ao sair da São Pedro, a procissão subiu a Rodovia, amparada por duas viaturas do Departamento de Estradas e Rodovias (DER) e seguiu em direção à Igreja Matriz do Riacho Doce. Em pouco tempo se formou um grande congestionamento, alguns carros não ultrapassaram a procissão de forma agressiva. Era uma clima de tensão e fé.









4.1.5 Pesca presente!

Os objetos, intervenções, detalhes e dinâmicas da Garça Torta transmitem a informação de que ali é um espaço vivo de pesca. Delimitar esses espaços não é uma atividade fácil, pois a pesca na Garça Torta é presente ainda em comportamento, gestos, sabedorias, ancestralidade e memória. Encontra-se a pesca em cada ângulo, em cada muro, em cada experiência no bairro, em histórias de vidas, em marcas e em trajetos.







4.2 Gentrificação

4.2.1 Os gritos das placas

Segundo Ingold (2011), os seres são conhecidos como fatos e como dados. Não são registrados como trilhas de uma existência. Suas vidas não são descritas como as linhas de um texto. A natureza, para a ciência, não é um ser próximo, não é parte de nós, mas é, sim, um mundo desconhecido. Trazendo para o contexto do processo de gentrificação na Garça Torta é possível realizar uma análise da comunicação das placas que fazem parte da paisagem urbana do bairro. Nas placas, podemos identificar dados, informações e modo de conviver com a natureza e dinâmica da Garça.







4.2.2 Muros e cercas

São dos contrastes dos espaços públicos e privados que compreendem-se os conflitos sociais do bairro. No trecho de 1,5 Km de extensão da Garça Torta, são encontrados apenas 3 acessos públicos à praia. A margem orla é tomada por grandes muros e casarões, frequentados no verão ou fins de semana; enquanto as casas adentro, ocupada por antigos moradores, ou inquilinos destes, tentam preservar a varanda aberta. O que antes era um terreno de roça, com poucas casas que iniciava na barreira e fazia quintal na praia, hoje é um dos lotes mais caros da cidade de Maceió.







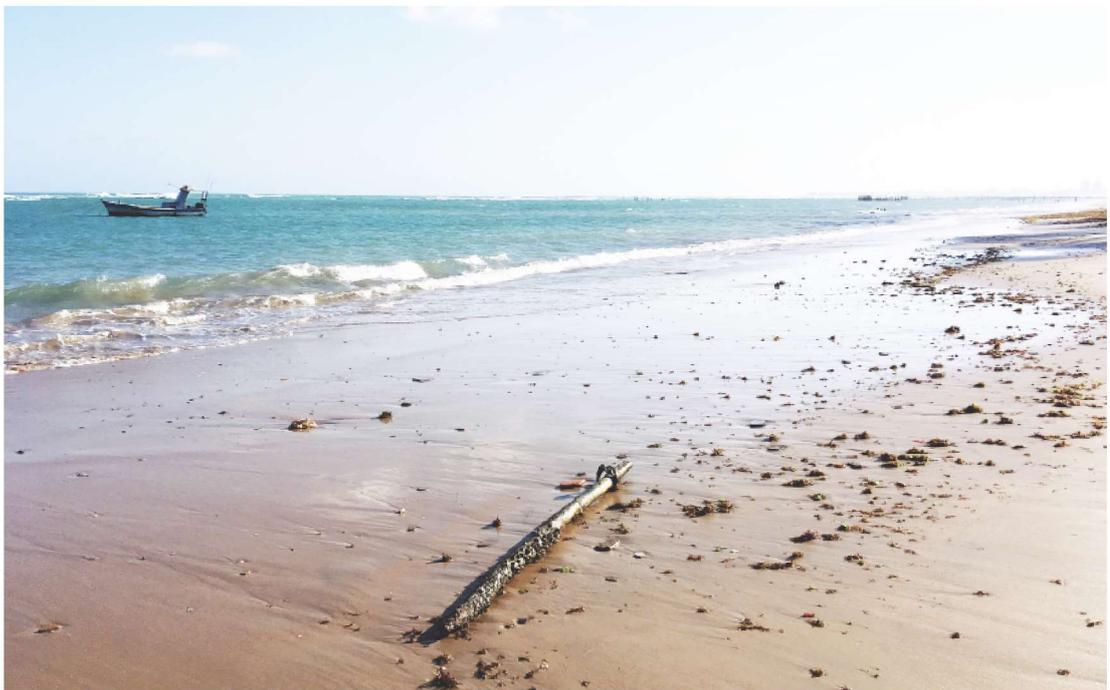
4.2.3 Duas orlas

A orla é um bom espaço para compreender as fronteiras que não se enxergam. No trajeto revela-se uma visível divisão comportamental e de consumo dos frequentadores. Enquanto um lado estimula um marketing paradisíaco da Praia da Garça Torta e o estilo hippie de viver a vida, o outro, mesmo que ao lado, reflete uma realidade distante e distinta. No lado mais pop, o frescobol, a cerveja artesanal e a música ao vivo nos fins de semana garantem a diversão do público jovem, moradores que chegaram na Garça entre os anos 70 e 90, LGBT e estrangeiros; enquanto a área de casarões próximas à Colônia de Pescadores é transformada em grande campo de futebol de praia, com sombreiros, caixas de isopor, churrasqueiras e equipamentos de som para os amigos e familiares de nativos e de grupos que lotam os poucos pontos de ônibus para chegar e sair do bairro. O que resta da visita de ambos os grupos é o lixo.







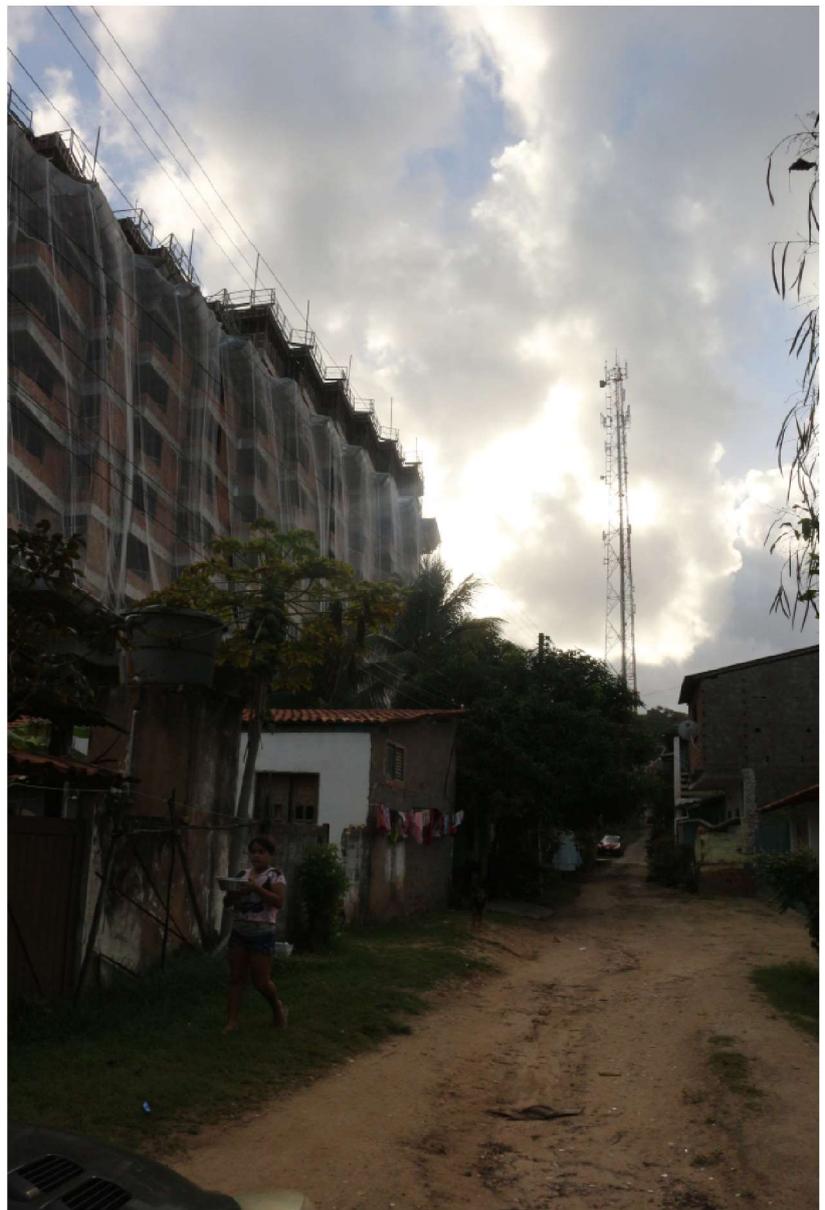


4.2.4 Rachaduras

“Enquanto os ricos levantam um negócio desse tamanho, as casas dos pobres vai caindo.” S. Martinho. 31 de Novembro de 2018.









4.3 Derivas

4.3.1 Becos, puxados e entrocamentos

Os recortes dos antigos grandes terrenos resultaram na geografia singular da Garça Torta. Com as construções de puxadinhos e vilas dentro das terras das primeiras famílias que aqui chegaram, formaram-se becos, vielas, ruas e travessas que somente percorrendo entre elas, têm-se a dimensão da guerra do espaço público.







ALUGO
CASA
99617-9105



4.3.2 Garça Escura

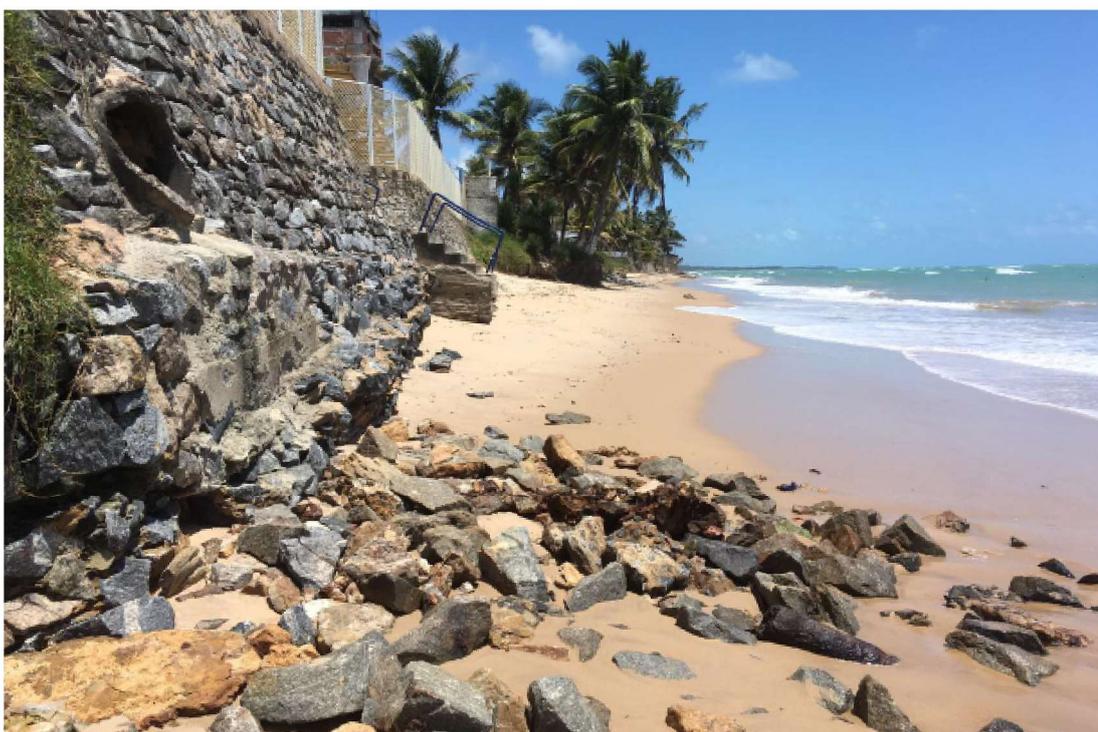
“O nome desse bairro devia ser Garça Escura, porque a pessoa sai a noite e não vê um palmo pra frente. A noite é perigo de bicho e gente, por isso que não tem ninguém na rua, quem é doido?” Trecho de conversa no mercadinho Santa Terezinha após um assalto na Rua São Pedro.





4.3.3 Toda água e todo lixo corre para o mar

Mesmo dentro do mar, buscando silêncio, é possível ouvir o barulho da betoneira. Não há como se distanciar do objeto de pesquisa, não há como se distanciar dos córregos de esgoto que chegam ao mar, não há como se distanciar de um futuro incerto para o bairro que há anos resiste e é transformado. A magia envolta ao bairro é inexplicável, mas existe. Por ser um mar de conflitos, faz com que também reflitamos nosso lugar no mundo como ator ou como espectador, como vírus ou cura.







CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo esta escrita - acreditando que a pesquisa, a observação de campo e as interpretações continuam vivas e apresentando dados - em um cenário perfeito para qualquer pesquisador: ver suas hipóteses e entendimento de campo indo por água abaixo.

Ao atravessar as eleições presidenciais de 2018 no bairro da Garça Torta, pude perceber as contradições em meio à crise e dualismo social e transformar meu ponto de vista diante das situações ocorridas na região, como as ameaças públicas aos jovens homossexuais moradores do bairro, por parte de nativos da Garça Torta, donos de estabelecimentos, que outrora recebiam em seu bar grupos LGBTs e esquerdistas, entrando em conflito com clientes e vizinhos. O grupo de WhatsApp da Associação dos Moradores da Garça era alimentado por enxurradas de *fake news* e imagens manipuladas. As discussões entre os participantes deste grupo se estendia para as ruas, além da partidarismo para a presidência, os grupos se enfrentavam corpo a corpo pelos cargos de Vereador e Deputados Estaduais. Houve três ocorrências de disparo de arma de fogo neste período eleitoral.

Mesmo sem me posicionar politicamente para os grupos em que pesquisava, eu já era considerada uma "petralha" ou de esquerda devido ao lugar de pesquisadora da Ufal. Devido aos vários casos violentos na região, ameaças e informações que circulavam no bairro, tive que me manter afastada do campo. Um afastamento forçado e necessário para a concentração na escrita a qual, por vezes, me controlei para não apagar tudo do início e reescrever com outro entendimento sobre a Garça Torta.

As falas, as imagens, os gestos, as angústias, permanecem aqui como forma de memória, mas se transformam diariamente. Muito do que foi escrito, fotografado, interpretado aqui se transformou. Assim como a paisagem. O prédio que eu quase não enxergava da janela já está com a cobertura finalizada. O antigo morador que dizia: "Abraça a Garça" cedeu seu lote para a construção de uma pousada feita com *containers*. A liberdade de gênero só existe no imaginário da Garça Torta *hippie*. A luta pelo

meio ambiente é travada por indivíduos que diariamente dejetam descartáveis na areia da praia. Perder o encanto é ir além. Se faz necessário observar e absorver a intervenção de mulheres contra o assédio sexual na praia e a queima de pneus na rodovia para reivindicar melhorias no sistema de energia.

Ao percorrer o litoral do estado de Alagoas, tem-se uma dimensão ampla da problemática ambiental, social e econômica destrutiva dos setores da monocultura e do turismo - este último que estimula e justifica muitos dos processos de gentrificação rural no Brasil. Analisar tais dados sob a luz da Antropologia, me faz acreditar ainda mais em uma colonização contínua, um padrão de desenvolvimento urbano baseado em explorar, manipular, marginalizar e exterminar populações de saberes e fazeres e tradicionais. O futuro ameaça constantemente o passado, mesmo que em forma de apagá-lo ou de transmiti-lo. Sendo assim, vejo a memória como uma grande aliada da vida destas populações, como forma de garantir, reconhecer e resistir aos avanços do tempo do mundo. Tempo em que, junto aos interesses individuais e/ou para uma pequena parcela que detém poder econômico, está a necessidade do controle de informações, da liberdade e do espaço.

Aqui, "de perto e de dentro", é de onde realmente conseguimos acessar o afeto da pesquisa, é onde nos permitimos abrir mão da visão romantizada e, por vezes, envolta de um senso comum. Estar inserida em campo me permitiu perceber que os conflitos, de fato, são mais presentes nos limites - sejam visíveis ou não, onde cada um luta por seu espaço, por sua tribo e seu interesse, permitindo ou proibindo o acesso de terceiros - à praia ou à informação -, nem tão estranhos. Já em condição de liberdade, sem limites impostos, o senso de coletividade pulsa mais vivo, ultrapassando os conflitos existentes, cortando cercas e derrubando muros.

O futuro da Garça Torta aponta para uma grande transformação urbana em breve, mesmo sem uma consulta ao Plano Diretor, que está em revisão desde 2015. Os dados que se têm até o momento confirmam que já foi garantido, através de recursos garantidos pela Prefeitura de Maceió, mais de 70 milhões de reais para serem investidos em obras de urbanização na Garça Torta e estão inclusos o saneamento e a

pavimentação da Rua São Pedro.

O progresso, ao qual Seu Martinho também se referiu, causa insegurança, ansiedade e incertezas. De certo, acontecerá e trará novos campos para serem observados, sentidos, analisados, interpretados e documentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Otilia B., MARICATO, Ermínia e VAINER, Carlos. O Pensamento único das Cidades: desmanchando consensos, Petrópolis, Ed. Vozes, Coleção Zero à Esquerda, 2000

ARAÚJO, A. G. P. de Vaqueiros e Mestres em alto mar: uma análise de processos de trabalho dos pescadores de curral da praia de Bitupitá – Ce. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE, 15.; PRÉ-ALAS BRASIL, 2012, Teresina [Anais]. Teresina: UFPI, 2012.

BAUDRILLARD, J. O sistema dos objetos. São Paulo: Loyola, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BATESON, G. e MEAD, Margaret. Balinese Character. A Photographic Analysis. New York: The New York Academy of Sciences, 1942.

BITTENCOURT, Luciana. A fotografia como instrumento etnográfico. In: Anuário Antropológico/92. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994, p.225-241.

BOSI, Eclea. Memória e Sociedade: Lembrança de velhos. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1994

BOURDIEU, Pierre. Esboço de auto-análise. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRASIL. Lei nº11.959, de 29 de junho de 2009. Diário Oficial, Brasília, 2009.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas. São Paulo: EDUSP, 1998.

CALDEIRA, Teresa. (1997), "Enclaves Fortificados: A Nova Segregação Urbana". *Novos Estudos Cebrap*, nº 47, pp. 155-176.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp. 399 pp. 2000.

CAPELESSO, Adinor José; CAZELLA, Ademir Antônio. Pesca artesanal entre crise econômica e problemas socioambientais: estudo de caso nos municípios de Garopaba e Imbituba (SC). *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 14, n.2, 2011.

CASTELLO, J.P. O futuro da pesca e da aquicultura marinha no Brasil: a pesca costeira. In: *Ciência e Cultura: Temas e tendências. Ciências do Mar. Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*. Ano 62. Número 3. Julho/agosto/setembro/2010. p. 32- 35

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. 320p.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1995.

CRAPANZANO, Vincent. “Diálogo”. *Anuário Antropológico* 88, Brasília, p. 59-80, 1991.

COUTINHO, Solange Fernandes Soares; OLIVEIRA, Daniel Campello de; SILVA, Patrícia Alves da. Turismo, Lazer e pesca artesanal nos litorais norte de Pernambuco e sul da Paraíba: possibilidades e limites de complementariedades e conflitos. In: *REUNIÃO ANUAL DA SBPC*, 62, 2010, Rio Grande do Norte.

DARBON, Sébastien, “O Etnólogo e suas Imagens” in Etienne Samain (Org.), *O Fotográfico*, São Paulo: Hucitec, pp.101-111, 1998

DEVOS, R. V. . Das ruas de asfalto às margens das ilhas: conflitos, éticas de segregação e de uso comum das margens da cidade. In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. (Org.). *Etnografia de Rua - estudos de antropologia urbana*. 1ed. Porto Alegre: UFRGS, 2013, v. 1, p. 68-95.

DIEGUES, A.C. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. Editora Ática. 152 p., São Paulo, 1983.

DIEGUES, A.C. A pesca artesanal do litoral brasileiro: cenários e estratégias para sua sobrevivência. Instituto oceanográfico, 62 p., São Paulo, 1988.

DIEGUES, A. C. Pesca Artesanal: tradição e Modernidade. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SO CIAIS E O MAR 3., 1989. São Paulo. Coletânea de trabalhos apresentados ao Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil. Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo e Fundação Ford. São Paulo, 1989. 332 p. Disponível em: . Acesso em: Fev. 2012

DIEGUES, A.C. Povos e mares: leituras em sócio-anthropologia marítima. NUPAUB-USP, 269 p., São Paulo, 1995.

DOS ANJOS, José Carlos Gomes. No território da Linha Cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Fundação Cultural Palmares, 2006.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Cadernos de Campo, São Paulo, ano 14, n. 13, 155-161, 2005.

FRANÇA, Andréa. Cinema de terras e fronteiras. In: MASCARELLO, Fernando (org.), História Do cinema mundial. São Paulo, Papyrus, 2006, p. 395-412. Disponível em: <<http://site.sesc-se.com.br/cinema/historia+do+cinema+mundial.pdf>>. Acesso, jul. 2017.

FONTELES-FILHO, A.A., CASTRO, M.G.G.M. Plano de assistência técnica à pesca artesanal marítima do estado do Ceará (Brasil). Bol. Ciên. Mar. Fortaleza, n.37, p. 1-26, 1982.

GEERTZ, Clifford. Works and Lives: The Anthropologist as Author. California: Stanford, 1983.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica. Etnográfica [online]. 2006, vol.10, n.1, pp.161-173. ISSN 0873-6561.

GONÇALVES et al. A expansão urbana do litoral norte de Maceió-AL: rupturas e permanências na produção do espaço urbano do bairro de Cruz das Almas. Relatório Final apresentado ao Programa Semente de Iniciação Científica – PSIC, do Centro

Universitário CESMAC, 2015-2016.

GONÇALVES, José Reginaldo S. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: A Culturas como patrimônios. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

KOSSOY, Bóris Fotografia e História. 3ª Ed. rev.- São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S., Território e territorialidades: teoria, processos e conflitos. SP: Expressão Popular, 2009, p. 95-120.

HAMNET, Chris. The blind men and the elephant: the explanation of gentrification. P. 173-189. 1991. Tradução de Mayra Mosciaro.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. Mana [online]. 1997, vol.3, n.1, pp.7-39.

HALBWACHS, M. A Memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARVEY, D. A liberdade da cidade. In: GEOUSP 26., 2009, São Paulo. Anais..., São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009a. p. 9-17.

IBAMA. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil - 2007. Tamandaré. 2008. 224p.

IPHAN. Manual de aplicação do INRC. Brasília, Iphan/DPI, 2000.

INGOLD, Tim, "Temporality of the landscape" [1933] In: T. Ingold, The Perception of the Environment. Essays in livelihood, dwelling and skill, Londres, Routledge, 2000

IPHAN. Manual de aplicação do INRC. Brasília, Iphan/DID, 2000.

LESSA, R.P.; NÓBREGA, M.F.; BEZERRA, J.L.J. Dinâmica de populações e avaliação de estoques dos recursos pesqueiros da região Nordeste - programa REVIZEE / SCORE-NE. Recife: DIMAR, 2004, 246p.

LIMA, I.F. 1965 Geografia de Alagoas. São Paulo: Editora do Brasil S/A. Coleção didática do Brasil, São Paulo, 14p.

LIMA, W. C. R. Reflexões acerca da potencialidade cênica do Cacuri. Ensaio Geral Belém, PA, v. 2, n.4, p.123-132, ago./dez. 2010.

MACDOUGALL, David. 2006. The Corporeal Image. Film, Ethnography and the Senses. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49 - São Paulo, junho de 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2009. "Etnografia como prática e experiência". Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul.-dez.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2009. "Etnografia urbana". In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença. (Orgs.). Plural de cidade: novos léxicos urbanos. Coimbra: Almedina, pp. 101-113.

MALDONADO, S. C. Pescadores do mar. São Paulo, Ática, 1986.

MALDONADO, Simone Carneiro. Mestres e Mares: espaço e indivisão na pesca marítima. 2. Ed. São Paulo: Annablume, 1993.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os argonautas do pacífico Ocidental: um relato dos empreendimentos e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné. São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

MANESCHY, M. C. Pescadores currelistas no Litoral do Estado do Pará: evolução e continuidade de uma pesca tradicional. Revista da SBHC, n 10, p. 53 – 74, 1993.

MARQUES, J.G.W. Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica. NUPAUB-USP, 304 p., São Paulo, 2001.

MELO, Juliana Costa; SILVA, Paulo Rogério de Freitas; FILHO, Cícero dos Santos. URBANIZAÇÃO TURÍSTICA NA CIDADE DE MACEIÓ - ALAGOAS. Anais do III Seminário Regional Comércio, Consumo e Cultura nas Cidades, Sobral-CE, v. 1, n.º. 3, nov. 2017. Disponível em: <<http://srccc.com.br/rs-content/files/NKPQBFHDIE-OM109.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

NOBRE, Paula Cristina Luis. Dissertação de mestrado: Lugares-Comuns: a fotografia como lugar de afetos. Edição. Faculdade de Belas Artes: Universidade de Lisboa, 2013. 54 p.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Jogo de Espelhos - Imagens da representação de si através dos outros. Edusp, São Paulo, 1993, 272 pp.

NOVAES, Sylvia Cauby. "A construção de imagem na pesquisa de campo em antropologia". In: Iluminuras, Porto Alegre, v.13, n.31, PP. 11-29, jul/dez, 2012.

PARK, Robert E. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano", in VELHO, O.G.(org.), O fenômeno urbano, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

URBANIZAÇÃO TURÍSTICA NA CIDADE DE MACEIÓ - ALAGOAS. Anais do III Seminário Regional Comércio, Consumo e Cultura nas Cidades, Sobral-CE, v. 1, n. 3, nov. 2017. Disponível em: <<http://srccc.com.br/rs-content/files/NKPQBFHDIE-OM109.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

PAIVA, M. P. Recursos pesqueiros estuarinos e marinhos do Brasil. Fortaleza: UFC, 1997. 286p.

PEIRANO, Marisa. A favor da etnografia. Série Antropologia 130. Brasília: UNB, 1995. pp. 01-21.

POLLACK, Michel. Memória e Identidade Social. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RECHENBERG, Fernanda. “Notas etnográficas sobre o retrato: repensando as práticas de documentação fotográfica em uma experiência de produção compartilhada das imagens”, *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 3, n. 2 | -1, PP 9-22, 2012.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho. ECKERT, Cornelia. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ROSALDO, Renato. *Culture & Truth. The remaking of social analysis*. Boston: Beacon Press, 1989.

SACK, R.D. *Human territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAVAGE, M. e WARD, A. *Urban Sociology, Capitalism and Modernity*, Londres, Macmillan, 1993.

SASSI, Roberto. *Phytoplankton and environmental factors in the Paraíba do Norte river estuary, northeastern Brazil: composition, distribution and quantitative remarks*. *Boletim do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo*, v. 39, n.2, p. 93-115, 1991.

SILVA, C. N. et al. *Pesca e influências territoriais em rios da Amazônia*. *Revista Novos Cadernos NAEA*, v. 19, 2016, p. 193-214.

SILVA, Luiz Geraldo. *Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil*. São Paulo: CEMAR/Universidade de São Paulo, 1993.

SILVANO, R.A.M. *Ecologia de três comunidades de pescadores do rio Piracicaba (SP)*. Campinas, SP. 147p. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas Instituto de Biologia, 1997.

SMITH, Niel. *Gentrificação, a Fronteira e a Reestruturação do Espaço Urbano*. 1996. Tradução de Daniel de Mello Sanfelici.

SORANDO, D. y ARDURA, A. *First we take Manhattan. La destrucción creativa de las ciudades*. Madrid: Catarata, 2016.

VAN BELLEN, H.M. Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa. 2^a Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 256p.